

Danielli Katherine Pascoal da Silva

**EXPERIÊNCIAS COM A (PÁ)LAVRA NA UNIÃO DO
VEGETAL:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DO CONHECER
CAIANINHO**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do
Grau de mestre em
Antropologia Social.
Orientadora: Prof^a Dr^a Vania
Zikan Cardoso

Florianópolis
Novembro/2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Danielli Katherine Pascoal da
Experiências com a (pá)lavra na União do Vegetal : um
estudo antropológico do conhecer caianinho / Danielli
Katherine Pascoal da Silva ; orientadora, Vania Zikán
Cardoso - Florianópolis, SC, 2016.
185 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia Social. 2. aprendizagem. 3. linguagem.
4. ayahuasca. 5. religião. I. Cardoso, Vania Zikán . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Antropologia Social. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

"Experiências com a (pá)lavra na União do Vegetal:
um estudo antropológico do conhecer caianinho"


Danielli Katherine Pascoal da Silva

Orientador(a): Prof. Dr.ª Vânia Zikan Cardoso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores (as):



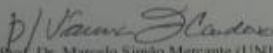
Prof. Dr.ª Vânia Zikan Cardoso (Presidente - PPGAS/UFSC)



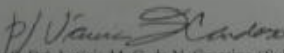
Prof. Dr. Esthevan Langdon (PPGAS/UFSC)



Prof. Dr. Evelyn Martina Schuler Zen (PPGAS/UFSC)



Prof. Dr. Marcelo Simão Mercante (UNISINOS, por videoconferência)



Prof. Dr.ª Letícia M. C. da N. Cesarino (Subcoordenadora PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 1º de novembro de 2016.

Dedico esta dissertação ao
Mestre Gabriel e à nossa
Matriarca Mestre Pequena,
exemplos de Homem e Mulher.

AGRADECIMENTOS

Como diz o poeta das simplicidades, “o meu quintal é maior do que o mundo” e o ser maior do meu quintal vem dos pequenos gestos de atenção que recebo de tantas pessoas entre as quais faço meus passos, trilhando o meu caminho, no Caminho. A começar pela Fonte de tudo que É, pela Força que rege o Universo e se manifesta para mim através do Mestre, porque *o Mestre é sempre o Mestre*, e é com os ensinamentos de Mestre Gabriel que venho reavivando a gratidão a Deus, através da prática do amor com minha família, amigos e irmãos. Ainda tenho muito chão, mas se hoje dou os primeiros passos nesse Caminho, é graças ao Mestre Gabriel e ao trabalho que ele vem guiando com minha memória.

Àqueles que gestaram as condições da minha existência, ensinaram-me os primeiros passos e palavras, minha Mãe e meu Pai, meu amor e gratidão. À minha orientadora, que com sua respeitosa presença deu-me a liberdade para as reflexões aqui elaboradas, guiando minha redescoberta antropológica por novos mares teóricos e etnográficos, minha gratidão e alegria pelo encontro nesta vida.

Ao PPGAS/UFSC e à CAPES, que me proporcionaram as condições materiais e intelectuais necessárias ao desenvolvimento da pesquisa, assim como o Grupo de Estudos em Oralidade e Performance (GESTO), que leu meu projeto e meus capítulos sugerindo valiosas ideias. Sou grata à convivência inspiradora e divertida que tive com meus colegas da Turma de Mestrado de 2014, nossas conversas foram terapia, cinema, arte, música e felicidade. Sinto saudade!

Ao meu companheiro Manuel Canavarros, com quem aprendo todos os dias o valor do amor através da prática da presença e do compartilhar, seu carinho proporciona-me o fortalecimento da confiança em mim mesma, a você, meu amor e carinho. Minha gratidão à Comissão Científica que me confiou a realização desta pesquisa e aos meus irmãos e amigos da União do Vegetal com quem venho compartilhando vivências que estão além desta dissertação, são companheiros de viagem em Alto Mar, em Alto tempo de burracheira.

De tantos profundos e engraçados casos que contamos sobre nós mesmos, aprendo o que Manoel de Barros diz com tanta simplicidade, a “palavra poética tem que chegar ao grau de

brinquedo para ser séria”. Com a *palavra* conhecemos a espiritualidade e também brincamos com o bom humor herdado de nosso guia espiritual. Mestre Gabriel, além de poeta, fazia com seu humor jogos de palavras, ensinando que “parece brincadeira, mas a brincadeira não aparece”.

Alguns amigos e irmãos participaram mais diretamente da realização desta dissertação, a eles meu reconhecimento pela colaboração. José Eduardo Trajano, a quem primeiro contei de minha vontade em realizar esta pesquisa e quem incentivou o plantio da semente do projeto, que se transformou nesta dissertação. A Léa e a Paulo Afonso, por quem tenho profundo carinho, respeito e admiração, eles participaram com conversas informais, entrevistas e conselhos à dissertação e à minha vida. Pessoas silenciosas que ensinam com sua forma de ser e fazer, sinto alegria quando estou com vocês.

Ao Mestre Representante do Núcleo Luz Abençoada, Artur Schneider, com quem me senti livre para expressar minhas compreensões e reflexões, algumas das quais encontram-se neste texto. Admiro sua atitude amigável e horizontal, que é tão importante pois aproxima a irmandade, sou grata pela colaboração. Ao Conselheiro Renato Jardim, que com sua experiência de vida e vivência com alguns Mestres da Recordação, trouxe contribuições fundamentais. Seu bom humor é uma arte! A minhas amigas Érika da Silva P. Teodoro, Radharani Francini e Luana Andrade, mulheres de fibra por quem tenho admiração e que ao compartilharem comigo seu *estudo*, ampliaram minhas percepções a elementos significativos presentes no texto.

Ao Mestre Carmiro Gabriel da Costa, uma pessoa surpreendente cuja perspicácia ensina-me a ser mais simples e a conhecer mais o Mestre Gabriel. Vejo em sua sinceridade e bom humor importantes instrumentos de combate ao fanatismo ao qual alguns estão *sujeitos*. A ele, minha gratidão pelo encontro e conversa, espero que a vida me dê novas oportunidades de estar próxima e aprender melhor.

À Karina Tarca e Patrick Medina irmãos de coração, que leram meus primeiros capítulos e me deram boas sugestões. À Thais Penha, irmã de coração com quem compartilhei tantas ideias, Thais leu meus primeiros escritos e é a responsável por me apresentar a Manoel de Barros. Sou grata também ao Mestre José Luiz de Oliveira e Emanuella Gomes de Oliveira, pessoas

simples, fortes e especiais. Mestre José Luiz é Mestre na União do Vegetal, conviveu com Mestre Gabriel e é uma fonte de histórias e poesia, que faz tão espontaneamente com suas palavras. Eu ainda não tive memória suficiente para registrar com perfeição tamanha preciosidade, embora a maior parte de suas palavras eu não tenha registrado diretamente aqui, ouvi-lo trouxe-me inspiração para repensar algumas partes do meu trabalho e ser mais cuidadosa com os ensinamentos.

Quero expressar minha gratidão às crianças do Núcleo Luz Abençoada, que com sua leveza e alegria trazem graça ao cotidiano dos trabalhos. Elas são nossos maiores poetas e inventores, são verdadeiros artistas. Com eles aprendo muita brincadeira e simplicidade.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar, divinare.

Os sabiás divinam.

(Manoel de Barros,2013)

RESUMO

A presente pesquisa desenvolveu-se na União do Vegetal (UDV), uma das religiões brasileiras que considera a Hoasca bebida sagrada e com ela realiza rituais de concentração mental e estudo dos ensinamentos de Mestre Gabriel, seu fundador e guia espiritual. Vegetal ou Hoasca é o nome dado ao chá preparado com o cipó mariri (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas da chacrona (*Psychotria viridis*) cuja comunhão facilita a expansão da consciência. Oriente-me por uma abordagem experiencial de construção do conhecimento buscando certa continuidade narrativa entre o texto etnográfico e a forma narrativa nativa. Na UDV, algumas palavras são consideradas como dotadas de força criadora capaz de gerar eventos, portanto, compreende-se que é necessário aprender a falar de acordo com os mistérios das palavras. Evidencio a aprendizagem da linguagem em quatro instâncias: a iniciação como sócia e antropóloga, as sessões de escala que são a porta de entrada às vivências caianinhas, o preparo de Vegetal e as interações não-ritualizadas que continuam a demonstrar o exercício meta-linguístico. Meu estudo analisa a forma iniciática de trabalhar com o conhecimento espiritual e como o exercício de ocultamento e revelação de mistérios e segredos se expressa ao nível da linguagem, colocando o discípulo numa posição ativa em relação ao conhecimento. Tanto os preparos de Vegetal quanto as interações não ritualizadas pela ingestão do chá são fundamentais ao entendimento da perspectiva na qual os mistérios das palavras afetam a qualidade do Vegetal e o curso da vida cotidiana. Examinando esta noção, é possível compreender a caracterização que se faz da Hoasca como divina/inteligente e instrumental/sensível, e com isso, problematizar a qualidade moldável da própria bebida. Observo como esse léxico é performado criativamente através do estudo realizado pelos caianinhos. Apresento tanto o léxico convencionalizado, ensinado por Mestre Gabriel e reconhecido institucionalmente, quanto aquele que emerge do estudo feito por seus discípulos. Descrevo como se estabelecem aberturas e limites à criatividade a partir da diferenciação entre o uso misterioso e o uso beato das palavras, incluindo a prática do humor como recurso pedagógico. Argumento que ao mesmo tempo em que a concepção de linguagem na UDV apresenta-se como inata, ao reconhecer uma força imanente expressa nos mistérios das palavras e na força

negativa ou positiva que trazem consigo, seu processo de aprendizado coloca a linguagem como passível de correção, incentivando seu uso consciente e preciso. A prática desse conhecimento é o que faz com que a aprendizagem desta linguagem seja menos um acúmulo de informações e mais uma experimentação reflexiva de educação da atenção. Com isso, pretendo contribuir para uma reflexão a respeito da experiência hoasqueira para além do Vegetal em si mesmo, enfatizando a aprendizagem nesta comunidade de prática que é a UDV. Comunidade que pode ser também identificada como *Mundo de Hoasca*, no qual tanto o Vegetal quanto os mistérios das palavras formam o jeito caianinho de conhecer e ser.

Palavras-chave: União do Vegetal; aprendizagem; linguagem; Hoasca.

ABSTRACT

The present study was conducted within União do Vegetal (UDV), one of the Brazilian religions that considers Hoasca a sacred tea. By Utilizing the tea it conducts mental concentration rituals and studies the teachings of Mestre Gabriel, which is the founder and spiritual guide of the religion. Vegetal or Hoasca is the name given to the tea made from two plants, the vine mariri (*Banisteriopsis caapi*) and leaves from the plant, (*Psychotria viridis*). The communion of Hoasca creates an enhanced state of consciousness. Using an experiential approach in the search for building knowledge, there will be a certain narrative continuity between the ethnographic text and the native narrative form. In UDV words are considered to be endowed with a creative force capable of generating events, so it is understood that it is necessary to speak according to the mystery of the words. Language learning is observed in four stages: initiation as an associate and anthropologist, the *escala* sessions that are a gateway to *caianinho* experiences, the preparation of the Vegetal and the meta-linguistic exercise. This study analyzes the way spiritual knowledge is gained initially and how the concealment and revelation of mysteries and secrets is expressed in terms of language, which enables the disciple to be in an active position in regard to knowledge construction. Both the preparation of the Vegetal and the interactions that are not part of the tea ingestion ritual are essential to understand the perspective in which the mysteries of words affect the Vegetal quality and the course of everyday life. Examining this notion it is possible to comprehend the idea that characterizes the Hoasca as divine/intelligent and as an instrument/sensible and with that problematize the malleable quality of the drink. Observing how that lexicon is creatively performed through the studies realized by *caianinhos*, I present both the lexicon conventionally taught by Mestre Gabriel and recognized institutionally and that which emerges from studies realized by his disciples. I describe how openings and limits are creatively defined from the difference between the mysterious use and *beato* use of words, including the use of humor as a teaching resource. I argue that even though the concept of language in UDV is presented as static, when you consider the immanent force expressed in the mystery of words and the negative or positive force that they carry within them, the learning process

permits language to be corrected and encourages a conscious and precise use of words. When this knowledge is put in practice, language learning becomes less an accumulation of information and more a reflexive experiment of how to educate attention. With that, I intend to decentralize the analysis of ayahuasca in itself towards others aspects that remains little studied and that have similar importance inside the community that is UDV. This community can also be identified as the Mundo de Hoasca, in which both the Vegetal and the mysteries of words form the caianinho way to know and be.

Key-words: União do Vegetal; learning; language; Hoasca.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UDV – União do Vegetal

CEBUDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

DAV – Distribuição Autorizada de Vegetal

QM – Quadro de Mestres

CDC – Corpo do Conselho

QS – Quadro de sócio

CI – Corpo Instrutivo

CREMG – Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel

MGR – Mestre Geral Representante

CONAGE – Conselho da Administração Geral

DG – Diretoria Geral

DEMEC – Departamento médico e científico

NLA – Núcleo Luz Abençoada

NED – Núcleo Estrela Dalva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
1.1	A AYAHUASCA E AS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS.....	24
1.2	UNIÃO DO VEGETAL: ORDEM E ORGANIZAÇÃO.....	25
1.2.1	Ordem hierárquica.....	26
1.2.2	Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG).....	28
1.2.3	Representação Geral.....	29
1.2.4	Conselho da Administração Geral.....	29
1.2.5	Organização administrativa.....	29
1.3	ALGUMAS NOÇÕES COSMOLÓGICAS.....	30
1.4	SESSÕES DO VEGETAL.....	31
1.5	ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	32
1.6	OBSERVAÇÕES FORMAIS.....	34
1.7	CAPITULOS DA DISSERTAÇÃO.....	35
2	INICIAÇÃO ESPIRITUAL E PESQUISA NA UNIÃO DO VEGETAL.....	41
2.1	OS PRIMEIROS PASSOS.....	43
2.2	A NEGOCIAÇÃO DA PESQUISA E OS DESAFIOS ÉTICOS.....	45
2.2.1	A comissão científica.....	48
2.2.2	A convivência com os caianinhos.....	50
2.3	AS FONTES DA PESQUISA.....	53
2.4	OS DESAFIOS DO DUPLO PERTENCIMENTO: SER CAIANINHA E ANTROPÓLOGA.....	56
2.4.1	A experiência de pesquisa com a UDV.....	57
2.5	COMEÇANDO A APRENDER.....	60
2.6	COMO SE CONHECE QUANDO SE ESTÁ NA UNIÃO DO VEGETAL?.....	64
3	APRENDENDO A APRENDER: VIVÊNCIAS NA UNIÃO DO VEGETAL.....	69
3.1	A FORMA NARRATIVA.....	69
3.2	ORDEM RITUAL: A EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO.....	74
3.2.1	Os documentos.....	76
3.2.2	As partes dos documentos.....	78
3.2.3	A explanação.....	80
3.2.4	As chamadas de abertura da sessão.....	83

3.2.5	As chamadas	85
3.2.6	A dinâmica das perguntas e respostas...	89
3.3	COMO UM CAIANINHO APRENDE	91
4	O PREPARO DE VEGETAL.....	103
4.1	POR QUE OS PREPAROS DE VEGETAL? ..	106
4.2	A PESQUISA DE CAMPO EM PREPAROS DE VEGETAL	110
4.3	A ORDEM DO PREPARO.....	111
4.4	COMPREENSÕES DE COMO AS PALAVRAS AFETAM O VEGETAL.....	114
4.5	OS REINOS DA NATUREZA NA COSMOLOGIA CAIANINHA	119
4.6	A PALAVRA CIRCULA	121
4.7	AS PRÁTICAS RE-CONTAM HISTÓRIA DA HOASCA	129
5	A NATUREZA DA PALAVRA.....	137
5.1	OS MISTÉRIOS DAS PALAVRAS	142
5.1.1	Palavras negativas e positivas	150
5.2	O SELF E AS PALAVRAS	156
5.3	A BRINCADEIRA NA UNIÃO DO VEGETAL: O USO BEATO DAS PALAVRAS.....	163
5.4	A NATUREZA DA PALAVRA.....	171
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	179

1 INTRODUÇÃO

Mestre Gabriel é um homem interessante. Quando estive nos Estados Unidos convivendo com a irmandade da União do Vegetal que lá está estudando os ensinamentos por ele legados, uma irmã norte-americana disse em sessão: “O Mestre Gabriel é genial, eu sempre me impressiono com sua sabedoria!”. A sua genialidade vem da arte do Grande poeta e narrador que ao contar suas histórias aconselha-nos. Como bem reconhece Benjamin (1985, p. 200), “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”. Essa sabedoria é redescoberta a cada história que ouvimos o Mestre contar, através de sua firme voz registrada em áudios e também das histórias gravadas na memória daqueles que são personagens de uma história onde tantas vidas se encontram.

Para quem ainda não sabe, José Gabriel da Costa é o Mestre e guia espiritual que re-criou a União do Vegetal. Em 1959, ao ouvir a respeito da ayahuasca, Gabriel foi ao encontro de Chico Lourenço, conhecido nos seringais por distribuir o chá misterioso. Foi Chico Lourenço quem lhe ofertou o chá. Daí em diante, Mestre Gabriel continua sua missão espiritual, reunindo sua família e alguns discípulos que estiveram presentes no dia 22 de julho de 1961, no Seringal localizado na fronteira da Bolívia com o Acre, quando fundou a União do Vegetal (UDV).

Entre 1961 e 1971, Mestre Gabriel plantou no coração de seus discípulos o amor e a responsabilidade com este caminho espiritual. Em novembro de 1970, Mestre Gabriel precisou viajar a Fortaleza para realizar tratamento médico. Na ocasião de seu embarque para Fortaleza, um discípulo disse não acreditar que Mestre Gabriel retornaria com vida, afirmando “esse aí não volta mais” (FABIANO, 2012, p. 182). Todavia, o Mestre fez o tratamento fortalecendo sua saúde e aproveitou para visitar sua família na Bahia, a quem prometeu, quando foi para Amazônia, que retornaria após 25 anos. O Mestre estava cumprindo sua palavra.

Mestre Gabriel chegou em Porto Velho em 27 de março de 1971, data que ele afirmou ser a de sua ressurreição. Considerou sua ressurreição, pois retornou de um tratamento de saúde, mesmo após sua sobrevivência ter sido desacreditada. Esta data é conhecida como a “Ressurreição do Mestre”, sendo sessão de escala anual. Naquela ocasião, Mestre Gabriel disse ter vivido por

ele até aquele instante, mas daquele momento em diante passaria a viver para seus discípulos.

Neste dia, Mestre Gabriel colocou para tocar a música *Agradecimento* de um disco trazido do Nordeste, composição de Severino Ramos e Jacy Ramos. A canção é um forró que diz o seguinte:

O Vento sopra,
O coqueiro embalança
Lembro o tempo de criança
Lá em Periperi
Tenho saudade de minha querida infância
Guardo tudo na lembrança
Vou ficando por aqui

Deus me deu
Quase tudo que eu queria
Até a felicidade de ser filho da Bahia
Há quanto tempo não vejo minha cidade
Vou matar minha saudade
Tá quase chegando o dia

Tem muita gente que lamenta o que eu
sofri
Outros pensam diferente
E comentam que eu morri
Mas agradeço tudo que deus fez por mim
Aos homens da medicina
E ao Senhor do Bonfim

Embora a canção acima mencionada tenha sido composta por pessoas que desconheciam o Mestre, ela narra características significativas daquele momento de sua vida. Através dela, o Mestre conta ter tido “a felicidade de ser filho da Bahia”, ter saudade de sua “querida infância” e guardar “tudo na lembrança”.

Mestre Gabriel escolhia as músicas tocadas em sessões, como forma de trazer mensagens aos seus discípulos. Com esta, o Mestre indiretamente falava que embora alguns lamentassem seu sofrimento comentassem que ele havia morrido, apenas agradecia “tudo que Deus fez” por ele, e também “aos homens da medicina e ao Senhor do Bonfim”. Esta canção foi compreendida como o prenúncio de que estava “quase chegando dia” em que ele já não

estaria mais presente em matéria¹ (LODI, 2010, p. 135). A partir desse evento memorável, ele viveu mais 6 meses, desencarnando na cidade de Brasília-DF.

Eventos como este são considerados valiosos exemplos da sua dedicação ao trabalho espiritual, pois mesmo diante das dores causadas por sua condição física, ele continuava trabalhando pela União e atendendo, com orientações, àqueles que o buscavam.

Quando se conta esta história, ela é relembada como sinal dado pelo Mestre, através da canção, de que sua passagem para o outro plano estava próxima. A interlocução com as letras de músicas continua presente por meio daquelas que são tocadas em sessões ou ouvidas cotidianamente e fazem parte do repertório musical da UDV².

Se para alguns “a arte de narrar” parece “estar definindo”, para nós caianinhos ela permanece viva e alimenta nossa prática de contar “a sabedoria – o lado épico da verdade” (Benjamin, 1985, p. 200), seja das experiências de Mestre Gabriel, dos discípulos antigos ou das nossas próprias. O que contei é uma narrativa abreviada, de um evento sempre lembrado, no qual mesmo convalescente, o Mestre Gabriel cumpriu a palavra de reencontrar sua família que morava na Bahia.

Eu não dedico uma parte específica da dissertação para descrever a história de vida de Mestre Gabriel ou da UDV, pois elas já foram apresentadas em suas diferentes composições e detalhes pela própria UDV³. Sinto que o melhor lugar para conhecê-lo é dentro do *tempo de burracheira* em sessão da União do Vegetal. Sinto-me também ainda limitada para recontá-la de forma renovada, por isso prefiro evitar a repetição.

Desta forma, também não cumprirei certo protocolo tácito compartilhado entre as teses e dissertações sobre religiões ayahuasqueiras, nas quais descreve-se dados históricos relativos ao seu surgimento ou apresenta-se um balanço bibliográfico das pesquisas sobre os “estados alterados de consciência”, psicoativos, etc. Eu também não apresentarei uma explicação a

¹ Falamos desta maneira, pois o Mestre é sempre presente, mesmo que não encarnado em um corpo material.

² Para conhecer o repertório dos primórdios da UDV com profundidade ver o belíssimo livro *Relicário: imagens do sertão*, de Edson Lodi (2010).

³ Ver Fabiano (2012).

respeito do processo fisiológico provocado no ser humano com a ingestão da ayahuasca⁴.

Esta escolha veio se definindo ao longo da redação desta dissertação, cujo resultado é bem diferente do que imaginei em meu projeto de pesquisa. A experiência de campo, de reflexão e de escrita transformou meus propósitos iniciais, de uma análise das formas de fala em si, ao *exame* tanto de como a ótica dos mistérios das palavras constitui-se como forma epistemológica e pedagógica, quanto da concepção de linguagem que caracteriza esta experiência religiosa. O núcleo da análise é a aprendizagem desta linguagem e, conseqüentemente, os processos de convencionalização de sentidos.

Portanto, nesta introdução apresentarei apenas uma breve contextualização sobre a ayahuasca e o surgimento das religiões ayahuasqueiras, e em seguida, introduzirei informações gerais a respeito da UDV. Por fim, indico uma síntese das principais questões e reflexões etnográficas abordadas em cada capítulo.

1.1 A AYAHUASCA E AS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS

Antes da emergência das denominadas religiões ayahuasqueiras, a ayahuasca já era uma bebida utilizada milenarmente por diversas etnias indígenas. Seu uso contemporâneo é reconhecido entre, aproximadamente, 72 etnias da Amazônia Ocidental, situadas entre países como Colômbia, Brasil, Peru, Bolívia, Venezuela e Equador (LABATE, 2000, p. 29).

O ciclo de expansão do capitalismo e a exploração da borracha na Amazônia constituíram um cenário político social que movimentou migrantes nordestinos para trabalharem nas áreas de fronteira do Brasil com Peru e Bolívia, propiciando a interação entre as culturas indígenas, de seringueiros e outros povos da floresta. Neste contexto, emergiram entre as décadas de 1930 e 1960 as tradições ayahuasqueiras como novas

⁴ Sugiro aos que tiverem interesse em aprofundar nos aspectos não abordados, a buscarem: ANDRADE, 1995, LABATE, 2000, MELO, 2010, MERCANTE, 2012, GAUJAC, 2013. Ver ainda outras referências bibliográficas indicadas ao fim desta dissertação.

configurações religiosas brasileiras da região amazônica: o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal.

A ayahuasca, considerada sagrada nestas religiões, pode ser definida como chá psicoativo⁵ preparado a partir do cozimento das folhas do arbusto denominado chacrona, cujo nome científico é *Psychotria viridis* e do cipó denominado mariri, cujo nome científico é *Banisteriopsis caapi*. Há variedade de nomes para o chá em cada contexto de uso: *Honi* (entre os Yawanawa), *Yagé* (entre os Siona), Daime (no Santo Daime), Hoasca e Vegetal (na UDV), etc. (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 314; LANGDON, 2013; CALAVIA SAÉZ, GIL & NAVEIRA, 2003).

O Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal são práticas espirituais distintas, orientadas por uma matriz comum, não somente em virtude do uso da ayahuasca, mas por constituírem-se como sínteses inventivas. Elas refletem as experiências de seus fundadores, ambos nordestinos, que seguiram para a Amazônia a fim de trabalhar como seringueiros. Estas religiões formam-se de elementos compartilhados por outras vertentes espirituais indígenas, afro-brasileiras, kardecistas, cristãs, e mais que meros agregados de elementos de outras religiosidades, são experiências criativas.

1.2 UNIÃO DO VEGETAL: ORDEM E ORGANIZAÇÃO

Realizei minha pesquisa de campo na União do Vegetal. A UDV foi fundada em 22 de julho de 1961, nos seringais amazônicos, por José Gabriel da Costa (Mestre Gabriel), sua companheira Raimunda Ferreira da Costa, a Mestre Pequeninha⁶, e alguns discípulos com poucos recursos financeiros.

Naquela época, Mestre Gabriel dizia que: “a União vem fazer uma paz no mundo”. Alguns destes discípulos que conviveram com Mestre Gabriel contam que duvidaram, afinal

⁵ O termo psicoativo, no caso da ayahuasca, é uma referência à Dimetiltryptamina (DMT), substância que potencializa as sinapses entre os neurotransmissores do sistema nervoso central (GAUJAC, 2013, p. 3).

⁶ Raimunda Ferreira da Costa, nossa matriarca, desencarnou em 2 de outubro de 2016 legando fecundos exemplos de amor e trabalho a todos os caianinhos.

como poderia, uma religião que surgiu em tão precárias condições materiais, expandir-se a outros estados brasileiros, que dirá a outros países? Contudo, Mestre Gabriel que fala através das músicas, colocava naqueles primórdios uma canção de Jota Lima (LODI, 2010, p. 142) cujas palavras são consideradas o prenúncio da expansão atual da UDV. A canção fala de um “grande baião” que “até no estrangeiro *inteirou* o seu reinado”. O baião seria o Mestre responsável por comandar esse “reinado”, que é a União do Vegetal.

O Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) *inteirou*, em 2016, cinquenta e cinco anos de existência e vem desenvolvendo expressiva organização institucional, sendo formado por aproximadamente 18 mil sócios distribuídos em sete países⁷. Ela organiza-se em unidades denominadas núcleos, possui uma Sede Geral localizada em Brasília-DF e também o núcleo Mestre Gabriel, sede histórica localizada em Porto Velho- RO. Há também as Distribuições Autorizadas de Vegetal (DAV), cujo estatuto institucional é distinto, por não possuírem os critérios para a fundação do núcleo⁸.

Os núcleos seguem um padrão de organização articulado à ordem hierárquica estabelecida por seu próprio criador. Em cada núcleo, tem-se um templo onde são realizadas as *sessões do Vegetal*, nome dado aos rituais com a ingestão da ayahuasca. É também recomendado pela Administração Geral da UDV que cada núcleo ou alguns núcleos reunidos possuam um consórcio de plantio agroflorestral de mariri e chacrona, para garantir a produção sustentável do Vegetal.

1.2.1 Ordem hierárquica

A UDV é uma religião iniciática, onde o acesso ao conhecimento depende de uma série de transformações (FERNANDES, 2011) pelas quais um novato deve passar para receber o direito de ascender na hierarquia. O grau hierárquico é um modo de administração do conhecimento espiritual e de

⁷ Estados Unidos, Espanha, Suíça, Holanda, Austrália, Itália e Peru.

⁸ Estes critérios estão relacionados principalmente à quantidade mínima de sócios e de membros da direção, assim como de estrutura material, necessários à constituição de um núcleo.

organização das responsabilidades de cada discípulo perante o trabalho religioso. O conceito nativo chave para compreender esta lógica de iniciação espiritual, é o *grau de memória*.

O grau de memória é identificado por dois fatores principais: a prática dos ensinamentos e o seu estudo e compreensão. O primeiro corresponde à transformação de comportamentos e o segundo, à participação no estudo feito durante as sessões. Este modo de conhecer é baseado na ideia de que os ensinamentos “não devem ser entregues tudo na bandeja”, pois para recebê-los é preciso um esforço individual expresso na participação com o *estudo* e as perguntas.

A iniciação espiritual engloba a vida do discípulo como um todo, assim, tais transformações consistem na reorientação da vida pessoal conforme determinados preceitos morais. Embora algumas vezes o termo *âmbito da UDV* seja usado para denotar a dimensão espacial dos núcleos, observo que o âmbito da UDV é o lugar onde o discípulo do Mestre estiver. Isto é, a prática espiritual não se restringe ao ritual ou aos limites do templo. Pelo contrário, é a vivência cotidiana com esses preceitos que faz de um sócio da UDV, um caianinho, um discípulo do Mestre.

O consumo de bebida alcoólica, por exemplo, é considerado negativo pois torna o ser humano mais sujeito a comportamentos precipitados, cujas consequências podem prejudicar não somente ele próprio mas também seus familiares ou terceiros. A transformação do hábito de consumir bebida alcoólica é uma condição da ascensão hierárquica.

Este é apenas um dos exemplos de comportamentos que são apresentados, explícita ou tacitamente, como condições de desenvolvimento dentro da hierarquia. Uma característica significativa, que foi pouco aprofundada, é de que o grau hierárquico é compreendido como um *lugar* que pertence à União do Vegetal. O discípulo, quando assume uma posição na hierarquia, está “ocupando um lugar”, ou seja, a hierarquia não é sua propriedade, ela pertence ao Mestre e à União.

Quando uma pessoa torna-se sócio, recebe uma camisa com um bolso onde as letras UDV estão bordadas em branco. O mestre, ao entregar-lhe a camisa, geralmente diz: “este bolso é da União do Vegetal, se um dia a senhora não quiser mais seguir esse caminho, pode usar a camisa, mas sem o bolso”. À medida em que a pessoa é convocada aos demais *graus*, o bolso é modificado e cada grau hierárquico tem um bolso específico.

Os graus hierárquicos são: quadro de sócios (QS), corpo instrutivo (CI), corpo do conselho (CDC) e quadro de mestres (QM). O corpo do conselho e o quadro de mestres são a Direção da UDV. O critério de convocação ao corpo instrutivo é o grau de memória. O Mestre representante é a autoridade máxima dentro de um núcleo e é ele quem tem a autoridade para realizar a convocação dos discípulos aos graus hierárquicos. A ascensão hierárquica implica no direito de maior acesso ao conhecimento e exige, como dever, o cumprimento das respectivas responsabilidades. O conhecimento espiritual da UDV está nas histórias, chamadas e doutrina ensinadas por Mestre Gabriel⁹.

Nesse sentido, a iniciação hierárquica não é tida como um processo irreversível. De acordo com a UDV, sua permanência depende da coerência entre a prática da pessoa e o cumprimento das condições exigidas pelo grau hierárquico. Caso contrário, poderá ser punida, seja através de uma advertência, seja, como em alguns casos, com o afastamento da comunhão do Vegetal ou do âmbito da UDV. A UDV estrutura-se com um sistema de leis e recomendações que são definidas pela instância hierárquica de autoridade máxima: a Representação Geral. Essa observação é importante e será aprofundada no segundo capítulo quando tratar das noções de *mistério, segredo, grau de memória, conhecimento e hierarquia*.

Os núcleos da UDV em cada Estado do Brasil organizam-se em regiões não correspondentes às regiões federativas brasileiras. Cada região possui um Mestre Central, que é responsável pela orientação das direções locais e dos discípulos, auxiliando o trabalho da Representação Geral.

1.2.2 Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel (CREMG)

Este conselho é formado por membros que receberam de Mestre Gabriel o direito de ocupar o grau hierárquico de Mestre na UDV. Seu objetivo é estudar e zelar pela fidelidade à palavra do Mestre, assegurando a preservação de seus ensinamentos. Os membros são permanentes e sua função é vitalícia.

⁹ Além da História da Hoasca, há diversas outras, a História de Jó, a História do Bom Jardineiro, etc. São aproximadamente 170 chamadas, sendo que a maioria é de autoria do Mestre Gabriel.

1.2.3 Representação Geral

O Mestre Geral Representante (MGR) é assim denominado pois representa nosso Guia Espiritual Mestre Gabriel. É responsável por comandar a UDV em suas dimensões religiosa e institucional. Ele possui como auxiliares seis Mestres Assistentes, cada qual designado para dar assistência a determinadas regiões, nas quais realizam um trabalho de doutrinação e uniformização dos ensinamentos entre os núcleos, atuando também como mensageiros das orientações vindas da Representação Geral. O Mestre Geral Representante é eleito para um mandato de três anos e os Mestres Assistentes são nomeados por ele. Todos são voluntários, isto é, não recebem remuneração.

1.2.4 Conselho da Administração Geral

O Conselho de Administração Geral (CONAGE) é formado por membros da Representação Geral, do Conselho da Recordação dos Ensinamentos do Mestre Gabriel, Mestres Centrais de Região, por Mestres que já ocuparam o lugar de MGR, pelo Mestre Presidente da Diretoria Geral, pelos mestres que o Conselho efetive como integrantes, por três mestres indicados pelo próprio Conselho a cada triênio e dois mestres indicados pelo Mestre Geral Representante a cada triênio. Sua função é manter a ordem através do cumprimento da lei da UDV, da proposição de novas leis e recomendações. Além disso, o conselho desenvolve a formação de dirigentes da instituição.

1.2.5 Organização administrativa

A União do Vegetal possui uma Diretoria Geral (DG), cujo escritório é em Brasília (DF). A Diretoria Geral é responsável “pela administração do Centro e da Sede Geral, em seu aspecto material, social, cultural, assistencial e educacional”¹⁰. Dos 60 membros da DG, 17 foram eleitos, 33 nomeados e somente 10 são funcionários remunerados para serviços técnicos e administrativos específicos. Todos são sócios

¹⁰ Informações retiradas do site oficial da UDV: www.udv.org.br. Acesso em: 9 de setembro de 2016.

da UDV, sendo que os membros remunerados não ocupam cargos eletivos.

Cada núcleo também possui diretoria eleita localmente composta de Presidente, vice-presidente, orador oficial, secretário (e segundo secretário), tesoureiro (e segundo tesoureiro). Há também o conselho fiscal que supervisiona a administração dos recursos financeiros e os demonstrativos contábeis do núcleo. Essas funções são exercidas voluntariamente por sócios da UDV e, portanto, não são remuneradas.

1.3 ALGUMAS NOÇÕES COSMOLÓGICAS

Apresentarei de modo resumido certas concepções cosmológicas basilares com o objetivo de situar o leitor em relação às práticas que posteriormente serão objeto de análise.

A UDV é uma religião que se auto-define como *espírita e reencarnacionista*. Nesta perspectiva, os seres humanos são espíritos encarnados cuja missão é evoluir. Semelhante ao espiritismo de Alan Kardec (CAVALCANTI, 1983, p. 28), na União do Vegetal, a reencarnação é uma lei universal considerada expressão da justiça divina. Ela é baseada na lei do plantio e colheita, também conhecida como causalidade cósmica, segundo a qual as ações de uma pessoa geram consequências que serão por ela vivenciadas, como é dito popularmente, a pessoa “colhe aquilo que planta”.

Nesta perspectiva, a reencarnação é o processo por meio do qual os espíritos em evolução passam sucessivas vezes até chegar à *purificação* que é a plena *ligação* com a *Força Superior*¹¹. A evolução é conquistada através da conscientização da dualidade, manifesta no mal e no bem, e a escolha da prática do bem. A cosmologia da UDV reconhece a existência de duas forças espirituais: *a inferior e a superior*, também identificadas como Satanás e Deus. Esta dualidade é uma condição e um instrumento de evolução espiritual, sendo esta noção um pilar fundamental de sua cosmologia:

Eis aqui uma parte do *étos* do grupo que somente pode ser compreendida a partir de uma visão processual ligada a concepção

¹¹ Este é um dos nomes atribuído a Deus na UDV.

de evolução que mantém a UDV. A evolução própria está ligada à evolução do grupo (e da humanidade num sentido geral), e é produzida pela prática constante dos ensinamentos, pelo desempenho comportamental que reflete os aprendizados recebidos, segundo seus critérios (BYS, 2014, p. 89).

E é com a finalidade de desenvolvimento espiritual, moral e intelectual que o Vegetal é comungado em seus rituais. O Vegetal, conforme a doutrina do Mestre, amplia a consciência possibilitando ao indivíduo estudar a si mesmo e, com isso, refletir sobre seus sentimentos, experiências de vida e atitudes. Além de desenvolver sua memória através dos estudos do conhecimento espiritual, que revela como o universo é organizado em suas dimensões visíveis e invisíveis. O Vegetal é considerado um divino instrumento, um veículo que permite, a quem queira, o contato com dimensões ainda invisíveis de si mesmo e do plano espiritual.

1.4 SESSÕES DO VEGETAL

Os rituais sociais de comunhão com o chá, denominados *sessões*, são classificados em: *adventício*, realizada para atender às pessoas convidadas pelos sócios a beberem o vegetal pela primeira vez; *escala*, realizadas quinzenalmente para todos os sócios e pessoas que ainda não se associaram; *instrutiva*, são marcadas com uma frequência de sessenta dias e somente os membros do corpo instrutivo podem participar; *direção*, dela participam o corpo do conselho e o quadro de mestres, sendo sua periodicidade dependente da convocação pelo mestre representante, assim também é a periodicidade das sessões de mestres, mas nestas somente eles participam; *a sessão extra*, agendada conforme a determinação do mestre representante, é aberta aos associados e também aos não associados. E, ainda, durante o preparo de Vegetal, distribuições de Vegetal¹² são realizadas para estudar temáticas relacionadas ao processo de elaboração do chá.

¹² Embora o nome seja distinto, a dinâmica é semelhante às sessões.

É nas sessões que o Vegetal é distribuído às pessoas com o objetivo de propiciar uma concentração mental (RICCIARDI, 2008, p. 74), entendida como reflexão sobre si e sobre o plano espiritual, guiada pela Luz da Hoasca que clareia a consciência, efeito atribuído à ingestão do chá sob a orientação da doutrina do Mestre. Nas sessões de escala, a doutrina é transmitida pelo mestre dirigente da sessão e os sócios participam por meio de *perguntas, chamadas e falas*. As perguntas são feitas ao mestre dirigente, as chamadas são espécies de cantos entoados individualmente, cujo objetivo é trazer uma Força espiritual e ensinamentos, e as falas são momentos nos quais os discípulos partilham com os presentes sua compreensão e/ou experiências sobre algum tema estudado durante o ritual.

Este espaço ritualizado pela ingestão do chá é a principal fonte das ponderações elaboradas por diversos pesquisadores, cujo ângulo analítico destaca desde a dinâmica da experiência de êxtase com a “burracheira” (MELO, 2010), os processos de alívio e cura (RICCIARDI, 2008, p. 91; RIBEIRO, 2009, p. 71), as transformações pessoais (FERNANDES, 2011, p.130), até a transmissão dos conteúdos doutrinários pela oralidade e sua relação com as noções de memória e conhecimento (RIBEIRO, 2009, p. 114). Eu também apresentarei uma descrição etnográfica deste ritual, por considerá-lo a porta de entrada às vivências caianinha¹³. Dedicarei um capítulo ao preparo de Vegetal, pois a descrição de sua dinâmica, ainda pouco abordada, traz elementos relevantes a respeito da concepção caianinha do Vegetal.

1.5 ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS

Esta dissertação é fruto de um trabalho de campo sistemático durante um período de seis meses (de março a agosto de 2015) e contou com outras vivências construídas por mim, na UDV, desde 2009. Ocupei o lugar no quadro de sócios durante toda a pesquisa de campo e a escrita. Esta posição na hierarquia é um fator a ser levado em consideração, na medida em que implicou no acesso limitado ao conhecimento dos mistérios das palavras. Encarei esses limites não como obstáculos, mas como

¹³ Este é um termo que os discípulos da UDV usam para falarem de si mesmos. A razão desta auto-denominação será explicitada no segundo capítulo.

desafios ao exercício criativo que fossem capazes de elucidar uma pequena parte da forma como a aprendizagem desta linguagem é vivenciada.

Meu intuito inicial era analisar o papel da fala por meio do estudo da etimologia do léxico ensinado por Mestre Gabriel. Ao longo do caminho, entretanto, percebi que “para colher o ariticum maduro¹⁴” precisaria fazer um pequeno desvio e tomar uma nova trilha. Desviei-me, então, ligeiramente da intenção inicial, reorientando minha pesquisa para o entendimento da aprendizagem dessa linguagem pelos sócios da UDV. Esta foi uma alternativa encontrada frente a algumas encruzilhadas que surgiram quando comecei a escrita, pois deveria manter minha palavra com a UDV, de não revelar segredos e mistérios que, conforme nossa perspectiva, só devem ser estudados no tempo de burracheira.

Senti-me diversas vezes caminhando numa linha fina buscando equilibrar-me entre o respeito ao conhecimento espiritual da UDV e à ética do segredo e a necessidade de esclarecer e problematizar concepções de forma igualmente significativa à antropologia. Eu fiz o melhor possível, ciente do meu tamanho enquanto discípula do Mestre e antropóloga.

As interpretações que apresento refletem uma das características apontadas por Marcio Goldman, para quem a antropologia é “o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal” (2006, p. 167). Nesse processo, a antropologia se deixa transformar por outras linguagens através de uma “contaminação positiva e criativa que toda linguagem sofre quando busca traduzir, ou se aliar a outras linguagens” (GOLDMAN, 2006, p. 169). É a partir deste ângulo que elaboro a presente dissertação, pois se como sugere Ingold (2015a, p. 344) “as observações do antropólogo respondem à sua experiência de habitação”, as minhas observações certamente refletem minha vivência de habitar o *Mundo de Hoasca*¹⁵.

¹⁴ No poema *Mundo Pequeno* Manoel de Barros diz: “Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros”. Ariticum é uma fruta nativa do cerrado brasileiro.

¹⁵ Esta expressão é dita por Mestre Gabriel na História da Hoasca. Existem algumas compreensões do que é o Mundo de Hoasca. Aqui escolho o sentido que faz referência ao Mundo de Hoasca como a União do Vegetal, pois apresenta a UDV enquanto um mundo específico.

As narrativas, os diálogos e as palavras selecionadas podem parecer pouco misteriosas àqueles que conhecem mais profundamente os ensinamentos da União. É válido dizer que mesmo não estando, durante a pesquisa de campo e a escrita, no grau de corpo instrutivo¹⁶, nem todos os conhecimentos compartilhados em sessão de escala podem ser publicados. A maior parte das vivências relatadas são oriundas do estudo compartilhado por alguns irmãos e irmãs e revelam o caráter multifacetado da aprendizagem. Por isso:

O que está em pauta nessa discussão é como as pessoas criam suas próprias realidades e como criam a si mesmas e suas sociedades por meio destas, mais do que a questão de saber o que são essas realidades, como se originaram ou como se relacionam com aquilo que “realmente” está ali (WAGNER, 2010, p. 195).

O meu objetivo é mostrar como nós, caianinhos, estamos construindo o Mundo de Hoasca, isto é, de que maneira estamos fazendo nossa realidade através da forma como falamos *da* e vivenciamos *as* palavras na vida e no *tempo de burracheira*.

1.6 OBSERVAÇÕES FORMAIS

Utilizo o itálico para destacar as palavras nativas, nem sempre seguidas de explicação. Minha proposta é que o leitor vá ajustando sua percepção e captando alguns sentidos a partir da observação atenciosa de como eu uso determinadas *palavras*. Os mistérios e sentidos serão explicitados ao longo do texto, por isso, em algumas partes ofereço nuances mais básicas de significação, que são desenvolvidas posteriormente. Muitas palavras, mistérios e sentidos não foram incluídos ou foram abordados superficialmente.

Um dos motivos é o limite de extensão da dissertação, outro é minha limitação teórica para o aprofundamento reflexivo com os dados, e o outro, sem dúvida o mais importante, é a impossibilidade de transcrever chamadas, ensinamentos e doutrina. Por

¹⁶ É a partir deste grau especialmente, que os segredos são revelados.

fim, não utilizo os nomes dos meus interlocutores, a pedido da própria comissão científica da UDV. Identifico-os como irmãos ou irmãs e seus respectivos graus hierárquicos.

Vale ainda ressaltar que as palavras são apresentadas a partir do estudo realizado pelos interlocutores com os quais interagi, portanto, não são revelações de seus mistérios nem explicações definitivas do léxico caianinho. Sigo assim meu objetivo de esclarecer os processos de aquisição da linguagem.

1.7 CAPÍTULOS DA DISSERTAÇÃO

O primeiro capítulo é esta introdução, na qual apresento informações que contextualizam a UDV assim como esclarecem algumas posições metodológicas e formais adotadas. Prossigo, então, na descrição dos demais capítulos.

No segundo capítulo, “Iniciação espiritual e pesquisa na União do Vegetal” coloco-me a pensar sobre o fato da experiência antropológica ser construída geralmente através da relação entre dois campos conceituais distintos, normalmente identificados por dois sujeitos da pesquisa: a antropóloga e seus interlocutores, o Eu e os Outros. Este aspecto é relevante, pois minha relação de pesquisa é diferente: como sócia da UDV compartilho com meus interlocutores as relações que serão objeto de estudo.

Para problematizá-la, busco elementos na concepção de auto-antropologia, apresentada por Marilyn Strathern (2014). A auto-antropologia não é definida pelo fato da antropóloga pertencer ao coletivo com o qual realiza a pesquisa, mas com a “continuidade entre o texto etnográfico e a forma narrativa nativa” (STRATHERN, 2014, p. 136).

Articulo à sua noção de auto-antropologia, àquela de antropologia *at home* de Gupta e Ferguson (1997), reafirmando o questionamento da clássica distinção entre sujeito e objeto, sobre a qual determinada ideia de objetividade é fundada. Pertencer à comunidade não garante o exercício auto-antropológico mas viabiliza o aprofundamento de uma relação de aprendizagem onde sujeito cognoscente e objeto cognoscível são indissociáveis.

Buscando um ponto intermédio entre o respeito à ética do segredo da UDV e as necessidades descritivas de um trabalho antropológico e inspirada na auto-antropologia sugerida por

Strathern (2014), experimentei converter ou trasladar um dos ensinamentos de Mestre Gabriel para um estilo de escrita.

O ensino é sintetizado na frase de que “o conhecimento não deve ser entregue tudo na bandeja”, isto é, não se fala com a pretensão de transmiti-lo em totalidade como objeto pronto e acabado. Ao apresentar categorias nativas, faço através de nuances de sentidos que não são uma explicação exaustiva, nem estão acompanhadas de uma lista de significados possíveis. Elas são retomadas e expandidas ao longo do texto para mostrar o modo de conhecer caianinho.

Relato o caminho de encontro com esta religião desde minha associação formal até o início e desenvolvimento da pesquisa. E, ainda que as sessões de escala sejam a porta de entrada às vivências caianinhas, é nos preparos de Vegetal que a concepção de mistérios e força das palavras ganham intensidade especial em sua ligação com a *burracheira*. Amplio a reflexão ao introduzir a ideia de que esta “ótica do mistério” também se traduz numa forma de ritualizar interações sem a ingestão do chá Hoasca.

Problematizo a negociação com a comissão científica da UDV e também com meus interlocutores diretos durante a pesquisa de campo, estabelecendo um diálogo com outros pesquisadores que escreveram a respeito desta religião hoasqueira, e refletindo como minha proposta diferencia-se das de outros estudiosos da temática.

Por fim, elucidado de forma preliminar como a performance narrativa do Mestre dirigente de uma sessão e das perguntas feitas pelos discípulos evidenciam uma espécie de oscilação entre revelação e ocultamento, entre não-saber e saber, que acontece ao nível da linguagem e constitui objeto de atenção nativa. Sugiro que o conhecer caianinho demanda a aprendizagem não só de um conteúdo, mas de uma forma diferenciada de acessar o conhecimento, não sendo linear e acumulativa, mas espiralar e ascendente.

Começo o terceiro capítulo denominado “Aprendendo a aprender: vivências na União do Vegetal” com duas narrativas auto-biográficas. Por meio delas, o entrelaçamento de sentidos apresenta-se como algo a se revelar e está intimamente ligado à forma iniciática de trabalhar com o conhecimento espiritual. Descrevo as sessões de escala detalhando como a educação da atenção dos sócios com relação à palavra vai se formando.

Sigo a ordem ritual explicitando de que maneira nuances de mistérios e sentidos emergem para o discípulo. A partir disso, busco na concepção ecológica do conhecimento de Ingold (2014a;2015) e Lave (2015) elementos para pensar a aprendizagem na UDV menos como transmissão de conhecimento e mais como “sensibilização do sistema perceptivo” (INGOLD, 2010, p. 21), que é afinado para “captar” e ligar a experiência presente às experiências já vividas, às histórias já ouvidas e contadas.

Problematizo também a noção de iniciação, mostrando que ela não se restringe ao direito de ocupar um grau hierárquico, pois mesmo estando relacionados, há uma diferenciação entre o *grau de memória* que é do discípulo e o *grau hierárquico* que é da UDV. Não há entre eles uma correspondência necessária, pois enquanto o acesso aos segredos depende do reconhecimento institucional do grau de memória do aprendiz, o acesso aos mistérios não necessariamente.

Disso, faço uma reflexão com Ingold (2015b) mostrando que enquanto o mistério passa mais pela via atencional, o segredo passa pela via intencional do discípulo de querer chegar aos graus hierárquicos. O conhecer, iniciado com a participação nas sessões de escala, esclarece enquadres fundamentais das experiências com a palavra, que constituem as práticas de vida dos caianinhos.

No quarto capítulo, denominado “O preparo de Vegetal”, a relevância das palavras é ainda mais evidenciada pois afirma-se que elas afetam a qualidade do chá. Descrevo o conjunto de ações técnicas e espirituais articuladas na sua produção, elas permitem explicitar a concepção de que a *burracheira* proporcionada não é resultante da simples combinação química de seus princípios ativos. Não se ignora seu caráter psicoativo, contudo a Hoasca é algo além disso. E o preparo mostra que seus efeitos estão tão relacionados aos procedimentos de colheita das plantas e cozimento do chá quanto às palavras enunciadas.

Para tanto, é necessário entender as premissas míticas-cosmológicas com as quais entrelaçam-se as ações. É preciso evocar a História da Hoasca, na qual sua origem é narrada por Mestre Gabriel. Assim, reflito com Overing (1995) sobre os mitos, concordando com sua abordagem. Ela os trata como forma de conhecimento do mundo que constitui os atos cotidianos e não uma realidade falsa ou fantasmagórica.

Ao invés de iniciar descrevendo explicitamente a História da Hoasca, sigo as práticas caianinhas, especialmente com relação à palavra no preparo de Vegetal, para retrazar certas relações com o mito fundador. O intuito é mostrar como as ações rituais estão re-contando, à sua maneira, a História da Hoasca. Mas esse recontar não é literal, é um produzir novamente, um reproduzir em novos ambientes e com outros personagens, o mistério da União do Vegetal. Portanto, o mito tem funções práticas e efeitos reais sobre as ações das pessoas, assim, ambos (mito e rito) são faces das práticas dos sujeitos, não havendo uma ruptura entre tempo mítico, ritual e cotidiano.

Se o objetivo é preparar um bom Vegetal, quais os critérios para reconhecê-lo? Um bom Vegetal é identificado ponto grau, isto é, que seja obediente à palavra¹⁷. Embora esta não seja a única característica que qualifica um Vegetal ponto grau, ela foi-me reiteradamente dita, por diferentes sócios.

A análise do preparo em sua articulação com a palavra aponta tanto para a caracterização que se faz da natureza da bebida quanto de como os sujeitos aprendem com a Hoasca. As noções do que é o Vegetal e a Natureza serão problematizadas.

A Natureza não é algo inerte sobre a qual os humanos exercem domínio, ela é uma manifestação do Divino Espírito onisciente, onipresente e onipotente que rege o universo. Assim, ao mesmo tempo em que o Vegetal possui um domínio próprio, uma inteligência independente da interferência humana, sendo capaz de “se apresentar”, “trazer a força de uma chamada”, ou mesmo “eliminar um sócio”, ele também é suscetível à ação humana.

Portanto, a relação entre o Vegetal e a pessoa não é unidirecional e passiva. O Vegetal age na pessoa assim como a pessoa aprende a agir dentro do Vegetal. Minha reflexão está concentrada nessa ação mútua.

No quinto capítulo, denominado “A natureza da palavra”, a linguagem caianinha assume centralidade como objeto de análise, diferenciando-se dos registros tangenciais já realizados, do potencial criativo das palavras. Detalho as particularidades da

¹⁷ De acordo com um dos pareceristas da comissão científica da UDV, a definição do Vegetal ponto grau como obediente à palavra não é consensual. Portanto, reitero que esta definição foi escolhida por ser aquela mais enfatizada pelos meus interlocutores.

aprendizagem linguística, iniciando com uma diferenciação entre os mistérios de palavras ensinados por Mestre Gabriel e os mistérios encontrados através do estudo que os discípulos fazem de outras palavras.

Acompanhei as interações não ritualizadas pela ingestão do Vegetal dentro do núcleo e, quando possível, em confraternizações fora do núcleo, com o objetivo de perceber em que medida o léxico de palavras misteriosas e formas de fala são criativamente performadas assumindo novos sentidos através da experiência.

Em diálogo com o conceito de aprendizagem proposto por Lave (1991), que consiste no processo de tornar-se membro de uma comunidade de prática, mostro como a Direção e os próprios discípulos negociam certas fronteiras à criatividade do estudo dos mistérios das palavras. Não pretendo definir hierarquias de coerência ou verdade e sim apresentar como os discípulos compartilham diferentes percepções reconhecendo novos mistérios, renovando suas formas de fala e re-inventando jeitos de ser caianinho.

Ao definir a linguagem caianinha como uma ideologia explícita da linguagem, busco evidenciar as premissas que lhe constituem. Sintetizo três pressupostos que subjazem a linguagem caianinha e revelam a dinâmica entre a intenção do falante e a força da palavra na configuração de três operações orientadoras do estudo dos mistérios: a interpretação de um “sentido literal”, através da decomposição da palavra e da associação de sentidos por meio da homofonia.

A relação com as palavras mostra que os enquadres metalinguísticos, nos quais o assunto é a própria linguagem, não se restringem ao aprendizado em sessões do Vegetal. Portanto, a linguagem religiosa e cotidiana, ao contrário do sugerido por Tambiah (1968, p. 180), se relacionam por continuidade e não por disjunção.

A palavra, como toda semente, depende de algumas condições para germinar e frutificar. Assim como os performativos em Austin (1990, p. 30) dependem de condições adequadas para que sejam considerados eficazes, busco quais os critérios que a linguagem caianinha identifica como determinantes das condições de felicidade da força de uma palavra.

Busco na abordagem de Hallowell (1955) sobre os Ojibwa, elementos para analisar o direcionamento dado pela doutrina e seu efeito re-ordenador do *self* na *burracheira* realizado através do re-aprender a falar, que constitui o *estudo* e da *transformação* de si. Transformar a si, conforme ensina a doutrina da UDV, é fator moral co-determinante da eficácia e Força das palavras, sintetizado na sua noção de prática.

Dou importância à diferenciação feita entre os caianinhos entre a padronização do gênero de fala, que constitui a base coletiva de mútuo reconhecimento e o estilo rígido reduz grosseiramente a forma ao molde vazio. Essa dupla face da convencionalização é a base da caracterização da beatice em oposição ao uso misterioso das palavras. Se por um lado, o estudo da linguagem caianinha é estimulado e está implicado em situações criativas, por outro, é recomendado cautela com o exagero e com o uso deste conhecimento de forma arbitrária e descontextualizada.

O humor possui uma dimensão pedagógica importante na medida em que, por meio dele, define-se as fronteiras entre o uso misterioso e o uso exagerado ou beato dos ensinamentos de Mestre Gabriel. A brincadeira constitui um método importante de aprendizado, ao jogar criativamente entre a abertura e os limites entre os mistérios e o exagero.

Por fim, retomo um diálogo entre a concepção caianinha de linguagem com a reflexão de Wagner (2010) sobre dois modos de conhecer fundamentais nos coletivos humanos, que opõem duas concepções de linguagem, a primeira a considera como inata e a segunda como arbitrária, mostrando como ocorrem os processos de convencionalização de sentidos em ambos.

Argumento que a concepção de linguagem na UDV forma-se no encontro desta dupla dimensão inata e construída. Na UDV, a linguagem assume um caráter de substância: o mistério emerge como uma potência que lhe é imanente. Todavia, simultaneamente à imanência da força da palavra, tem-se a percepção de seu uso passível de correção, e assim, a UDV demanda um emprego consciente dos mistérios da linguagem.

2 INICIAÇÃO ESPIRITUAL E PESQUISA NA UNIÃO DO VEGETAL

A antropologia tradicionalmente se constitui na relação entre campos conceituais distintos, normalmente identificados pelos dois sujeitos da pesquisa: o antropólogo e seus interlocutores, o Eu e os Outros. Dessa experiência de alteridade, a antropóloga tece “semelhanças entre coisas diferentes ou desiguais” (GONÇALVES, 2010, p. 7), relacionando e comparando modos de conhecer e ser no mundo. Tal movimento pode ser identificado com aquela tensão presente na antropologia entre o particularismo e o universalismo, um esforço para “mapear diferenças e singularidades” (GOLDMAN, 1999, p. 110).

Quando a pesquisa é desenvolvida em contexto estranho à antropóloga, a narrativa etnográfica descreve a aproximação feita em campo demonstrando como a cultura estudada vai tornando-se “visível” (WAGNER, 2010) por meio do aprendizado de outro modo de viver e pensar. Esta experiência é o eixo comum que orienta a antropologia: uma “perspectiva intersticial (o olhar desde dentro)” (SILVA, 2006, p. 13). Nestes casos, a aproximação é condição da percepção intersticial justamente porque os sujeitos da pesquisa vivem em contextos diferentes. Mas, e quando a antropóloga e seus interlocutores compartilham as relações que serão objeto de estudo? Como escrever a respeito de uma experiência de campo que não se estabelece por uma ponte entre universos de sentido radicalmente distintos? Ou nos termos de Strathern (2014, p. 133) “como se *conhece* quando se está em casa?”

Este é o meu caso. A partir dele seleciono elementos para problematizar como as relações de pesquisa em suas dimensões ética e teórica se formam desde a elaboração do projeto até a escrita da dissertação. Começarei apresentando nuances de minhas experiências na União do Vegetal (UDV). De antemão, quero registrar: usarei palavras conhecidas por meus irmãos da UDV, mas nem sempre pelo leitor especializado em

antropologia¹⁸. A forma narrativa desta dissertação inspira-se na reflexão de Strathern, para quem a auto-antropologia se define menos pelas credenciais do antropólogo e mais pela “continuidade entre o texto etnográfico e a forma narrativa nativa” (2014, p. 136).

Busco uma forma narrativa coerente com o modo de conhecer proposto por Mestre Gabriel, no qual não se deve “entregar tudo na bandeja”. Tal forma de administrar o conhecimento se expressa na maneira como os discípulos interagem entre si ao contarem suas reflexões a respeito da doutrina, chamadas e histórias¹⁹ da UDV.

Uma das compreensões desse ensino é que, ao compartilhar um conhecimento, não se fala com a pretensão de transmiti-lo em totalidade como um objeto pronto e acabado. E é neste sentido que aproximo tal concepção da forma narrativa adotada nesta dissertação. Meu objetivo não é apresentar tópicos onde descreverei a União do Vegetal como totalidade cosmológica ou estrutura hierárquica (se assim é possível). Abordarei os sentidos de certas palavras e formas de fala gradualmente, conforme as situações de interação vivenciadas, as quais considero relevantes ao presente objetivo.

Este princípio, responsável por orientar a forma de administrar o conhecimento e não entregá-lo “na bandeja”, obedece uma ética do segredo, que deve, de acordo com José J. de Carvalho (1984, p. 222), ser respeitada pela ética antropológica. Por esse motivo, esta dissertação é menos uma escrita *sobre* a UDV e mais uma escrita *com* e *na* UDV, isso significa que ela reflete meu próprio processo de aprendizado religioso e antropológico.

Contarei algumas experiências do caminho que venho trilhando como sócia e antropóloga, a fim de evidenciar como o objeto desta pesquisa passou da análise das formas de fala em si

¹⁸ Possivelmente amigos de outras religiões ayahuasqueiras compreenderão tais categorias, pois reservadas suas diferenças, compartilham alguns aspectos relativos às experiências com a Hoasca.

¹⁹ Estas são as três formas principais pelas quais os ensinamentos espirituais são compartilhados. Os ensinamentos espirituais são transmitidos oralmente, como se diz na UDV “de boca a ouvido”.

ao exame de como a ênfase dada às palavras está implicada no modo de conhecer e ser *caianinho*²⁰.

2.1 OS PRIMEIROS PASSOS

Em 2009, enquanto iniciava o curso de ciências sociais fui convidada a *comungar*²¹ o Vegetal²². Àquela época não sabia detalhes do ritual, mas estava ciente de que beberia um chá de sabor amargo e poderia vomitar. Me alertaram, entretanto, para ficar tranquila porque tratava-se de uma *limpeza*. Morava em Cuiabá (MT), onde bebi o chá pela primeira vez. Nesta experiência com a *burracheira*²³, tudo mostrou-se mais profundo: os sentimentos, os gestos e as palavras.

Naquele salão, como em todos os outros onde ocorrem as sessões de comunhão com o Vegetal, há uma fotografia de um senhor, o Mestre Gabriel, a quem ainda estou conhecendo. Este senhor é o criador da União do Vegetal e tornou-se o guia espiritual que legou ensinamentos em chamadas, doutrina e histórias. Os estudos realizados nas sessões giram em torno desses ensinamentos.

Na primeira vez em que comunguei o Vegetal, minha atenção oscilava entre as palavras faladas pelo Mestre dirigente da sessão e a voz interior com a qual eu conversava. Experimentei uma transformação na percepção do tempo: um instante parecia eterno. Durante a *burracheira*, fui surpreendida com o canto de alguém e um suave aroma de flores se apresentou.

²⁰ Na história da Hoasca, contada por Mestre Gabriel, onde este narra a origem do chá, Caiano foi o primeiro a recebê-lo de Salomão, tornando-se o primeiro hoasqueiro. Caianinho é um termo utilizado pelos sócios da UDV para se auto-identificarem, por se reconhecerem como discípulos de Caiano. Este é, conforme mostra a história, o Mestre Gabriel em uma de suas encarnações passadas.

²¹ A noção de *comunhão* tem implicações fundamentais na relação da força das palavras com o Vegetal e será refletida com mais minúcia. Por enquanto, é suficiente considerar a comunhão como ação simultaneamente coletiva e individual de beber o Vegetal numa sessão.

²² O Vegetal é uma bebida usada ancestralmente por indígenas da Amazônia. É também conhecida por outros nomes como Yajé, ayahuasca, Daime, etc, feita da decoção de duas plantas, o cipó que chamamos Mariri e as folhas do arbusto Chacrona.

²³ *Burracheira* é o nome que se dá na UDV para o efeito do chá Hoasca, e significa *força estranha*.

Vi uma senhora com saias reluzentes adentrar o salão com um cesto de pétalas de rosas em suas mãos. Ela veio caminhando em torno da mesa central, espalhando as pétalas pelo ar, as flores flutuavam. Essa visão me conduziu ao “espaço em expansão e o tempo em câmera lenta, era tudo em comunhão com o um e o tudo à solta, era uma outra visão das coisas a nossa volta”²⁴.

O canto me fascinou durante a *burracheira*. Ao revisitar meus escritos da primeira sessão, encontrei esta narrativa que apresento aqui parcialmente, pois remete a uma visão iniciada concomitante à chamada, à época nada além de um belo canto para mim. As chamadas fazem parte dos rituais na União do Vegetal e “são consideradas invocações, dirigidas ao plano espiritual” (LABATE e PACHECO, 2009, p.61), podem conduzir a pessoa a visões do plano espiritual, dar-lhe acesso a uma dimensão não-visível em condições ordinárias.

Posteriormente mostrarei como as chamadas e os *mistérios das palavras* estão ligados, agora quero mostrar como minhas experiências pessoais foram fundamentais para a constituição do objeto desta pesquisa, e que os efeitos das palavras em intensificação ou abrandamento da *burracheira* foram sinais que me apresentaram caminhos possíveis de análise, adiante reelaborados com o apoio das teorias antropológicas.

Nesses primeiros contatos, notei a recorrência da seguinte pergunta feita pelos sócios aos novatos: *O que te cativa na UDV*²⁵? E a ela respondia ser o fato de aproveitarem a *burracheira* proporcionada pelo chá para *concentração mental*, fazendo o estudo de si e dos ensinamentos legados por Mestre Gabriel. Eu, particularmente, fiquei admirada com a capacidade das pessoas em estudarem, falarem e se movimentarem sentindo os efeitos do chá. Isto porque, para mim, era difícil lidar com toda aquela frequência de pensamentos e sensações.

Esse olhar retrospectivo para escritos e memórias de experiências anteriores ao processo de pesquisa foram decisivos na configuração do objeto a ser estudado e reporta à compreensão da antropologia como ofício intelectual onde “não há divisão, na prática, entre trabalho e vida” (INGOLD, 2015, p. 343).

²⁴ Trecho da música *Experiência* de Chico César e Carlos Rennó.

²⁵ A ideia de cativar está ligada ao sentido de encantar e aproximar, o que se quer saber é o que te encantou na UDV, o que te fez escolher este caminho espiritual.

As relações entre a iniciação acadêmica e religiosa é tematizada em algumas análises. Mateus Maas (2015, p. 6), por exemplo, iniciou-se simultaneamente na antropologia e no Santo Daime e fez uma analogia entre os dois processos e os efeitos desse duplo pertencimento. Mostrou como suas primeiras experiências com o Daime eram marcadas pelo ceticismo oriundo de sua formação crítica e, posteriormente, como um *insight* experimentado com a escuta do hinário durante a “força do Daime” o levou a relativizar seus próprios pré-conceitos e abrir-se àquele modo de conhecer. O evento que relata, traz ainda a dimensão intuitiva, frequentemente tangenciada nos estudos envolvendo tanto fenômenos considerados espirituais quanto aqueles do consumo de psicoativos.

Frequentei a UDV por seis meses até me *associar*²⁶. Embora o começo nas ciências sociais e na UDV tenham sido concomitantes, a iniciação na antropologia e na pesquisa só vieram posteriormente com o mestrado, sendo a dissertação parte fundamental deste processo. Minhas vivências na UDV antecederam em aproximadamente 4 anos a pesquisa, e, ainda que seja um curto período de tempo, eu o considero significativo.

É preciso dizer também que minha associação marca o início de uma adesão religiosa. Mas, a iniciação espiritual é um movimento contínuo não definido somente pela associação, especialmente neste contexto onde a transmissão do conhecimento é mediada por uma hierarquia na qual ocupo o “primeiro degrau”, o quadro de sócios. Isto me coloca limites de acesso ao conhecimento. É por esta razão, que ser sócia em uma religião cujo sistema de conhecimento é hierarquicamente organizado em torno do segredo, implica restrições e possibilidades.

2.2 A NEGOCIAÇÃO DA PESQUISA E OS DESAFIOS ÉTICOS

Dentre as teses e dissertações das ciências humanas publicadas a respeito da UDV, seleciono a de Ribeiro (2009), Melo (2010) e Bys (2014) onde uma questão me parece

²⁶ A associação é a forma institucional de adesão que a pessoa faz ao Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, quando assume deveres e direitos.

recorrente: a reflexão sobre as implicações metodológicas da relação entre pesquisador e religião, em suas instâncias institucional e local.

No caso de Ribeiro (2009), a pesquisa “tomou o rumo da iniciação” consumada com a ingestão do Vegetal, não havendo uma associação formal. A autora argumenta que sua etnografia não se pauta pelos dados “memorialísticos de experiências iniciáticas pessoais”, a estas reserva o status de “complementaridade”.

Considero um desperdício deixar à margem elementos fornecidos sob a inspiração das sessões que formaram, como ela reconhece, “as peças para a construção de questões norteadoras no processo de apreensão e tradução dos elementos do universo Udevista” sem o qual “todo esforço de apreensão seria infecundo” (RIBEIRO, 2009, p. 30).

Rosa Melo (2010, p. 241), por sua vez, reconhece que “beber o chá e sentir seus efeitos não é suficiente na iniciação Udevista”, sendo este um processo contínuo mediado por instâncias hierárquicas. Assim, sua associação à UDV teve o intuito de “ver de dentro” a adesão e vivência religiosa (MELO, 2010 p. 20). No entanto, ainda que a iniciação não seja definida pela ingestão do chá, não consigo enxergar a associação como garantia dessa perspectiva interna.

Talvez a adesão religiosa posterior ao interesse de pesquisa seja percebido pelos sócios mais como estratégia metodológica e menos como o reflexo de uma busca espiritual. Considerando que a sua adesão se deu principalmente porque “já tinha escolhido a União do Vegetal como campo”, é possível que ela tenha sido objeto de desconfianças desse tipo (MELO, 2010, p.16). Como ela mesmo afirma, “talvez para sublinhar minha presença, por vezes me foram feitas menções depreciadoras da atuação de pesquisadores que com uma ou duas sessões acreditam conhecer a União do Vegetal, atitude menosprezada como arrogância acadêmica” (2010, p. 19).

Meditando sobre sua relação com a UDV, Alberto Bys (2014) traz uma contribuição interessante, pois amplia a noção do “ser nativo” para além da associação, uma vez que um não-associado pode compartilhar aspectos fundamentais da cosmologia Udevista, no seu caso, a centralidade da busca pelo aprimoramento espiritual. Para ele, a definição de um hoasqueiro envolve mais ser afetado pelo ritual e cosmologia do que a estrita

adesão à religião. Isso confirmou-se em minha experiência, ao observar diversas vezes o que um irmão sintetizou: “muita gente é sócio, é até corpo instrutivo, mas ainda não se ligou nos ensinamentos do Mestre”.

Essas considerações esclarecem as concepções de antropologia dos autores bem como as dificuldades específicas de cada um na negociação da pesquisa com a comissão científica e os demais interlocutores *caianinhos*.

Quanto à análise antropológica desta relação com os interlocutores, cada autor vale-se de uma estratégia metodológica. Para Ribeiro (2009, p. 29), a alteridade sintetizada pela oposição nós/outros é a chave para garantir uma análise sensível que mantenha ao mesmo tempo uma distância segura para objetividade. Melo (2010), por sua vez, associada à UDV relata experimentar uma posição liminar entre o encantamento da *borracheira*, onde distanciava-se da análise antropológica, e a sua resistência à doutrina da UDV, o que lhe possibilitou uma constante “crítica de seus supostos”. Bys (2014) reconhece a complexidade do jogo entre empatia e objetividade, assumindo-a como horizonte de referência, auxiliando-o no processo de objetivação da escrita.

Em geral, os projetos foram enviados pelos pesquisadores à comissão e devolvidos com sugestões de reformulação. A partir daí a nova versão era aceita com orientações quanto aos cuidados éticos com o grupo, especialmente no que diz respeito a histórias e conhecimentos religiosos considerados secretos e reservados aos graus hierárquicos internos.

Ribeiro (2009) e Bys (2014) mencionam brevemente o diálogo estabelecido com a comissão científica, enquanto Melo (2010, p. 20) demora-se mais, propondo uma postura crítica em relação à “comissão denominada científica”. A autora relata que seu primeiro projeto foi rejeitado e apresenta as razões disso: primeiro a sua não-familiaridade com o objeto da pesquisa e segundo o seu “interesse evidente pela via acadêmica que foram agravados pela ausência de referências pessoais necessárias para criar um clima inicial de confiança” (2010, p. 21). Contudo, não fica claro se estes foram os argumentos apresentados pela comissão ou se é sua dedução, feita a partir de impressões extraídas de uma relação delicada.

Neste cenário, acredito que minha contribuição é explicitar alguns outros aspectos do diálogo de negociação da pesquisa, seja

com a comissão científica seja com os caianinhos dos núcleos, enfatizando as consequências deste duplo pertencimento como sócia e antropóloga. Embora seja considerado “consenso” que a discussão a respeito da objetividade esteja “superada” na antropologia, retomo em parte o debate a fim de questionar o modelo de alteridade nós/outros e a ideia de que a distância cosmológica garante objetividade analítica.

2.2.1 A comissão científica

A União do Vegetal é uma religião estruturada institucionalmente em duas esferas: a Representação Geral e a Diretoria Geral, cujas responsabilidades são distintas e interligadas. Atribui-se à Representação Geral a condução dos discípulos em sua dinâmica doutrinária e à Diretoria Geral, a dinâmica administrativa, ambas de caráter espiritual e sagrado.

A comissão científica está vinculada à Administração Geral e foi criada em 2004 com a “função de proceder a análise, aprovação e acompanhamento de projetos que tenham como foco a UDV, o Vegetal e sua irmandade” (BERNARDINO-COSTA, 2011, p. 71). Segue abaixo uma descrição a respeito de como a comissão científica é organizada e como se desenvolveu nossa relação.

Ao expandir-se dos seringais amazônicos aos centros urbanos de diversos países, a UDV priorizou a regularização jurídica de suas atividades, especialmente em virtude do uso do chá Hoasca. Sobre este processo de legalização do uso do chá, pode-se consultar uma vasta bibliografia disponível (LABATE & CAVNAR, 2014) que não será objeto de minha análise.

A comissão científica engendrou-se no contexto da expansão da UDV, em virtude do crescente interesse de pesquisadores e da percepção da UDV de que havia a necessidade de preservação de seu conhecimento e da consolidação de estudos comprovando o caráter benéfico da ayahuasca, ainda vista com preconceito.

A partir do diálogo com o presidente desta comissão, identifiquei que ela funciona em duas instâncias: acadêmica e institucional. A primeira é formada por sócios competentes em diferentes áreas científicas, eles avaliam aspectos teóricos e metodológicos, e a segunda por membros da alta hierarquia da

UDV, incumbidos de avaliar a adequação entre o interesse institucional e a proposta do projeto.

Considero que a avaliação da instância institucional tem um caráter *religioso*, isso não significa dizer que o aspecto religioso esteja ausente da avaliação acadêmica, afinal os avaliadores acadêmicos são sócios. E isto reflete a própria forma como a UDV vem concebendo seu processo de institucionalização, através da sacralização de esferas frequentemente consideradas seculares.

Como sugere Bys, em vez de conceber esta organização como espelhando uma divisão entre a filiação administrativa e a filiação espiritual, o que está em jogo: “é bem mais uma sacralização do secular mundo administrativo. É justamente a delimitação entre secular e sagrado como âmbitos diferentes, diferenciados e diferenciantes que a cosmovisão udevista impugna ou rebate ao considerar seus membros em primeiro lugar, sócios (BYS, 2014, p. 88). Esta observação confirma certa extensão da noção de sagrado a outras dimensões da vida: a ênfase na consagração da vida inclui a face institucional da UDV.

A percepção desta dinâmica vem das questões as quais coloquei ao presidente, único membro da comissão com quem mantive contato, pois os pareceristas são anônimos. O primeiro projeto enviado por mim recebeu três pareceres pedindo sua reelaboração para nova submissão considerando que eu deveria esclarecer os seguintes pontos:

1. como conciliar o estudo das palavras e o caráter reservado/secreto de alguns ensinamentos;
2. a apresentação de uma justificativa da relevância da pesquisa para a UDV;
3. a apresentação de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE);
4. a problematização da responsabilidade em pesquisar uma religião da qual sou membro.

Mediante estas questões, fui levada a pensar e expressar mais claramente minhas pretensões com tal pesquisa. A avaliação da comissão científica considerou principalmente seus interesses institucionais relacionados ao conhecimento espiritual.

Particularmente no caso de uma pesquisa em ciências humanas, onde se lida com saberes que podem estar restritos à transmissão iniciática, a comissão realiza tanto um exame da fidedignidade das informações quanto um controle àquilo que não

deve ser tornado público, em função do “legítimo direito de manter em âmbito privado os ensinamentos reservados”²⁷. Uma vez que demanda ao pesquisador uma justificativa de como o conhecimento pretendido pela pesquisa pode ser do interesse da instituição, a comissão científica mostra-se empenhada na construção da imagem pública da UDV.

Meu segundo projeto encaminhado à comissão científica recebeu a aprovação com indicações sobre como eu deveria diferenciar as palavras ritualizadas daquelas surgidas fora das sessões, mas incorporadas ao linguajar cotidiano entre os sócios. Além disso, colocavam minha posição hierárquica no quadro de sócios como limitadora à compreensão do léxico próprio da UDV, sugerindo um acompanhamento da Direção para confirmação ou correção das informações registradas.

Com relação à estrutura, é preciso dizer que a UDV é constituída por graus hierárquicos, aos quais são atribuídos deveres e direitos, dentro dos quais inclui-se o acesso a ensinamentos secretos. São eles o quadro de sócios, o corpo instrutivo, o corpo do conselho e o quadro de mestres. O conhecimento na UDV é transmitido gradativamente de acordo com estes graus.

Se o meu pertencimento ao quadro de sócios limita o acesso ao léxico *caianinho*, como bem aponta a comissão científica, esta limitação não é necessariamente negativa, uma vez que o acesso a esse conhecimento reservado não poderia ser transformado em dado etnográfico. Em relação a este aspecto, considero o lugar no quadro de sócios conveniente, pois não estou sob o risco de revelar aquilo que ainda não me foi revelado. No entanto, sei que mesmo no quadro de sócios é possível, através do estudo, chegar a conhecimentos não autorizados a serem publicados. Por isso busco respeitar as orientações recebidas da comissão científica, baseando-me também no material já publicado em outras teses e dissertações, ao mesmo tempo, resguardo minha liberdade autoral.

2.2.2 A convivência com os caianinhos

Se a existência de uma instância especializada nesta mediação é uma idiossincrasia da UDV, quando comparada a outras religiões ou grupos ayahuasqueiros, o controle exercido

²⁷ Trecho citado de um dos pareceres que recebi da Comissão científica.

pelos interlocutores não é, pois “o problema da comunidade não é o mesmo do antropólogo, que consiste em administrar sua competência pessoal ao lidar com os outros: o problema da comunidade é simplesmente *controlar* o antropólogo” (WAGNER, 2010, p. 35).

Experimentei isso quando estive em Brasília, na casa de um dos Mestres membros do Conselho da Recordação, por quem tenho admiração pelo conhecimento e dedicação à UDV. Fui apresentada por uma amiga sócia da UDV residente em Brasília. Estávamos diante de uma pessoa que conviveu com Mestre Gabriel e recebeu dele o direito de ocupar o grau hierárquico de mestre, portanto, uma autoridade nesta religião. Já havia assistido a algumas sessões dirigidas por ele, mas estar em sua residência numa atmosfera tão íntima, gerou-me certa insegurança e timidez em me expressar.

Nutria uma expectativa: conseguir uma entrevista registrada em áudio. Para usar uma expressão *caianinha*, imaginava que receberia a entrevista “na bandeja”. Ele nos recebeu amigavelmente e quando ela me apresentou dizendo: “Mestre, essa aqui é uma amiga de Cuiabá”, ele respondeu “é amiga só *de* Cuiabá? Pode ser nossa amiga também?” e nós rimos de seu jeito de falar.

Este jeito pode parecer um detalhe irrelevante, mas revela uma forma de identificar e jogar com os sentidos. Ao conferir a preposição *de* à função de indicar o sujeito do qual seria amiga, no caso a cidade de Cuiabá, brinca com ambiguidades e abreviações da linguagem cotidiana, configurando uma atenção constantemente reencenada com outras palavras em outros diálogos.

Quando incluí em minha apresentação o fato de realizar uma pesquisa a respeito da concepção que a UDV tem da força e mistérios das palavras, ele perguntou-me instantaneamente, olhando fixamente em meus olhos:

Mestre: que grau você ocupa na hierarquia?

Eu: quadro de sócios ainda

Mestre: começa por aí, pra falar e estudar os mistérios das palavras é no corpo instrutivo. E eu também não sou muito favorável a estas pesquisas, porque tem muita coisa que já foi revelado, alguns

ensinos do Mestre Gabriel que não devia. Ainda mais esse assunto de mistérios! (Diário de campo – Brasília, março de 2015).

Senti-me desconcertada com seu olhar e palavras desconfiados. O silêncio subsequente tornava a cena ainda mais embaraçosa, demonstrando certa resistência de sua parte às pesquisas acadêmicas. Quando rompendo o silêncio eu disse:

entendo a necessidade do cuidado que o senhor está falando, e quando enviei o trabalho à comissão científica eles me orientaram quanto a esse zelo em manter a reserva daquilo que deve ficar no âmbito da União. Os assuntos reservados eu mesma ainda não tenho acesso, e meu trabalho é mais em relação a essa forma de falar da União que não é somente restrita às sessões. Por exemplo, colocar ainda quando até aquele momento não conseguimos alguma coisa (Diário de campo – Brasília, março de 2015).

Continuei dizendo que minha percepção era de que a palavra na UDV é uma ação, e ele logo inteirou:

E uma reação, porque se eu disser pra você [em tom agressivo]: ‘você não vale nada!’ como você vai me responder?

Eu [olhar fixo e tom incisivo]: ‘Eu tenho o meu valor!’

Ele [rindo] disse: Está vendo? Como você se sentiu? Então... tem o que se fala, mas também como se fala.

Perguntei-lhe: Porque? No tom tem uma intenção?

Ele respondeu-me: Isso mesmo. Mestre Gabriel falou que a palavra é quem traz tudo pra nós, e traz mesmo, nós é que ainda não sabemos usar a palavra, porque a palavra vem do Superior, mas da forma como a humanidade ainda usa negativamente...Por isso o Mestre Gabriel

diz que precisamos aprender a falar (Diário de campo – Brasília, março de 2015).

Este mestre habilidoso com as palavras fez uma série de rimas em versos as quais não conseguia memorizar. Ao pedir para registrar no gravador, ele disse: “grava na sua memória”. Sua postura me fez perceber que o acesso ao conhecimento demandaria uma negociação constante a cada diálogo. O pesquisador integrante do grupo estudado não está isento desse controle, ao contrário, a proximidade com seus interlocutores requer uma postura capaz de lidar com as expectativas internas. De um lado, com relação ao grau hierárquico ocupado por mim e as margens delimitadoras do acesso ao conhecimento de que disponho para abordar o tema proposto, e de outro, o compromisso em manter como segredo aquilo que não deve ser revelado.

Além disso, há uma tensão entre a expectativa de quem o vê como um porta voz do grupo e a expectativa da comunidade acadêmica, que espera de sua etnografia algo além de uma reprodução apologética do discurso nativo. Ser sócia da UDV não me livrou de situações onde fui confrontada com o fato de ser pesquisadora e os riscos que isto representa a preservação dos segredos.

Em algumas entrevistas, fui explicitamente avisada de que não deveria publicar determinadas partes, sob o perigo de tornar visível ensinamentos a permanecerem reservados. Comecei a perceber como é complexa a negociação entre a ética antropológica e a ética do grupo. Precisei ponderar os elementos a serem analisados na dissertação buscando um ponto intermédio entre o respeito à ética interna e as necessidades descritivas de um trabalho antropológico, sem reduzir a ética à estrita obediência aos interlocutores ou à comissão científica. A escrita é o palco desse árduo exercício, é mais um experimento do que um resultado.

2.3 AS FONTES DA PESQUISA

A associação à religião não foi uma consequência do interesse de pesquisa, de maneira que o início formal do meu trabalho de campo não pode ser descrito como o acesso a um mundo de total novidades. Isto também não significa que por

estar, até certo ponto, familiarizada com a dinâmica das experiências caianinhas e ensinamentos do Mestre Gabriel, eu não tivesse nada mais a saber e perguntar. Que lugar é esse então? Como descrevê-lo e problematizá-lo?

A experiência de campo não se forma apenas na relação mais imediata com meus irmãos, ela envolve as leituras pelas quais transitei, os diálogos feitos com professores e colegas em disciplinas, os filmes que assisti, os insights experimentados na *burracheira*, as sugestões de leitura e escrita recebidas de interlocutores da UDV e da antropologia. São diversas as fontes não dispostas sistematicamente num caminho linear, “na prática essas etapas são processos que se comunicam e se constituem de forma circular ou espiral” (SILVA, 2006, p. 27).

É mais uma trilha que uma estrada. Enquanto a estrada é pronta e só precisamos segui-la, a trilha deve ser forjada no caminhar. Assim entendo a etnografia: seguimos com instruções, mapas e bússolas sobre a região a ser percorrida, mas nós é que faremos o caminho no trilhar em direção aonde queremos chegar. E é provável que a direção e o destino se transformem no percurso.

As unidades da UDV são denominadas núcleos. Em Florianópolis, há dois núcleos, o Estrela Dalva e o Luz Abençoada. Fui sócia no Núcleo Estrela Dalva (NED) durante dez meses (de março à dezembro de 2014). Em janeiro de 2015, transferi-me para o Núcleo Luz Abençoada (NLA), onde desenvolvi mais intensamente a pesquisa de campo. Alguns mestres e conselheiras de outras regiões do país que visitaram o NLA também contribuíram com esta pesquisa. Viajei a Brasília, onde está localizada a Sede Geral da UDV, em duas ocasiões: agosto de 2014 e março de 2015, ficando lá por períodos de quinze dias, oportunidades em que conversei com sócios envolvidos no trabalho administrativo da UDV, sócios da direção, que estão desde a década de 1970 engajados no trabalho espiritual legado por Mestre Gabriel, e com um mestre antigo, que me recebeu e compartilhou preciosidades de seu conhecimento com os mistérios de palavras.

Realizei também pesquisas nas obras publicadas por sócios da UDV, sendo as principais os livros “Mestre Gabriel – O mensageiro de Deus”, de Ruy Fabiano (2012), “Relicário: imagens do sertão” e “Estrela da minha vida”, de Edson Lodi (2010; 2011). Encontrei neles alguns relatos de pessoas que

conviveram com o Mestre Gabriel e participaram da UDV desde seus primeiros momentos, ainda nos seringais da Floresta Amazônica. A profundidade de suas experiências e a delicadeza poética de uma escrita que semeia mistérios da linguagem caianinha são fonte de inspiração. Consultei as Edições Históricas do Jornal Alto Falante, de 1989 à 1995, – trata-se de um jornal de circulação interna aos sócios da UDV. Nesse manancial, encontrei algumas memórias de quem conviveu com Mestre Gabriel e Pequenina, nos primórdios da União.

Mas a principal fonte desta pesquisa foram as vivências com a irmandade do NLA durante os mutirões, confraternizações, preparos de Vegetal e sessões. Os dirigentes da UDV não são remunerados pelo trabalho espiritual desenvolvido, são também voluntários e contribuintes desta obra.

Os recursos financeiros mantenedores do funcionamento dos núcleos da UDV são oriundos das mensalidades pagas pelos sócios, que exercem diversas profissões e pertencem a diferentes classes sociais. Assim, as construções e trabalhos são financiados e, em alguns casos, executados por seus membros em cooperação. As participações nestes trabalhos foram valiosas, nelas pude conhecer melhor as pessoas, construir amizades, trocar aprendizados e narrativas, registradas em meu caderno de campo.

No cotidiano, meu caderno raramente estava em mãos, por isso os registros em minha memória assim como na memória dos irmãos foram fundamentais. Busquei-lhes diversas vezes, retomando um assunto a fim de esclarecer pontos ou desdobrá-los em novos diálogos. Iniciei o processo mais sistemático de escrita do caderno de campo de março a agosto de 2015, neste período, realizei 10 entrevistas gravadas em áudio e três prosas, cujos registros em áudio não foram permitidos. Desde 2014, compilo notas que foram importantes na elaboração do projeto de pesquisa, avaliado pela comissão científica da UDV. Frequentemente, anotava frases chave ou gravava em áudio elementos que considerava relevantes à pesquisa.

Quais critérios usei para identificar elementos relevantes? Os que se relacionavam à palavra, seja quando ela era o tema das conversas ou quando era instrumento utilizado para gerar efeitos específicos. Em virtude das escolhas teóricas feitas por mim, não poderia estender-me demasiadamente na procura de uma descrição “exaustiva”, por essa razão estabeleci algumas linhas que deram as margens deste trabalho.

Se por um lado, elas não permaneceram estáticas, por outro, tê-las como referência desde o começo foi fundamental para que no trilhar entre as margens da paisagem caianinha, eu não fosse míope a elementos não imaginados. Estes me impulsionaram a determinadas reelaborações, afinal, é preciso sensibilidade e flexibilidade constante àquilo que contrasta com nossas suposições e provoca certos modelos teóricos disponíveis.

Durante minha inserção em campo, agi como sócia e antropóloga, valendo-me das minhas experiências em Cuiabá (MT) para estimular diálogos através da contação de histórias. Há três coisas, dizem, que os caianinhos mais sabem fazer: comer, beber Vegetal e contar histórias, que vão de sublimes visões a piadas sobre vômitos e *peias*²⁸.

2.4 OS DESAFIOS DO DUPLO PERTENCIMENTO: SER CAIANINHA E ANTROPÓLOGA

As consequências do pertencimento ao grupo estudado têm efeitos mais complexos, irredutíveis à dupla alternativa de ser um porta voz do grupo, fazendo um discurso apologético, ou porta voz da academia, garantindo uma suposta objetividade científica através de um distanciamento. Se esta questão é pertinente por considerar explicitamente os efeitos desta posição para as relações de pesquisa, é também intrigante o fato de que esta cobrança seja maior quando trata-se do estudo da religião por um religioso, como aponta Otávio Velho:

(...) ao passo que na antropologia tornou-se politicamente correto (quando não obrigatório) o estudo de mulheres por mulheres e de gays por gays, o mesmo não ocorreu no que diz respeito ao estudo da religião, a crença pessoal dos antropólogos constituindo motivo de desconforto,

²⁸ A *peia* é uma categoria polissêmica. Uma das compreensões é de que ela é uma espécie de sofrimento vivenciado durante a *burracheira*, podendo se expressar através de vômitos, diarreias, sensações psicológicas ou ainda a ausência de *burracheira*. Esta noção é fundamental no processo de aprendizado do caianinho e será abordada com mais detalhes.

quando não de desconfiança (1998, p. 349).

A acusação da “impureza acadêmica” (PIERUCCI, 1999) aos pesquisadores que estudam as religiões nas quais participam como membros, são marcadas por um objetivismo iludido, como se a distância cosmológica garantisse a objetividade analítica. Esta perspectiva baseia-se na suposição de que a relação dos nativos com seu conjunto de concepções e práticas é tanto irreflexivo quanto homogêneo, especialmente no caso da religião onde os pesquisadores deveriam “estar profissionalmente imune àquele ‘sacrifício do intelecto’ que toda religião implica e requer” (PIERUCCI, 1999, p. 247).

Caso esta crítica fosse coerente, “a cobrança epistemológica feita aos cientistas sociais com confissão religiosa, no limite, deveria ser estendida a pesquisadores com outras pertencas: uma militante feminista que faça antropologia de gênero” (CAMURÇA, 2001, p. 73). Tal atitude repousa sobre a premissa da separação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível como condição do conhecimento “verdadeiramente científico”, questionada por uma antropologia preocupada com epistemologias alternativas.

A ética inclui uma negociação que não sobreponha o conhecimento antropológico àquele dos interlocutores (e nem o contrário). Aqui, a simetria onde todos são nativos é insuficiente pois mantém a superioridade epistemológica da antropologia, esta hipótese sustentaria uma perspectiva que suporia uma relação irreflexiva do nativo com sua cultura.

Sendo este um debate possível de ser desenvolvido em diversas direções, busquei nas vivências de campo guiar-me pelas seguintes questões: a relação dos meus interlocutores com o conhecimento é homogênea e não-reflexiva? Se não, como caracterizar sua reflexividade?

2.4.1 A experiência de pesquisa com a UDV

A etnografia, expressão parcial de experiências pessoais entre a antropóloga e seus interlocutores, não é a representação de uma realidade congelada. Como Roy Wagner (2010, p. 36), reconheço que a cultura não é uma entidade absoluta, se assim fosse, o aprendizado aconteceria da mesma maneira para adultos

e crianças, nativos ou estrangeiros, enquanto cada pessoa se relaciona de modo diferente com aquilo que definimos como cultura.

Do ponto de vista desta antropologia, minha ligação com a UDV, embora semelhante, não é idêntica a de outros irmãos. Isso pode soar com grande obviedade para alguns, mas se assumirmos que uma parte das análises tratam o social enquanto anti-individual, tendendo a cristalizar o movimento dinâmico das relações em homogeneidades monótonas, perceberemos a forma como a dicotomia entre o Eu e o Outro está possivelmente envolvida “no paradigma saussuriano-durkheimiano que concebe a *parole* subordinada à *langue*, o indivíduo à sociedade” (GONÇALVES, 2010, p. 14).

A referência clássica da relação etnográfica supõe dois conjuntos – o nosso e o do nativo – frequentemente expressos em frases como “os Azande, os Balineses, a UDV, o Daime” que tendem a subsumir a porosidade das experiências na homogeneidade da Sociedade:

Seguindo estas concepções, percebemos que o pessoal tomado como sinônimo do indivíduo foi de certo modo negligenciado enquanto podendo ter um rendimento conceitual positivo na formulação de teorias, uma vez que a orientação da teoria sociológica buscava muito mais a ideia de coletividade como sinônimo de sociedade, construída enquanto tribos, castas e grupos corporados que excluía a experiência pessoal ou a subsumiam enquanto uma determinação sociocultural (GONÇALVES, 2010, p. 14).

Não estou negando a existência de diferenças generalizáveis por meio das quais analogias são construídas, nem mesmo ignorando as bases convencionais que possibilitam o pertencimento à mesma socialidade. Quero chamar atenção ao fato de que a experiência pessoal como sócia da UDV não gera necessariamente uma relação naturalizada com a mesma, e isto não é uma exceção em virtude de minha formação antropológica, é algo característico da dinâmica cultural:

Esses contextos nunca são absolutamente convencionalizados, no sentido de serem idênticos para todos aqueles que os compartilham; sempre têm pontas soltas, são incompletamente compartilhados, estão em processo de mudança, e podem ou não ser apreendidos conscientemente no sentido de regras (WAGNER, 2010, p. 81).

Por isso precisei continuar assumindo a tarefa de fazer perguntas aos meus irmãos. A natureza dessas questões variava conforme o cenário do diálogo, que transitava entre sessões, preparos de Vegetal, conversas informais durante o mutirão ou círculos de estudo que surgiam espontaneamente após as sessões. Durante o campo, nem sempre era claro quando a motivação das minhas perguntas ou participações em diálogos eram de questões da pesquisa ou pessoais.

Demorei a perceber que isto acontecia justamente porque a participação na vida, na religião, na pesquisa, é mais fluída do que imaginamos e é repleta de surpresas. Quando iniciei formalmente o campo, pensava: preciso prestar atenção! A qualidade da minha atenção deveria ser “antropológica” para que meus “dados” fossem produtivos.

Quanto mais “atenção antropológica” eu prestava, menos “dados” eu percebia. E arrisco dizer, era quando a *burracheira* me surpreendia ou quando o cansaço tomava conta que cenas e diálogos interessantes apareciam. Quantas vezes eu ouvi a palavra do Mestre Gabriel até me dar conta do que ele diz: “a palavra é quem traz tudo?”

Nesse sentido, o processo de transcrição de entrevistas, releitura dos diários de campo, as leituras feitas por minha orientadora de meus primeiros escritos, a poesia e canções, entre tantas outras experiências “fora do campo” e dentro da vida foram colaborando com a forma desta dissertação, com suas diversas pontas soltas e portas abertas.

Porque o campo, mais que um lugar, é uma forma da antropóloga imaginar “retrospectivamente um mundo do qual se afastou a fim de, muito especificamente, poder descrevê-lo por escrito” (INGOLD, 2015, p. 345). O problema e a solução é que embora enquadre retrospectivamente meu “campo”, não afastei-

me dele para descrevê-lo. O necessário exercício de questionar o supostamente óbvio, abriu portas a compreensões não possíveis de serem notadas quando se subsume a amplitude de experiências pessoais à Sociedade.

Assim, minha concepção do que é a vivência na UDV é de algo mais do que beber o Vegetal, fixar palavras, chamadas, doutrina, ou assumir mecanicamente determinadas práticas morais. Por isso, busco entender como meus irmãos vivenciam a doutrina do Mestre Gabriel.

Para tanto, concentro minha reflexão a respeito de como os discípulos aprendem a doutrina do Mestre Gabriel em relação às palavras, já que, como ele mesmo diz: “A palavra é quem traz tudo pra nós”. Esta afirmação é vivenciada como uma fonte de sabedoria que orienta nossas vidas quanto ao diálogo consigo e com os outros, tanto nas sessões de Vegetal, quanto na vivência cotidiana entre os sócios.

Ela desdobra-se em diversas instâncias e é relevante no cotidiano da irmandade, das quais destaco principalmente o preparo do Vegetal como momento privilegiado destas reflexões, onde minha participação esteve mais atenta à relação entre as pessoas com as palavras, o conhecimento espiritual e o Vegetal.

2.5 COMEÇANDO A APRENDER

Na UDV, é comum ouvir: é preciso aprender a escutar, aprender a perguntar, aprender a falar... e neste aprender a aprender somam-se diversos modos de comportar-se que caracterizam o que é ser caianinho. Alguns caianinhos insistem não se tratar de uma fórmula, mas de um “jeito” onde não só o conteúdo é importante, mas a forma como se ensina e se aprende. A dinâmica de perguntas e respostas das sessões é uma das primeiras acessadas pelo novato. Começarei por ela com o objetivo de trazer alguns aspectos que fazem parte deste aprender a aprender, fundamental ao entendimento de como flui o conhecimento onde as palavras são instrumento, tema e sujeito.

Os preparos de Vegetal são momentos em que se faz o chá que será bebido pela irmandade nas sessões ao longo de, aproximadamente, dois meses. Ele envolve desde a colheita das plantas até o armazenamento do chá. O preparo de Vegetal será descrito com maior profundidade em outra parte, por enquanto, trarei exemplos vivenciados em uma sessão realizada durante o

preparo do chá, com a finalidade de ponderar que a participação dos sócios neste contexto religioso não implica no “abandono do intelecto”.

As sessões de Vegetal são organizadas da seguinte maneira: os discípulos sentam de frente para o Mestre a dirigir a sessão. O mestre dirigente é o responsável por conduzir os trabalhos: distribuir o Vegetal, trazer as *chamadas*²⁹ e orientar os assuntos a serem estudados. Ele também deve responder às perguntas que serão feitas pelos irmãos. É o mestre dirigente quem autoriza as pessoas que pedem para fazer chamadas ou perguntas.

Comumente, o Mestre faz a correção das palavras usadas por um discípulo na pergunta enunciada. Nesta sessão, presenciei algumas situações relevantes. Na primeira delas, um rapaz perguntou:

Discípulo: Mestre, qual espécie de mariri nasceu de Tiuaco³⁰?

Mestre: a espécie é banisteriopsis caapi.

E fez um breve silêncio enquanto sorria levemente, continuando:

Mestre: o senhor tá querendo saber se é tucunacá ou caupuri, né?

Discípulo: sim, mestre...

Mestre: é Tucunacá (Diário de campo – Florianópolis, março de 2015).

Na UDV, conhecemos dois tipos de Mariri (cipó), um que chamamos Tucunacá e outro Caupuri. O rapaz perguntou pela espécie e não pelo nome, por isso o Mestre respondeu *banisteriopsis caapi*, pois espécie alude ao termo científico que designa a planta. A ideia de que a resposta vem pela pergunta é

²⁹ As *chamadas* são cantos entoados individualmente durante as sessões com o objetivo de chamar, pedir pela presença de mais *força e luz*, invocando seres espirituais. Esta definição é suscinta e será desenvolvida com mais detalhes em outra parte. Por enquanto, ela é suficiente.

³⁰ A pergunta faz referências à História da Hoasca que não abordarei aqui, pois para os objetivos deste exemplo não é necessário, uma vez que a reflexão incide mais sobre a forma do que sobre o conteúdo.

ênfâtizada constantemente durante o aprendizado de como se deve fazer uma pergunta, pois é preciso “a pessoa examinar o que tá querendo saber”³¹.

Rompendo o silêncio, o mestre interagiu com uma pergunta (e ao mesmo tempo uma correção) ao discípulo: demonstrava que embora tivesse entendido certa intenção na pergunta, o uso das palavras deve ser mais preciso – precisão esta, relacionada ao uso das formas de nomear características da UDV, tais como as palavras Caupuri e Tucunacá.

Na mesma sessão um irmão perguntou:

Discípulo: Mestre, o Pai Superior cobra algo de seus filhos?

Mestre: Cobra? Cobra não, deixa a cobra pra lá.

Todos rimos do trocadilho e o mestre disse:

Mestre: o senhor quer saber se ele exige algo de nós?

Discípulo: isso mesmo, mestre (Diário de campo – Florianópolis, março de 2015).

Esta correção aponta para o sentido ambíguo da palavra, enquanto animal peçonhento e ato de cobrança, que foi transformada pela palavra exigir.

Conversando com outro irmão sobre porque o mestre o teria corrigido, disse-me:

“Estamos num preparo, as palavras ficam registradas no Vegetal e a palavra cobra traz o animal também, que é rasteiro e peçonhento, é sujeito isso se manifestar na burracheira das pessoas” (Irmão, quadro de sócios – Florianópolis, março de 2015)

³¹ Uma irmã com quem conversei após a sessão me disse: “Tá vendo, essa coisa das palavras né? [pois antes da sessão estávamos conversando a esse respeito]. O mestre precisou corrigir porque a gente ainda não tá sabendo perguntar, por isso a pessoa tem que examinar o que tá querendo saber antes de fazer a pergunta”.

Ouvi também outra pessoa comentando “achei demais o Mestre corrigir aquele irmão da cobra, foi engraçado mas não tinha necessidade, né?”.

As perguntas a respeito dos ensinamentos do Mestre Gabriel, feitas em sessões ou outros espaços de trabalho e confraternização (mutirões, festividades, etc), são uma das portas de acesso ao conhecimento da União do Vegetal. Quando uma pessoa começa a frequentar as sessões, pode notar que há um modo de falar a ser aprendido e esse aprendizado é contínuo, isto é, as formas de falar consideradas apropriadas não são transmitidas integral e diretamente em uma sessão, a pessoa vai aprendendo processualmente de acordo com suas vivências.

As perguntas que são, frequentemente, o início de diálogos onde se estuda os ensinamentos compartilhados nas sessões também geram comentários dos sócios a respeito de suas impressões. Nesses momentos, diferentes perspectivas emergem, nelas se comunicam dúvidas, discordâncias e descobertas. Como no caso aludido acima, as impressões geradas a partir das correções, feitas pelo mestre dirigente da sessão, são compartilhadas e avaliadas em círculos de conversas após as sessões.

Esta dinâmica mostra que o acesso ao conhecimento dos ensinamentos não é uniforme: quanto à hierarquia, é gradual e de acordo com o *grau da sessão* e o *grau da memória*, quanto ao aprendizado, ela reflete as experiências de cada pessoa e incluem seu caminho anterior à UDV. O compartilhar iniciático obedece à hierarquia ao mesmo tempo em que dentro de cada grau hierárquico as formas de entendimento se diferenciam.

Os segredos são reservados e revelados à medida em que a pessoa é convocada ao próximo grau hierárquico. Esta forma iniciática também se baseia na ideia de que os ensinamentos “não devem ser entregues na bandeja”. O processo de aprendizado não se reduz à repetição literal da palavra do Mestre Gabriel ou de outros mestres, ela inclui o estudo que a pessoa elabora a seu respeito, como mostrarei adiante. A busca pelo conhecimento inclui também um aprendizado e transformação no uso das palavras, com atenção ao sentido e efeitos que podem gerar, especialmente mas não exclusivamente nas sessões de Vegetal.

A pessoa assume um não-saber, na medida em que sua pergunta busca conhecer algo, ao mesmo tempo em que a forma como a faz já demonstra um saber determinado. A pergunta

mostra tanto o desconhecido quanto o conhecido e indica também o quê a pessoa está percebendo e estudando, aspectos que estão constantemente sendo notados e avaliados pela Direção e pelos demais irmãos.

Como já mencionado, na UDV os conhecimentos espirituais são compartilhados nas sessões de Vegetal por meio de algumas formas ensinadas por Mestre Gabriel: as chamadas, as histórias e a oratória do mestre dirigente. Estas são as formas principais, no entanto, compreensões e experiências pessoais podem ser compartilhadas por seus sócios, seja na sessão ou em círculos de conversas em momentos não ritualizados pela ingestão do chá. As sessões são momentos onde se comunga o Vegetal, e elas são realizadas conforme o grau hierárquico.

A ordem de acesso aos ensinamentos obedece a reservas, conforme o grau hierárquico, e portanto, pode-se considerar a UDV como uma religião cuja epistemologia baseia-se naquilo que se concebe como segredo e mistério. Na UDV, estes dois termos denotam aspectos do conhecimento e têm sentidos particulares. Uma das compreensões compartilhadas entre os sócios é que, enquanto o segredo é revelado por alguém, o mistério pode se revelar ao discípulo pela *força da burracheira*.

Outras noções estão ligadas ao *grau hierárquico*, ao *segredo* e ao *mistério*, dentre elas o *grau de memória* e o *merecimento* são de alta relevância. Por enquanto, seguindo a proposta narrativa de “não entregar na bandeja”, tratarei destes conceitos através de uma retomada de minha reflexão sobre quando o pesquisador compartilha com seus interlocutores as relações que serão objeto de análise.

2.6 COMO SE CONHECE QUANDO SE ESTÁ NA UNIÃO DO VEGETAL?

A questão do conhecimento é fundamental à reflexão ética com relação ao segredo e também às implicações de meu pertencimento à UDV para a pesquisa. Fredrik Barth (2000), ao comparar as transmissões de conhecimento entre Bali (sudeste asiático) e Melanésia, lança a questão de saber como imagens e conceitos semelhantes, ao serem moldados por meios sociais distintos, resultam em modos de transações de conhecimento diferentes. Enquanto em Bali o guru desempenha o papel de instrutor público que expõe as verdades essenciais, na Melanésia,

estas são ocultadas pelo iniciador que as mostra parcialmente em rituais por meio de performances.

Fredrik Barth (2000) estabelece um contraste entre estes dois modelos de transações de conhecimento, cujas características se assemelham ao modo como o conhecimento é compartilhado na UDV. O iniciador detém um conhecimento secreto cujo acesso se realiza no manuseio dos símbolos em uma performance, portanto, o acesso ao conhecimento não se dá por explicação mas pela força da experiência que deve transformar os iniciados. Neste caso, há uma “oscilação permanente entre revelação e ocultamento” (BARTH, 2000, p. 147) performada pelo iniciador e os significados dos símbolos não precisam necessariamente ser explicitados. O conhecimento do Guru concentra-se na transmissão de uma mensagem pela conversação e os discípulos devem participar pela compreensão e prática de aprimoramento que “envolve o controle e a moldagem dos próprios impulsos, pensamentos e atos, orientados por ideais de equilíbrio e pensamento positivo” (idem, 2000, p. 150).

Se, à primeira vista, as sessões da UDV poderiam encaixar-se no tipo ideal do guru, pois consistem no estudo da doutrina do Mestre Gabriel por meio da dinâmica de perguntas e respostas que motivam a oratória do mestre dirigente, ao olhar mais atentamente, observo como a *burracheira* e os *segredos e mistérios* compõem uma forma de compartilhar conhecimento articulando tanto a explicação quanto a experiência, pois a explicação é orientada pela força da *burracheira* e também pelos critérios iniciáticos que fazem-no semelhante àquela oscilação entre a revelação e o ocultamento, característica do iniciador.

Na abertura da sessão, duas chamadas devem ser feitas: a *Minguarana*, para abrir os encantos da natureza divina e *Caiano*, que chama a força espiritual do Mestre para a condução da sessão. Após estas, vem a Chamada da União feita pelo Mestre Representante. Em seguida, o mestre dirigente pode fazer uma chamada de sua escolha, assim como pode não fazer qualquer chamada e abrir o oratório. Neste momento, o sentir é o canal por onde se recebe as chamadas a serem feitas, elas se apresentam pela *burracheira* e vêm à memória naquele momento. Assim, o estudo que se desenvolve numa sessão ocorre na *burracheira*, é uma experiência com os mistérios do Vegetal.

Esta sensibilidade é trabalhada ao longo do tempo de sócio na UDV, pois é preciso que a pessoa conheça uma chamada para

fazê-la. Um dos critérios para entoá-la é sentir sua força se apresentando. O sentir é uma forma de acessar os mistérios do Vegetal, assim, os participantes da sessão podem – em sua experiência com a *burracheira* – experimentar a força das chamadas.

Além da experiência sensorial provocada pela força da chamada, há também os ensinamentos nela inscritos. Uma chamada feita em sessão de escala, pode trazer um ensinamento reservado ao corpo instrutivo. Os sócios presentes na sessão, após ouvirem aquela chamada, fazem perguntas a seu respeito. A pergunta expressa uma dúvida e, simultaneamente, certas percepções e expectativas de que determinado conhecimento seja percebido pelos sócios, dos ensinamentos transmitidos na chamada. A resposta do dirigente não pode revelar o segredo reservado ao corpo instrutivo, mas pode desenvolver uma resposta que aponte o caminho para a pessoa chegar a conhecer os mistérios.

Escrever a esse respeito é difícil, porque preciso trabalhar com as chamadas sem transcrevê-las, dado que elas são reservadas às sessões. Em razão disso, busco demonstrar como este processo acontece a partir de uma situação vivenciada durante a sessão de preparo, onde uma pessoa pediu licença ao mestre dirigente para fazer uma chamada. Na chamada, alguns personagens são apresentados e podem ser estudados pelos sócios através de perguntas, como no exemplo a seguir:

Discípulo: Mestre, qual é a ligação entre a Lua e a Mãe Maria Santíssima?

Mestre: É uma ligação superior, bem Alta, a senhora já está percebendo esta ligação, então continue remando para chegar no corpo instrutivo que é onde a senhora poderá conhecer mais desta ligação” (Diário de campo – Florianópolis, abril de 2015).

A resposta do Mestre confirma a ligação entre os personagens, mas oculta a natureza desta relação. Este é um dos exemplos de como acontece a oscilação entre o ocultamento e a revelação numa experiência religiosa cuja dinâmica de estudo assemelha-se tanto à conversação entre o guru e seus discípulos, quanto à performance do iniciador em que o acesso aos símbolos

e seus significados não é totalmente explicitada. A presença de dois personagens numa mesma chamada deixa aberta a possibilidade de estudar não apenas quem são, mas porque aparecem juntos.

A performance do mestre dirigente inclui a habilidade discursiva para elucidar as perguntas feitas e a maestria em conduzir as pessoas na *burracheira* ao estudo dos mistérios, sem revelar segredos.

Como estou no quadro de sócios, minha reflexão abrange a forma como tais conhecimentos são administrados em virtude das reservas aos graus hierárquicos superiores. Nesta oscilação entre ocultamento e revelação é preciso a habilidade de “falar sem dizer”, expressão que é usada algumas vezes para mostrar a forma como o mestre dirigente fala de um ensino reservado sem revelá-lo. A atenção das pessoas à oratória do mestre dirigente não é igual, de modo que alguns podem “ouvir sem escutar”, isto é, ouvir a fala mas não prestar atenção ao que está sendo dito.

Conhecer, quando se está na UDV, demanda “um processo de aprendizagem de um conjunto de concepções e de uma linguagem de origem cabocla da auto-denominada ‘cultura caianinha’ que não existem em outra instituição. E começa a aprender a pedir e perguntar” (FERNANDES, 2011, p. 257).

Participar da UDV há seis anos facilitou a interação por meio desta forma de falar. Contudo, esta facilidade não é garantida pela associação à religião, ela requer o trabalho contínuo da percepção das diferenciações nativas entre palavras comuns à língua portuguesa, às quais atribuímos uma força específica, e àquelas desconhecidas na língua portuguesa que fazem parte do léxico da UDV. O aprender a aprender não é linear e acumulativo, sua forma é mais espiralar e ascendente.

3 APRENDENDO A APRENDER: VIVÊNCIAS NA UNIÃO DO VEGETAL

A palavra na UDV é tão importante quanto o Vegetal. Isto torna-se mais evidente quando a pessoa se aproxima deste universo, frequentando, além das sessões de escala, os mutirões, preparos de Vegetal e outras confraternizações. As sessões em si são um confraternizar, um compartilhar dos ensinamentos do Mestre Gabriel, do estudo das chamadas, histórias e doutrina. A socialidade formada entre os caianinhos não está contida pelo âmbito religioso, pois é vivenciada como amizade e implica outros meios de convivência, das sessões de escala até diversas confraternizações³² onde a irmandade é convidada a estar presente.

A UDV é um caminho no qual a pessoa decide seguir com o intuito de trabalhar por seu desenvolvimento espiritual. Todavia, o caminho espiritual do sócio não começa necessariamente com a associação formal ao Centro. Para algumas pessoas com as quais conversei, começou no encontro com o Vegetal e o sentir da *burracheira*. Ainda que não sigam frequentando imediatamente, algumas pessoas, hoje sócias, relatam que uma espécie de ligação entre elas e o Vegetal foi estabelecida, transformando a percepção dos acontecimentos em sua própria vida.

3.1 A FORMA NARRATIVA

Conversando com uma irmã a respeito de sua chegada à UDV, ela narrou-me acontecimentos anteriores à sua sessão de adventícios³³, mas relacionadas à sua vontade de conhecer o chá. Contou-me que ao participar de um encontro de comunidades alternativas no nordesta, teve a oportunidade de beber a ayahuasca num ritual organizado pelo Santo Daime. Gostou da experiência com o chá, mas não se identificou com o bailado, preferindo sentar-se do lado de fora, aos pés de uma árvore,

³² É comum as pessoas se reunirem em aniversários, jantares, chás de bebê, chás de panela, eventos beneficentes, Festa de São João, etc.

³³ Sessão de adventícios é nome dado à sessão onde se recebe pessoas que estão comungando o Vegetal pela primeira vez na UDV.

próxima a uma fogueira, observando o estalar das lenhas queimando. Conforme o fogo ia consumindo a madeira, acrescentava novas lenhas e sentia como se algo negativo de si mesma estivesse sendo transformado pelo fogo e a força da natureza numa espécie de “limpeza interior”.

Ainda nesta viagem pelo Nordeste brasileiro, conheceu um casal da UDV que a levou para beber o chá. As músicas tocadas na sessão chamaram-lhe atenção, pois traziam mensagens sobre as difíceis situações da vida e que pareceram-lhe respostas às suas questões mais íntimas.

Meses depois, ao retornar para Santa Catarina, procurou a UDV para beber o chá, mas o mestre representante, à época, pediu a ela que aguardasse outra sessão de adventícios. A princípio, ficou descontente, pois não precisaria novamente participar deste tipo de sessão para novatos. Sem outra opção, aceitou a decisão do mestre representante. Quando chegou a ocasião, percebeu que a espera tinha tido um sentido maior, pois naquela sessão encontrou seu companheiro:

Então, às vezes a gente não entende as coisas, mas foi a primeira sessão do meu companheiro. Pra mim isso tem um significado, né? Ter esperado um tempo pra chegar, e aí realmente perseverar, pois eu estava querendo mesmo [...]. Todas essas coisas que aconteceram pra mim são muito significativas! Tem até uma música que diz assim: ‘O Mestre tecelão de nossas vidas tem um plano, pra cada alegria euforia e desengano, se o pano que ele tece não é o que a gente escolheria, sei que será bem mais belo e veremos isso um dia’³⁴. Então, as coisas acontecem não é por acaso (Irmã do corpo instrutivo – Florianópolis, junho de 2015).

Em sua narrativa, estabeleceu uma relação entre os acontecimentos, a forma de sua associação à UDV assim como seu casamento são percebidos como o tecer de linhas cuja forma

³⁴ “O tecelão”, música de Billy Blanco.

final se desconhece, mas o sentido está em continuar mesmo que não se saiba o que acontecerá.

Seu contar me remete à concepção de Ingold (2015) da vida como linhas ao longo das quais cada habitante do mundo faz o seu caminho. O destino pode ser imaginado mas não previsto, pois ele não é definitivo, é caminho a ser continuamente trilhado. Assim, ao prosseguir em sua trilha mesmo reduzindo o passo, – por ter de aguardar outra sessão de adventícios – a irmã é surpreendida ao ver sua trilha entrelaçar-se àquela do seu futuro companheiro. Sua experiência e a maneira de contá-la me levam a refletir com Ingold quando ele afirma que:

Prosseguindo ao longo de um caminho, cada habitante deixa uma trilha. Onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó (INGOLD, 2015, p. 219).

A metáfora oferecida pela interlocutora é interessante. Sua voz ecoa as palavras de uma canção conhecida entre os sócios da UDV, na qual a vida é como pano a ser tecido. No tecer de cada fio a vida encontra sua forma, que está sempre em transformação. Ela precisou continuar a trilha para que o lugar da espera fizesse sentido. E uma vez reconhecido, o vínculo entre ela e seu companheiro é percebido como latente, ainda que eles não tivessem consciência disso. Em minha perspectiva, nesta narrativa as noções de agência e destino coexistem. A percepção de um sentido ou destino latente não exclui a possibilidade de transformação através da agência individual.

As conexões feitas entre os acontecimentos pessoais são transformadas em experiências das quais extrai-se aprendizados que são alinhados com os ensinamentos do Mestre Gabriel. Neste caso, o incômodo da espera é percebido como oportunidade para desenvolver a paciência, que por sua vez conduziu à constituição em sua história de um dos pilares fundamentais na vida de um caianinho: a família.

O entendimento de que os acontecimentos não de ter um sentido positivo e um aprendizado, evoca também o “receber o

que há de vir, preparados pra seguir” de que fala uma das *chamadas*³⁵ da UDV feitas nas sessões de escala. Assim como na *burracheira*, não há como prever como será a experiência, também a vida transborda a previsibilidade. O ser caianinho implica em lidar com a incógnita do “que há de vir” onde cada receber é preparar-se.

A narrativa compartilhada pela interlocutora expressa nuances comuns a outros relatos sobre o momento de chegada na UDV, onde uma conexão entre eventos, antes ignorada, torna-se visível. Outra situação foi quando, em uma das tardes de mutirão do núcleo, um irmão já ciente desta pesquisa, procurou-me para compartilhar uma experiência que “tem a ver com a força da palavra”.

Contou-me que fora convidado a participar de uma sessão de adventícios em Porto Velho (RO), onde frequentou algumas sessões na UDV. Certa vez, após um consumo alcoólico excessivo no dia anterior à sessão, este irmão teve uma *peia* muito forte. *Peia* é o nome dado pelos sócios às experiências de sofrimento que uma pessoa está sujeita a passar durante a *burracheira*.

Os vômitos e diarreias são frequentemente associados, mas não totalmente, a consequências de comportamentos negativos e incoerentes com os valores de um caianinho. A *peia* enquanto “cobrança de consciência” pode ser experienciada sem qualquer demonstração visível aos demais. De toda maneira, a *peia* não é considerada de todo ruim, já que pode ser compreendida como a manifestação da “luz na consciência”, através da qual a pessoa percebe suas atitudes erradas.

Mas, retomando... naquela *peia* de intenso mal estar físico, associado por ele ao uso excessivo de bebida alcoólica, ele pronunciou algumas palavras, posteriormente esquecidas, às quais atribuiu a responsabilidade por seu longo tempo sem retorno. Após sete anos, o amigo que o convidou para conhecer a UDV, veio a Santa Catarina e hospedou-se em sua casa, na oportunidade um novo convite foi feito. Como já tinha uma viagem marcada para Porto Velho, aceitou o convite de retornar ao Centro. Chegando no núcleo, o Vegetal Ihe foi servido pelo

³⁵ Falarei adiante o que são as chamadas. Por enquanto, é suficiente saber que elas são evocações de Forças espirituais enunciadas individualmente em forma de canto.

mesmo mestre daquela sessão de adventícios, ele era o mestre representante:

Eu disse ao Mestre Representante: Oi Mestre! Então, fiquei um tempo afastado, mas agora estou de volta! O Mestre me respondeu: o senhor não estava afastado, apenas deu um tempo. Ao ouvir aquela palavra ‘deu um tempo’, lembrei da minha derradeira sessão, quando durante a peia disse pra mim mesmo: Deus me ajuda a sair dessa, que dou um tempo de vir aqui! (Diário de campo – Florianópolis, março de 2015).

Ao contar esta experiência, expressou sua compreensão do motivo pelo qual passou tanto tempo sem retornar à UDV, dizendo “foi pela força da minha palavra que ‘dei um tempo’ da União. Eu mesmo prometi e não me lembrava. Assim foi, dei um tempo, mas voltei”.

O enquadramento de eventos passados no presente é feito como um desvendar de algo antes ignorado e evidenciado com o tempo. Um enlace entre as situações e suas consequências é feito pela compreensão de que havia uma linha guiando as possibilidades, e nesse percurso, algumas situações só serão compreendidas a partir de acontecimentos do porvir.

A ligação entre as situações é conduzida de forma semelhante àquela desenvolvida com os ensinamentos do Mestre Gabriel. Durante a experiência da *burracheira*, os segredos e mistérios estão presentes, mas só serão percebidos gradualmente, de maneira que o saber do porvir transforma o que se entendia até então.

Quando a pessoa frequenta a UDV, geralmente começa pela participação nas sessões de escala, elas ocorrem aos primeiros e terceiros sábados de todo mês. Se a UDV fosse uma casa, as sessões de escala seriam a sala de entrada. Ao adentrar, o visitante atento percebe que a casa, “ao longe tão pequenina, de perto é bem maior”³⁶. Essa profundidade pode passar

³⁶ Trecho da música “Casa pequenina” de Martônio Holanda. Ele é cantor, compositor e mestre da União do Vegetal.

despercebida àqueles viajantes a caminho de outro lugar, ou ainda para pensar com Ingold:

Somente um filósofo pode olhar de sua sala de estar e ver toda a sua casa! Para seus moradores comuns, a casa ou apartamento é desvelada processionalmente, como uma série temporal de vistas, oclusões e transições que se desdobram ao longo da miríade de caminhos que levam, de uma sala a outra e para dentro e para fora, conforme executam suas tarefas diárias (INGOLD, 2015, p. 216).

Embora Ingold diga com certa ironia sobre o lugar do filósofo, percebo que na UDV este lugar é reservado ao Mestre Gabriel. Aos seus discípulos, moradores comuns, o conhecer é processualmente corporificado através das tarefas diárias dos habitantes do Mundo de Hoasca. Por considerar as sessões de escala a porta de entrada às vivências na UDV, apresentarei uma descrição cujo objeto é a educação da atenção dos sócios com relação à palavra, processo que se inicia durante a *burracheira*.

3.2 ORDEM RITUAL: A EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO

O contato com a ordem ritual é primordial na constituição do conhecimento e da forma narrativa que se ramifica nos diferentes lugares de convívio caianinho. A exposição a seguir considera aspectos narrativos de uma sequência re-produzida a cada ritual, destacando algumas palavras e formas de fala objetos de atenção dos caianinhos.

Busquei trazer em minha narrativa situações responsáveis por interromperem o fluxo previsto das sessões. As situações específicas que caracterizam interrupções não fazem parte do ritual, mas aparecem frequentemente e constituem o aprendizado caianinho. Em minha análise, elas são importantes, pois trazem vida a ações que de outro modo pareceriam mecânicas.

Por isso, minha narrativa reflete um esforço de re-contextualização por meio de entextualização, que consiste em extrair trechos de uma produção linguística de seu contexto interacional e recontextualizá-lo em novo cenário (BAUMAN &

BRIGGS, 2006, p. 206). Extraio trechos de diversas sessões e recontextualizo-as na escrita da dissertação sobre esta ordem ritual. Este texto guarda relações com a história de uso que determinadas palavras e formas de fala têm para os caianinhos e também com a reflexividade característica do trabalho teórico-etnográfico.

Ao invés de escolher uma sessão “exemplar” ou, o contrário, uma sessão repleta de momentos com interrupções do ritmo esperado, construo uma narrativa na qual perpassam diversas sessões, faço uma combinação de experiências vivenciadas por mim ou por meus interlocutores em sessões distintas.

Numa sessão de escala, participam os sócios pertencentes a todos os graus hierárquicos: quadro de sócios, corpo instrutivo, corpo do conselho e quadro de mestres. E também as pessoas que ainda não são sócias. O espaço onde a sessão é realizada é denominado Salão *do* Vegetal.

Há uma mesa retangular posicionada no centro do Salão, ela possui em uma de suas extremidades um arco circular sob o qual fica a pessoa responsável por dirigir a sessão, denominada Mestre Dirigente. Independentemente de ser homem ou mulher ou do grau hierárquico que ocupa, é chamado de Mestre na sessão. Neste arco está escrito “Estrela Divina Universal – UDV”. Ao lado direito do Mestre Dirigente, um sócio faz a leitura dos documentos. Ao lado esquerdo outro sócio faz a explanação dos documentos. Na mesa há também um filtro contendo o Vegetal e um copo com água “para registrar os fluidos da sessão”.

No entorno da mesa, sentam-se os participantes, sendo que as pessoas da direção³⁷ costumam se colocar nas primeiras fileiras, pois durante a sessão o Mestre Dirigente tem de fazer a ligação da *burracheira*. Há também o Mestre Assistente, função ocupada por um mestre pelo período de dois meses, havendo um revezamento entre os mestres do núcleo. A sua responsabilidade é dar assistência, isto é, observar e orientar quanto ao cumprimento da ordem da sessão e auxiliar aqueles que, porventura, passem uma *peia*, ou sintam dificuldades com a *burracheira*. É ele quem

³⁷ Os membros do corpo do conselho e do quadro de mestres compõem a Direção da UDV.

toca o sineta³⁸ que indica aos participantes o momento de silenciar e iniciar a concentração para a comunhão com o Vegetal.

3.2.1 Os documentos

Com todos em silêncio e os sócios uniformizados, o Mestre Dirigente pede que fiquemos de pé para receber o Vegetal. Enquanto o Mestre Assistente chama as pessoas para receberem o chá, uma criança entra interrompendo o solene silêncio procurando sua mãe, ao mesmo tempo em que um bebê experimenta fazer sons com sua boca, despertando o sorriso de alguns de nós, diante da espontaneidade dos pequenos.

Primeiro o quadro de mestres, depois o corpo do conselho, corpo instrutivo, quadro de sócios e aqueles que ainda não são sócios. Com o Vegetal em mãos e o marcante aroma do Vegetal no ar, o Mestre Dirigente pergunta: “todos receberam o Vegetal?” Momento em que um irmão entra no salão atrasado e diz não ter recebido. Em seguida, todos com o Vegetal em mãos, seguimos as palavras do mestre dirigente “Deus nos guie no caminho da Luz, para sempre sempre, amém Jesus³⁹”.

Enquanto bebo o Vegetal, cujo sabor estava mais amargo que o normal, ouço algumas pessoas com ânsia de vômito. Busco me concentrar na respiração para afastar o enjoo. Cada pessoa em seu lugar, permanecemos em silêncio, enquanto outros recolhem os copos. Uma das pessoas sentadas à mesa diz: “meus irmãos, peço atenção dos senhores à leitura dos documentos, que são as leis que regem o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal”.

A leitura realizada é frequentemente comentada⁴⁰ entre os irmãos, especialmente quando ela não corresponde às

³⁸ O sino é aquele tibetano conhecido como sino pin, feito de madeira com uma haste circular de metal tocado por um pequena madeira de ponta redonda.

³⁹ Bebem primeiro os irmãos do corpo instrutivo e depois os demais. Lembrando que o corpo instrutivo inclui o corpo do conselho (CDC) e o quadro de mestres (QM).

⁴⁰ Os comentários são compartilhados antes e após as sessões. Durante as sessões, todos devem permanecer em silêncio com atenção àqueles que estão em lugar de fala: quem lê os documentos, quem faz a explanação, quem dirige a sessão. Para falar é preciso pedir licença.

expectativas de uma leitura fluida “nem tão rápida, nem tão devagar”. Um irmão contou-me que certa vez estava numa sessão onde quem leu os documentos, o fez de maneira tão acelerada, aquilo lhe “causou um mal estar” e o fez vomitar.

Outra situação chegou aos meus ouvidos, foi de um irmão que durante *alto tempo de burracheira*, lia lentamente os documentos. Sua leitura tornou-se motivo de brincadeiras entre os irmãos. O irmão que fez a leitura disse: “cara, a *burracheira* estava muito alta, não foi fácil me concentrar”. É preciso notar, brincadeiras e piadas são feitas entre os irmãos em clima amistoso, geralmente entre aqueles com maior intimidade.

A leitura tem um ritmo que eu não pretendo explicar. Mas posso afirmar, este ritmo depende do sentir o tempo de burracheira, de como a burracheira se apresenta. Então, se por um lado a leitura competente é aquela capaz de fazer um “ajuste rítmico de percepção e ação” (INGOLD, 2010, p. 21) às circunstâncias presentes, por outro a escuta competente segue o mesmo ajuste, buscando a concentração mesmo quando a leitura não mostra-se tão fluida.

A constante doutrina de que estamos todos aprendendo não impede que essas experiências sejam objeto de brincadeiras, criando um clima descontraído. Certas situações são transformadas em pequenos “causos” contados entre os sócios, em outros momentos participam nas experiências das próximas sessões. Processo semelhante às performances narrativas as quais os Siona fazem de suas experiências xamânicas que serão fundamentais à constituição de novas vivências (LANGDON, 2013, p. 29).

Como bem observado por Jean Langdon (2013, p. 35), esse contar possui uma dimensão pedagógica importante na medida em que o narrador indexa perspectivas onde ressoa a epistemologia xamânica. Ao meu ver, a expressão dessas múltiplas percepções atua menos como transmissão de conhecimento e mais como “sensibilização do sistema perceptivo” (INGOLD, 2010, p. 21), afinado para “captar” e articular a experiência presente às experiências já vividas, às histórias já ouvidas e contadas. Como nos casos acima descritos, o que se aprende não é a ler dessa ou daquela maneira, mas ser sensível a como a *burracheira* se apresenta e buscar um ajuste de seu ritmo de leitura a ela.

3.2.2 As partes dos documentos

Os documentos são formados por quatro partes: o regimento interno, os boletins da consciência, a convicção do Mestre e os Mistérios do Vegetal⁴¹. O regimento interno informa a respeito da organização da UDV, explicitando seu objetivo de “trabalhar pelo ser humano no sentido de seu desenvolvimento espiritual”, onde os “associados bebem de sua livre e espontânea vontade um chá, Hoasca, que é a União de dois vegetais, o Mariri e a chacrona, comprovadamente inofensivos à saúde”.

O regimento também explica que “os adventícios são os que bebem o chá pela primeira vez em sessão da União do Vegetal”, assim como regulamenta os direitos e deveres dos sócios, destacando o símbolo da União que é Luz, Paz e Amor. Além disso, afirma que a sessão é dirigida “pelo Mestre e por quem for designado a representá-lo”.

Os boletins *da consciência* são assim nomeados pois dão consciência aos sócios de como a União é organizada e como deve ser a postura do discípulo. Nele, consta a única proibição explícita desses documentos: a de “apresentar-se no âmbito do Centro portando arma de qualquer espécie”. Nesses boletins, consta também que “foi eliminado para sempre o *Conselho Geral*, por não poder penetrar tal coisa dentro da União do Vegetal, continuando o *Corpo do Conselho Oriental*”.

Registra-se que os discípulos devem “ter o máximo de atenção, quando falarem no âmbito da União, a fim de que suas palavras não venham ferir algum irmão”, e caso “um irmão se julgar ofendido com palavras criticantes de outro, deve, se não conseguir encontrar por si uma maneira de se defender sem ofender, procurar o Mestre em Representação para ser orientado”.

Na leitura dos documentos e quando “o Mestre *estiver chamando ou despedindo força, todos deverão permanecer em silêncio*”. O silêncio é considerado uma condição fundamental ao movimento da Força dentro do salão, sendo recomendado durante

⁴¹ A seguir os trechos em aspas correspondem a citações de partes das Leis do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, lidos em todas as sessões de escala. Com isso, pretendo sinalizar como essa atenção às palavras é nele apresentada aos participantes das sessões. Os destaques em itálico foram feitos por mim com o objetivo de destacar e contrastar palavras que serão posteriormente retomadas.

e após a leitura e à realização de uma chamada. É tido como condição de concentração mental na medida em que enquanto um fala os demais devem escutá-lo.

Como sugere Bys (2014, p. 130) o silêncio é um tempo onde os participantes podem perceber “o que está sendo trazido na sessão”. O “movimento da força” ou o que “está sendo trazido” são formas de aludir tanto aos assuntos a serem tematizados quanto às chamadas que “se apresentam”.

Eu voltarei a esse ponto. Por enquanto, vale dizer que o silêncio é um meio de trabalhar a percepção dos participantes, de educar sua atenção às suas próprias sensações e às falas e atitudes dos demais atores presentes na interação. O silêncio é caracterizado como uma “forma de reflexividade espiritual e moral” (BYS, 2014, p. 131), por meio da qual o estudo de si é feito e os mistérios podem ser acessados.

“A convicção do Mestre” é um artigo publicado no Jornal Alto Madeira – Porto Velho (RO), em 1967 – e relata o acontecimento da prisão de Mestre Gabriel, enquanto ele realizava uma sessão de Vegetal com seus discípulos. É considerado um exemplo de como Mestre Gabriel se comportou diante daquela situação conflituosa, na medida em que mesmo preso injustamente, pois não havia cometido nenhuma infração legal, o Mestre “*examinou-se*, momento em que alegrou-se, admirando a bondade de Deus”.

No final desta parte, o Mestre diz aos discípulos: “fiquem com a memória presa, *estudando*, até chegar os ensinamentos de Salomão na próxima sessão do grau”. Na UDV, se entende o estudo como uma forma de “graduar a memória”, que pode ser compreendida como conhecer profundamente cada ensino.

Os Mistérios do Vegetal são um anagrama, onde as palavras Chacrona, Mariri, Hoasca e Tiuaço formam novas frases organizadas em chaves, e mostram Caiano como “Mestre dos Mestres” e “hóspede do Rei Salomão”, este que é considerado o “Santo Rei”. Essas são palavras que guiam a experiência da *burracheira* na qual “iremos com alegria, relembrar antepassados” e despertar “espíritos que antes dormia”. Palavras que tornam o discípulo ciente de que “U poder Divino é penetrável” e “corrupta é a inveja, o orgulho e o ciúme”. Por isso, alerta que a “mão humana é indesejável”, mas que “o homem também é sagrado”.

Os trechos em aspas são partes dos documentos lidos em sessões de escala, ligados nesta narrativa para elucidar tanto sua forma quanto seu conteúdo. A leitura dos documentos é uma maneira de ensinar aos sócios seus deveres e direitos, mobilizando uma postura que encontra no ritual sua expressão mais disciplinada. Os sócios entram em contato com as concepções da UDV a respeito do seu funcionamento institucional, do Vegetal, do Mestre Gabriel e também dos comportamentos esperados dos sócios. Há o momento de fala de cada um: há quem dirige a sessão, quem lê os documentos e quem faz a explanação.

3.2.3 A explanação

A explanação é feita por um discípulo que deve se levantar após a leitura dos documentos e compartilhar uma reflexão a respeito do que foi lido. Na UDV, o discípulo comunga o chá Hoasca por seu próprio querer e, aos poucos, *vem* despertando a consciência do símbolo da União que é Luz, Paz e Amor. Quando o Mestre Gabriel, por exemplo, ao ser preso, *examinou a si mesmo* e agiu com *paciência*, demonstrou aos seus discípulos um exemplo de como agir em situações difíceis. É preciso um silêncio interno para examinar a si mesmo e corrigir atitudes negativas. Através do silêncio, é possível aquietar o pensamento e agir da melhor maneira possível. É no silêncio também que a força circula e cada um pode encontrar a *concentração mental*.

Quando há silêncio, é possível examinar as palavras para que elas não sejam como armas mau intencionadas. Será que as palavras usadas por mim têm sido positivas? Como posso melhorar? Pela ligação com o Superior vem a inspiração por onde se recebe um *conselho oriental*, trazendo a *força da orientação* aos que precisam. Esta orientação vem nos mistérios da *burracheira*, onde é possível, a quem tem o direito, ver os encantos e *penetrar o poder divino*. Mas, para isso é preciso limpar o coração das *corruptas* e se conectar com a *natureza sagrada* que cada um tem dentro de si.

O parágrafo anterior poderia ser a transcrição de uma explanação, mas não é. Não é exatamente, mas ressoa algumas explanações que já ouvi. Há quem escolha um dos bolentins, há quem explane um dos assuntos, há quem explane cada parte dos

documentos, enfim, há diferentes maneiras de se fazer uma explanação.

Minha escolha é um recurso narrativo que visa mostrar algumas características desse jeito de falar caianinho vinculado aos conceitos de mistério e segredo. Como fios interligados, as diversas citações diretas e indiretas que faço de partes dos documentos mostram um modo de interlocução capaz de expor uma “ligação entre as coisas”, porque “na União está tudo ligado”. Quero argumentar que essa forma de fala constitui o *frame* (BATESON, 2002) básico organizador da experiência caianinha.

As palavras em itálico são particularmente significativas, pois participam do conjunto metalinguístico da UDV e permitem identificar as convenções que orientam as interações caianinhas. A palavra *ainda*, por exemplo, é frequentemente metaforizada como “porta aberta”. Seu uso ressoa a palavra do Mestre Gabriel, registrada em áudio, quando está explicando como usar as palavras:

Um chega me conta uma coisa, disse pá, pá, pá, é assim, assim, assim, assim, e “eu tô querendo me defender *e não posso*”, o que é que ele tá dizendo pra mim? Então é preciso a gente conhecer esse mistério. Tem uma coisa, e “eu tô procurando me defender, mas até aqui *ainda* não pude (*Grifos meus*. Áudio de Mestre Gabriel, denominado “A palavra é quem traz tudo”. Acervo da UDV).

Mestre Gabriel mostra como o uso desta palavra – ao colocar a situação enquanto circunstancial e passível de transformação – abre a possibilidade de resolução e êxito. O *ainda* é uma porta aberta àquilo que se pretende realizar e implica no movimento do querer da pessoa.

O mistério é da palavra *ainda*, mas sua condição de felicidade, para usar um termo de Austin (1990), depende da observação das relações nas quais está implicada, afinal não se deixa a porta aberta para qualquer coisa. Como dito anteriormente, em relação às pessoas *ainda* não-sócias, seu uso é uma forma de deixar a porta aberta àqueles que queiram se associar à UDV.

Esta interlocução com a palavra de Mestre Gabriel, implícita ou explicitamente, é constante. Outra interlocução presente é aquela dos ensinamentos com os discípulos e dos discípulos entre si. Por exemplo, quando apresentei aquela narrativa como se fosse uma *explicação*, eu disse “examinar as palavras para que elas não sejam como armas mal intencionadas”. Essa *explicação* dialoga com duas partes dos documentos, uma diz que o discípulo “não deve apresentar-se ao Centro portando arma de qualquer espécie” e outra, que é preciso ter o máximo de atenção “a fim de que suas palavras não venham ferir algum irmão”.

Assim, o dialogismo constitutivo da linguagem onde “cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados” (BAKHTIN, 2010, p. 297) é motivo de atenção deliberada dos caianinhos. Isto não significa serem conscientes de todas as vozes que falam através deles, mas buscam escolher atenciosamente com quais vozes a interlocução será feita.

Mas como “os mistérios vêm na burracheira?” É que os mistérios vêm, se apresentam, são percebidos por quem merece vê-los. Sem falar em mistério, Merleau-Ponty oferece uma chave ao colocar-se a seguinte questão: “Mas, como é isso, se a linguagem exprime tanto pelo que está entre as palavras quanto pelas palavras? Tanto pelo que não ‘diz’ quanto pelo que ‘diz’?” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 45). Sua questão me remete à percepção dos mistérios contidos nos ensinamentos, mas cujo acesso depende da educação da atenção de que venho falando.

Os mistérios, por sua aura oculta a ser revelada, se apresentam como algo aparentemente intangível, que está lá para continuar sendo mistério, e essa é uma de suas facetas. Por outro lado, quando me disseram que “os mistérios e segredos são simples”, não conseguia entender como algo tão enigmático poderia ser simples.

Depois de um tempo “martelando a memória”, comecei a perceber, uma das características dessa simplicidade está presente nas entre-linhas do falar caianinho, naquilo que não se diz quando se está falando, cuja compreensão é decisiva na constituição do “grau de memória” do discípulo.

O estudo como modo de “graduar a memória” é uma orientação inscrita nos documentos lidos a cada sessão aos discípulos: “ficarem com a memória presa, estudando...”. O não revelar dos mistérios é uma forma de cativar a atenção dos discípulos nesse estudo. Um discípulo pode encontrar algumas

respostas escutando os documentos. Nesses documentos, por exemplo, é possível descobrir a razão de se chamar a pessoa que está dirigindo a sessão de Mestre.

Nos documentos também se diz que o conselho geral foi eliminado da UDV, continuando o corpo do conselho oriental. Há nos documentos uma diferenciação entre o conselho geral e o conselho oriental. Um dia, em uma conversa durante o mutirão, uma pessoa perguntou a um conselheiro a diferença entre eles, e ele assim respondeu-lhe: “prestando atenção na palavra podemos saber, um conselho geral pode ser qualquer conselho, seja ele bom ou ruim, mas um conselho oriental, traz a força da orientação que é positiva, que orienta a pessoa para um caminho melhor”.

3.2.4 As chamadas de abertura da sessão

As chamadas de abertura conduzem a experiência na *burracheira*, elas são de autoria do Mestre Gabriel e formam uma sequência. As partes de uma chamada são designadas *chaves*, e naquelas de abertura da sessão é possível perceber uma ordem tanto entre as chamadas quanto nas chamadas. Elas marcam o crescimento do tempo de *burracheira* (BYS, 2014, p. 73).

Dada a impossibilidade de transcrição delas, devido a sua reserva às sessões, apresentarei apenas alguns fragmentos para esclarecer aos leitores como se faz a ligação entre essa sequência e a *burracheira*. A primeira delas diz em determinada chave: “Sombreira, Sombreira eu peço Luz a nos sombrear [...]” e depois em outra chave: “Clareia, clareia eu peço Luz a nos clarear”.

A chamada inicia pedindo à Luz que venha sombrear. A sombra aqui é o efeito da presença da Luz, é o sinal de sua aproximação proporcionada com a *burracheira*. Uma irmã comparou o sombrear ao movimento do sol nascente no horizonte: o clarear vem gradualmente e pode ser observado na sombra dos objetos gerada pela propagação da Luz. A chamada pede “clareia, clareia”: primeiro sombreia para depois clarear. Como o sol que percorre o céu até estar “a pino” ao meio dia, onde os objetos não apresentam sombra visível.

Se a *burracheira* estiver “estruandando”, pode-se iniciar a sessão com a chamada Tiuaco, que é o Rei da Força na UDV. As palavras continuam o movimento dizendo “*vamos esperar* o que há de vir *se preparem* pra seguir” e depois “*é receber* o que há de

vir, *preparados* pra seguir”. Enquanto na primeira há o movimento de preparação, na segunda há o movimento de receber. Eis exemplos da *graduação* presente nas chamadas⁴².

Em seguida, ao abrir os Encantos da Natureza Divina, se diz “*trarei os teus Encantos*”, depois “*abrirei os teus Encantos*” e “*nos levarei aos teus Encantos*”. Nesta chamada, se faz um pedido à Natureza Divina, que traga os seus Encantos para aqueles que ainda não podem entrar, poderem ver. Com os Encantos abertos, os discípulos têm a oportunidade de se ligar ao Divino, mas para ver ou entrar nos encantos é preciso merecer.

O conceito de merecimento é o elo que faz do aprendizado algo mais que um estrito esforço intelectual de memorização de representações religiosas. A indissociabilidade entre conhecimento e prática se traduz em assumir o trabalho de transformação espiritual em conformidade com a doutrina da UDV, e nesse processo o re-aprender a falar é fundamental.

Ouvi inúmeras vezes que através da fala é possível – à comunidade caianinha e principalmente ao Mestre Representante, que é a autoridade máxima de um núcleo e responsável pelas convocações aos graus hierárquicos – “conhecer o grau de um discípulo”. É um importante marcador social que influi tanto no processo de ascensão hierárquica quanto na integração da pessoa nas interações narrativas entre os caianinhos.

A ordem ritual manifesta nas chamadas marca uma ligação gradual com o Divino: é preciso trazer, abrir e assim entrar nos Encantos. As chamadas trazem a força por intermédio do pedido, considerado um sinal de respeito à Força. Essa característica se reflete na própria vivência caianinha, onde o pedido da licença, o pedido para perguntar, para fazer chamada ou para falar é um elemento presente nas interações narrativas, constituindo parte do tom polido na qual se realizam.

Na sequência das chamadas, vem a Chamada do Caiano, que é “o primeiro Hoasqueiro”, considerado a escada, pois é por meio de seus ensinamentos que se pode conhecer os mistérios do Vegetal. Nessa escada, “os *degrau* é seus caianinho”, mas é Caiano o primeiro Hoasqueiro a quem pedimos que “*dê grau* a seus caianinhos”. Essa chamada utiliza da homofonia – palavras e

⁴² Não sei afirmar se essa graduação acontece em todas as chamadas, mas posso dizer que ela é uma característica bem comum.

sentidos diferentes com sons semelhantes (*degrau* e *dê grau*) como recurso para chamar atenção às palavras. Os seus caianinhos são degraus dessa escada porque auxiliam àqueles que estão se iniciando nesse caminho espiritual, mas é Caiano quem dá o grau espiritual aos seus discípulos.

A graduação feita nas chamadas mostra que para receber a Luz o movimento é progressivo, conforme o merecimento e estudo de cada um. E então vem a chamada da União a qual consagra a abertura da sessão à ligação do mariri com a chacrona.

Diversos sócios com os quais conversei a respeito de seus adventícios, relataram surpresa ao ouvirem as palavras faladas na chamada. Um rapaz na época não associado me disse “o mestre fez as chamadas e eu achei muito estranho. Pensei, que língua que ele está falando? Porque tem um monte de palavra né? Tiuaco, Mariri... palavras que tu não está acostumado e eu achei até que ele estava falando em outra língua”.

Enquanto aquele irmão suspeitava que o Mestre Dirigente da sessão falava outra língua, outra pessoa me contou que no começo não conseguia ouvir o que o Mestre falava “quando a chamada começava, ao ouvir aquele canto, viajava. E muitas vezes só ia abrir os olhos depois de algumas perguntas”.

Com a frequência nas sessões de escala, a pessoa segue participando nesse ambiente de aprendizado no qual as palavras são centrais, escutando a leitura dos documentos, a explanação, as chamadas, as perguntas feitas pelos irmãos, a oratória do mestre dirigente e também de outras pessoas que compartilham compreensões e testemunhos pessoais relacionados ao “assunto que está circulando” E, também, fazendo suas próprias perguntas, aprendendo chamadas, etc.

3.2.5 As chamadas

Além das chamadas de abertura, existem outras chamadas. A UDV tem registradas aproximadamente 170 chamadas, sendo a maioria de autoria do Mestre Gabriel e as demais de autoria de outros mestres e conselheiras. Há alguns tipos de chamada: as de abertura de uma sessão, as chamadas de Força, as chamadas de Luz e as chamadas de Socorro.

As chamadas são essenciais na condução das sessões, pois parte dos assuntos estudados vem dos ensinamentos e mistérios que elas têm. As chamadas são compreendidas como manifestações de

uma Força que se apresenta no momento e não a expressão premeditada de um canto, por isso, o estudo realizado durante a sessão é até certo ponto imprevisível.

Suas palavras e vibração são feitas de segredos e mistérios que produzem determinados efeitos na *burracheira*. Elas têm uma melodia, mas não são caracterizadas como música ou canção, são chamadas pois evocam Força, Luz e a presença de Seres que constituem a cosmologia da UDV. Cada chamada tem uma Força e traz mistérios e segredos a serem percebidos e revelados. Para trazer uma chamada na sessão, é preciso sentir sua Força e, para isso, é preciso conhecer a chamada.

Este conhecer não é a simples memorização de suas chaves. É preciso tê-la ouvido em outras sessões, estudar os ensinamentos que ela traz, os mistérios apresentados por ela e os efeitos gerados na *burracheira*. Na vivência caianinha, entre sessões, preparos de Vegetal e durante os trabalhos, em diversas circunstâncias, os participantes dedicam-se ao estudo, pois como “a própria palavra diz o estudo és-tudo”.

Para se fazer uma chamada é preciso saber alguns critérios a serem observados: sentir a Força da chamada se apresentar e saber se está no grau hierárquico autorizado a fazê-la. Além das chamadas que podem ser feitas por qualquer sócio, existem chamadas reservadas ao quadro de mestres, ao Mestre Representante e ao Mestre Dirigente de uma sessão. Assim como há chamadas que não podem ser feitas em sessão de escala, porque seu estudo é reservado à sessão de grau instrutivo.

Alguns discípulos memorizam uma chamada apenas ouvindo-a durante a sessão. A maior parte das pessoas com as quais conversei, começa a estudar primeiro ouvindo determinada chamada em sessão e sentindo sua Força, e em seguida, quando se lembra de algumas chaves, busca quem a saiba para estudá-la em seu ritmo e entonação.

Certos irmãos só ensinam uma chamada a quem saiba no mínimo uma chave, pois “é preciso um esforço, a gente não deve entregar assim tudo de bandeja”, enquanto existem outros que ensinam a chamada inteira, mesmo se a pessoa não souber nenhuma chave. Memorizar as chaves de uma chamada e reproduzir bem sua melodia não é suficiente para dizer que se sabe a chamada. Em minha perspectiva, conhecer uma chamada implica novamente nessa sensibilidade com a *burracheira* e em trabalhar dentro dela.

Sentir a Força não é algo totalmente subjetivo, já que é uma percepção construída com as experiências de *burracheira* e a atenta observação de como, quando e por quem as chamadas são feitas. Esse sentir não corresponde apenas à aquisição de informações, pois existe uma dimensão intangível somente possível de se tornar visível com a *burracheira*.

O estudo das chamadas não é restrito às sessões e faz parte dos diálogos na convivência entre os sócios, seja nas pausas do mutirão, no estudo entre alguns sócios em sua residência, ou ainda durante os trabalhos do preparo de Vegetal. E o que é esse estudo? É o exercício de compreender os ensinamentos e mistérios de uma chamada: o quê fala, como fala e porquê fala de determinada forma.

Mas se por um lado memorizar o conteúdo e o ritmo das chaves de uma chamada não é suficiente para dizer que se conhece a chamada, por outro é fazendo uma chamada que se pode conhecê-la. Os caianinhos buscam ser cuidadosos ao fazer uma chamada, todavia o trabalho de educação da atenção tal como se constitui nas vivências não corresponde totalmente ao modelo ideal proposto, pois as pessoas estão continuamente aprendendo, e isto reflete a heterogeneidade, plasticidade e movimento da vida.

O evocar das chamadas são frequentemente vividos como momentos sublimes, mas podem também ser momentos de frustração, e depois transformar-se em “causos” humorados contados entre os caianinhos⁴³.

As chamadas, tal como consigo compreender, são uma espécie de tradução do intangível presente na Força. A experiência com elas implica um sentido de imanência da espiritualidade expressa na associação entre a *condução da palavra* e a manifestação da natureza, tal como sugerido por um dos meus interlocutores ao descrever uma de suas experiências em preparo de Vegetal:

Naquela época se faziam preparos grandes, e normalmente quando concluía o preparo, concluía com um apuro de Vegetal onde todo o Vegetal era apurado no final, com uma sessão. Hoje em dia já não faz assim,

⁴³ Estas interações narrativas serão descritas no capítulo 5.

mas naquela época era muito comum. Então, reunia todo o Vegetal e apurava ele ao mesmo tempo com uma sessão. E essa sessão acontecia na hora que tivesse pra acontecer. Então, aquela vez ela começou a acontecer umas cinco horas da manhã, e teve até pouca gente que teve condição de estar presente, porque muita gente estava cansada e tinha sido um preparo longo. E o grupo de pessoas que pôde ficar naquela sessão, foi só uma roda assim, na frente dos tachos. Em determinado momento, estava se falando dos encantos da natureza, das belezas que têm, o dia estava amanhecendo, a maioria das pessoas era a primeira vez que estava tendo uma experiência de beber o Vegetal com o sol amanhecendo. E aí quando a burracheira estava bem crescida o Mestre Dirigente fez uma chamada que diz ‘os passarinhos cantam, cantam com alegria, cantam os passarinhos quando vem rompendo o dia’, e nesse momento surgiu uma revoada de pássaros sobre a gente, que todo mundo que estava ali viu. Ele continuou fazendo a chamada, e lágrimas assim... [silêncio] brotando de um momento tão bonito de ver que as palavras que estavam sendo ditas na espiritualidade. Na Natureza estava tendo uma sintonia entre Natureza, espiritualidade e a condução da palavra num preparo. Então foi assim, *uma convergência de coisas através das palavras* que o Mestre estava dizendo (Irmão do corpo instrutivo - Florianópolis, maio de 2015).

Essa convergência através das palavras é um contato interno entre espiritualidade, chamada e natureza, elas estão simultaneamente/mutuamente implicadas por algo semelhante ao que Ingold diz a respeito do processo de conhecer, que se realiza por uma espécie de “interpenetrabilidade essencial ou fusão de espírito e mundo” (INGOLD, 2015, p. 337).

3.2.6 A dinâmica das perguntas e respostas

Quando a sessão está aberta, o Mestre Dirigente diz: “aqueles que quiserem perguntar, falar, fazer uma chamada é só pedir licença”. Então, se inicia uma dinâmica na qual os participantes podem fazer perguntas ao Mestre Dirigente da sessão, que deve respondê-las mesmo que seja para dizer “eu ainda não sei a resposta, alguém da Direção pode me auxiliar?”. Há uma expectativa entre os participantes tanto em relação às perguntas quanto em relação às respostas, que costumam ser examinadas e igualmente podem ser fonte de ‘causos’ bem-humorados contados em círculos de incontáveis narrativas.

A fórmula do pedido para perguntar em sessão é simples e consiste em:

Discípulo: Mestre

Mestre: Pronto

Discípulo: O senhor dá licença de eu fazer uma pergunta⁴⁴?

Mestre: Pode fazer.

O jeito como se pergunta, as palavras usadas em uma pergunta são objeto de atenção por parte do Mestre Dirigente, pois sua resposta é dada em conformidade com elas. Isso pode parecer absolutamente óbvio, mas não é. Por exemplo, certa vez em sessão dirigida por um mestre que conviveu com Mestre Gabriel, ao abrir a sessão a primeira pergunta foi:

Irmã: Mestre, o que é cruz em monte?

Mestre: Um monte de cruz, sabe? Um monte de cruz tudo junto.

A risada foi generalizada, sendo interrompida pela mesma irmã pedindo para fazer nova pergunta:

Irmã: Mestre, eu tô querendo entender aquela oração Anjo da Minha Guarda em que diz ‘cruz em monte, cruz em fonte’, o que é?

⁴⁴ Pode ser pedido licença para fazer chamada ou para falar.

Mestre: ahh, agora sim (Diário de campo – Florianópolis, agosto de 2015).

Ainda que o mestre imaginasse que a pergunta dela dizia respeito àquela oração, a forma como ela a executou, desconectada da chamada feita anteriormente, e também da própria menção à oração como contexto de onde provém sua pergunta, motivou uma resposta que joga com um trocadilho com a palavra monte, podendo ser relativo à montanha ou uma metáfora para designar grande quantidade.

E assim o discípulo vai aprendendo a falar. Em outra sessão, um irmão pediu para perguntar e disse: “Quando Mestre Gabriel partiu...” Mas antes que ele pudesse concluir a frase foi interrompido pelo Mestre Dirigente, que o corrigiu dizendo: “Ele não partiu, porque partir fica metade para um lado, metade para o outro. Ele desencarnou mesmo!”. Em outro momento, alguém disse a respeito da desencarnação do Mestre Gabriel: “Mestre, quando Mestre Gabriel fez a passagem”, e ele novamente interrompeu: “Que eu saiba Mestre Gabriel nunca trabalhou em empresa aérea, ele desencarnou mesmo! O povo parece que tem medo de falar da morte. Olha, gente, se tem algo que é certeza é que vamos morrer um dia!”

Esse diálogo entre o Mestre Dirigente e os discípulos que perguntaram refere-se ao uso de determinadas palavras com duplo sentido, a serem evitadas: partir enquanto fragmentar e ir para outro lugar, e passagem como travessia ou bilhete aéreo. Afinal, o Mestre Gabriel nem estava partido, nem com bilhete aéreo. Além disso, o Mestre Dirigente corrige a atitude de eufemização da morte, que deve ser encarada como um destino naturalmente inevitável.

Com relação ao uso das palavras, em sessão, uma pessoa ao falar de sua caminhada na UDV disse:

Discípulo: Aqui venho recebendo ensinamentos que são de grande valia

O Mestre, interrompendo sua fala, corrigiu: Valia? Se valia é porque não vale mais. Os ensinamentos são de grande valor (Diário de campo – Florianópolis, agosto de 2015).

O uso de verbos no presente é outra característica desse modo de falar e pretende reforçar seu efeito. Este mesmo princípio pode ser aplicado na construção de frases que usam o tempo verbal no passado ou gerúndio para distanciar determinadas situações e comportamentos.

Observei que em perguntas como essa: “Mestre eu queria saber quais os ensinamentos de Jesus?”, são corrigidas pelo Mestre Dirigente “queria ou quer?”, “queria? Então, não quer mais”. Alguns mestres pedem para a pessoa refazer a pergunta usando o verbo no presente, outros corrigem e não respondem até que a própria pessoa perceba e refaça a pergunta da maneira adequada.

3.3 COMO UM CAIANINHO APRENDE

Este título é uma aposta, pois ele pode ser errônea e precipitadamente interpretado como uma fórmula ou fôrma existente que molda a todos nós caianinhos, mas não é bem assim. Arrisco-me a mantê-lo por tratar-se de uma aposta na abordagem ecológica do conhecimento de Ingold (2010, 2015a, 2015b) e Lave (2015), para quem o conhecimento se faz através da participação dos indivíduos nas experiências.

É por essa ênfase na prática como produtora de conhecimento que meu interesse não está exatamente na leitura “direta” dos ensinamentos do Mestre Gabriel, isto é, no *corpus* de ensinamentos legados por Mestre Gabriel. Quero seguir as jornadas dos aprendizes desse conhecimento por considerá-la uma chave interessante para perceber como eles expandem-no criativamente através da prática.

Os movimentos de compreensão dos discípulos direcionam minha abordagem ao modo de conhecer trilhado pelos caianinhos, pois como sugere Lave (2015, p. 39) “enquanto nós sabemos com certeza *o quê* as pessoas aprendem, sabemos muito pouco sobre *como* elas aprendem”. Embora esse processo assuma contornos muito particulares em cada aprendiz, busquei tecer algumas linhas pelas quais meus interlocutores contaram-me fazer essa jornada, configurando aspectos os quais considero convencionais desse modo de conhecer e ser que tem uma relação especial com as palavras.

Quando Ingold (2015a, p. 242) diz que a arte narrativa é a chave para o entendimento da cognoscibilidade humana, faz-me

retomar a analogia entre a forma narrativa dos ensinamentos do Mestre Gabriel e a forma narrativa auto-biográfica apresentadas no início do capítulo. Assim como os mistérios presentes nas entre-linhas do que não se diz quando se fala alguma coisa, é como se os acontecimentos da vida tivessem entre-linhas tácitas cujo sentido só será revelado/percebido posteriormente. Esta tradução da vivência religiosa e comunitária em sentidos biográficos é uma das formas primordiais de aprender, pois conhecer neste contexto só faz sentido quando a pessoa pratica.

Não pretendo, com isso, afirmar que eu e meus irmãos caianinhos somos puros, evoluídos, que “aplicamos” esse conhecimento das palavras e realizamos todos os ensinamentos do Mestre Gabriel. É antes, para seguir os habitantes do Mundo de Hoasca e perceber como mostram em narrativas a prática como condição do conhecimento. Quais práticas são essas? Tratarei daquelas que articulam palavra e conhecimento.

Uma delas é a integração experiencial dos ensinamentos transformada em histórias. Na ordem implícita da narrativa a compreensão da natureza das coisas é percebida ao seguir as suas relações, ou, para usar um conceito caianinho, ligações, e isso se faz contando histórias (Ingold, 2015a, p. 236).

As duas narrativas auto-biográficas escritas por mim no início do capítulo, nas quais desvenda-se algo antes ignorado, que torna-se evidente com a continuidade da caminhada, como se houvesse uma linha imanente ligando as experiências, mostram que “conhecer é relacionar o mundo ao seu redor (...)” e “contar, em suma, não é representar o mundo, mas traçar um caminho através dele para que outros possam seguir” (INGOLD, 2015a, p. 238).

O entrelaçar de sentidos como algo a se revelar está intimamente ligado à forma iniciática de trabalhar com o conhecimento espiritual e com a dimensão temporal da conduta humana na qual, como nos diz Hallowell (1995, p. 100), o passado e o futuro “são nomes que damos a dimensões alteradas do presente”⁴⁵.

⁴⁵Tradução minha do trecho: “To insist then upon time perspectives in human conduct is to recognize the ages-old significance given to the future, but to bring that future into the manageable present and give it an operational meaning by showing that the future is that name we give to the altered dimensions of the present” (HALLOWELL, 1955, p. 100).

Um dos exemplos dados por Ingold (2010) me parece interessante. Um livro de culinária contém instruções de como preparar um molho, mas ler as instruções não é suficiente para saber cozinhar. As pessoas aprendem a cozinhar “copiando as atividades de cozinheiros já capacitados” (INGOLD, 2010, p. 21). Copiar aqui, não se trata de uma transferência automática de conteúdo mental, mas de *seguir* o que os mais habilidosos fazem:

O iniciante olha, sente ou ouve os movimentos do especialista e procura, através de tentativas repetidas, igualar seus próprios movimentos corporais àqueles de sua atenção, a fim de alcançar o tipo de ajuste rítmico de percepção e ação que está na essência do desempenho fluente [...]. O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo (INGOLD, 2010, p. 21).

Cozinhar faz parte das atividades cotidianas dos caianinhos em nossos mutirões, preparos e confraternizações, mas nesse caso não se trata de aprender a cozinhar, mas de aprender a falar e conhecer os ensinamentos do Mestre Gabriel. E é na sessão de escala onde os caianinhos mais hábeis mostram aos demais participantes como aprender olhando, ouvindo, sentindo e falando.

Nessa relação, todos estão engajados em práticas de aprendizagem ainda que em graus hierárquicos diferentes, pois “um aprendiz não é alguém que não sabe, aprendendo (conhecimentos) provindos de alguém que sabe. Ao contrário, os aprendizes estão engajados (com outros) em aprender o que eles já estão fazendo – um processo multifacetado, contraditório e iterativo” (LAVE, 2015, p. 40). O fazer é condição de aprender.

As sessões assumem, portanto, uma feição bastante disciplinada, pois tornam presente as convenções compartilhadas com as quais a criatividade reflexiva de cada participante dialoga. E tornam presente de forma explícita e implícita *o quê* se aprende através de *como* se aprende. Explícita, pois desde a leitura dos

documentos, passando pela explanação, as chamadas de abertura, a dinâmica das perguntas e respostas há um conteúdo circulando entre os participantes. Implícito porque entre o que é dito, muito não é falado em virtude da lógica do segredo que trata o conhecimento como algo a não “ser entregue tudo na bandeja”.

Os habitantes do Mundo de Hoasca continuam a se surpreender com o fato de um mesmo Vegetal, proporcionar efeitos e experiências tão diferentes. Costumamos designar essa particularidade de mistério do Vegetal. Diante disso, venho percebendo como o ritual acrescenta nuances de ensinoss... Eis que meu pensamento é interrompido pelas vozes de alguns irmãos dizendo “cada vez que escuto os documentos aprendo uma coisa diferente”. Por que será? É bem provável que essas nuances sejam mutuamente emergentes. Deixe-me explicar.

As duas faces dessa mútua emergência são: de um lado, o *corpus* de conhecimento doutrinário da UDV, baseado no conjunto de ensinoss legados por Mestre Gabriel, de outro, o fato de que ele não é compartilhado por meio de uma cartilha com todas as informações. Ao ser compartilhado oralmente, o seu acesso e estudo acontecem de acordo com os graus hierárquicos, a “força que circula” em cada sessão e a participação dos sócios na interação com os irmãos e com a *burracheira*.

Os ensinoss são apresentados em nuances gradativas, pois tanto a ordem de sua exposição quanto a percepção dos aprendizes é cambiante, no sentido de ser feita em matizes. Afinal “o ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de prática” (INGOLD, 2010, p. 21), portanto, não faz sentido descrever o conhecimento em sua forma de conhecer baseando-me em supostas “propriedades externas e objetivas” do ambiente da UDV (HALLOWELL, 1955, p. 86).

Assim, minha descrição da ordem ritual coteja elementos que articulam a minha percepção como aprendiz com aquelas contadas por meus irmãos em suas experiências de vida. O Mundo de Hoasca é um campo de práticas que se abre continuamente com as sessões de escala e se expande com a continuidade nessas vivências, nas quais há uma confluência entre a *burracheira*, os ensinoss e o grau de memória do discípulo. Os ensinoss são falados e o discípulo na *burracheira* escuta aquilo que seu grau de memória permite-lhe acessar naquele momento.

A *burracheira* é um fator significativo na constituição da percepção dos participantes. Eu poderia descrevê-la como

resultado da ingestão de uma substância psicoativa presente na combinação do cipó mariri com as folhas da chacrona. Mas, isso seria considerar apenas uma parte dos ensinamentos de meus irmãos mais experientes e habilidosos. Para nós, a *burracheira* é considerada uma “força estranha” através da qual é possível “expandir a consciência”.

Ao beber o chá, é como se a pessoa saísse para caminhar em terreno estranho. O que faz da *burracheira* uma “redescoberta guiada” são as experiências anteriores do viajante e as direções apontadas pelo ritual, pois “se os princípios químicos ativos na ayahuasca tornariam tais modificações possíveis, seria o ritual que construiria o roteiro a que estas seguiriam” (MERCANTE, 2012, p. 29).

O conhecer dentro do *tempo de burracheira* assemelha-se à imagem do labirinto tal como descrita por Gibson (1979) e apresentada por Ingold (2015b), onde o caianinho passa por um deslocamento e:

[...] à medida que o observador segue seu caminho, o padrão de luz que chega aos seus olhos a partir das superfícies refletoras presentes no ambiente sofre modulação contínua; e a partir das invariantes subjacentes dessa modulação, as coisas se nos revelam pelo que elas são (INGOLD, 2015b, p. 29).

Para continuar com a metáfora, a *burracheira* é esse caminho no qual a luz vem das superfícies refletoras que são os ensinamentos e a modulação contínua é dada pelo que, não somente os olhos, mas a pessoa consegue captar. No labirinto, “o andarilho é levado para fora, para a presença do real”. O que consegue captar da luz emanada revela o “grau do discípulo” (INGOLD, 2015b, p. 27).

Para tratar do “grau do discípulo”, incluo a figura do dédalo nesta analogia. Ingold (2015b, p. 26-27) faz uma oposição entre dois modos de educação através de duas figuras: o dédalo e o labirinto. O dédalo é comparável à encruzilhada que nos coloca opções a serem escolhidas, e o labirinto vai guiando o caminhante a cada passo através de seus caminhos desconhecidos. Enquanto no dédalo se navega com direção pré-definida, no labirinto o

caminhante vaga e descobre os caminhos na experiência. Enquanto no primeiro a postura do caminhante é mais intencional, no segundo é mais atencional.

Mas enquanto para Ingold (2015b) o mundo e o conhecimento são incipientes, para a UDV eles existem para serem acessados. Como identificado anteriormente naquelas narrativas auto-biográficas, nessa forma de conhecer, de falar e narrar coexistem as noções de agência e destino. E assim revelam que conhecer na UDV implica, para seguir os termos de Ingold (2015b), intenção pré-definida e atenção constante à experiência.

Utilizo as noções de agência e destino para compreender como é possível articular a ideia de que “as coisas acontecem como tem que acontecer” e “cabe a cada um fazer por si para receber o que é seu”. Como pode um destino estar traçado e ao mesmo tempo ser passível de transformação através da agência do sujeito sobre sua própria história?

Se tomado isoladamente, o destino pode ser interpretado como artifício de conformação diante dos acontecimentos e a agência como artifício redutor dos eventos às ações individuais. Talvez, uma chave mais interessante seja perceber que, quando articulados, servem para dizer que a ação guia a direção do meu caminho, mas aquilo que escapa à minha agência, aceito como destino. Mas como saber o que escapa à agência? Eis uma boa questão.

A oposição estabelecida por Ingold (2015b), entre o *dédalo* e o labirinto como modalidades completamente distintas, não é suficiente para compreender como a UDV combina feições simultaneamente firmes/coletivizantes com abertas/individualizantes. Nestas relações, o *sentir* está para o *exame* assim como a *atenção* está para a *intenção*. O *sentir* e o *exame* são experienciados como componentes da expansão da consciência. O sentir é vivenciado pelo caianinho que segue atenciosamente os caminhos *ainda* desconhecidos da Força estranha que é a *burracheira*. O exame é sua reflexão intencional a respeito tanto da *burracheira* quanto dos ensinios estudados em sessões.

O “entregar-se à *burracheira*” e o estudo de si e dos ensinios, o sentir e o exame são pares constitutivos desse processo que passa por uma reorientação do *self*, no qual a experiência perceptual é reintegrada a partir das novas descobertas. O *self* e o mundo empírico dos objetos que participam do ambiente

emergem de um processo comum de maturação, socialização e experiência pessoal fornecendo as bases de uma inteligibilidade ao indivíduo que articula sua *self awareness* com o ambiente em que é motivado a agir (HALLOWELL, 1955).

Essa reorientação perpassa a tensão entre o sentir e estudo de si e dos ensinamentos na *burracheira*. O sentido de tensão tem a ver menos com rigidez e mais com a inquietude do aprendiz em coordenar essas duas dimensões práticas do conhecer característico da UDV. O aprendiz, e todos somos aprendizes, está educando a si mesmo ao seguir o caminho de seus predecessores (INGOLD, 2010, p 19).

Certa vez, essa inquietude foi expressa por um irmão, durante uma sessão em *alto tempo de burracheira*, quando o mestre havia feito uma chamada que falava de um barco no porto e disse: “vamos viajar”. Então, o irmão pediu para perguntar:

Discípulo: Mestre

Mestre Dirigente: Pronto

Discípulo: Dá licença de fazer uma pergunta?

Mestre Dirigente: Pode fazer

Discípulo: Mestre, já ouvi na União que devemos prestar atenção e a chamada diz pra gente viajar, como faço pra viajar e prestar atenção ao mesmo tempo?

A risada ecoou no salão. Nós nos esforçamos para rir comedidamente em respeito à solene atmosfera de uma sessão.

O Mestre Dirigente respondeu: Se o senhor está sentindo a burracheira e ouviu o que a chamada falou, já sabe como viajar e prestar atenção. Porque até para viajar é preciso prestar atenção e saber para onde ir, pois a viagem tem uma direção. E a chamada traz uma condução pra esta viagem. Por isso é importante prestar atenção na sessão, mas também se entregar para a burracheira e conhecer os encantos da natureza, assim viajamos guiados pelas palavras da chamada (Diário de campo – Florianópolis, maio de 2015).

Essa viagem guiada pelas palavras é uma espécie de chave para conduzir a “redescoberta”, que se realiza durante a inquietante busca de coordenar a viagem e o prestar atenção aos atos rituais. A atenção não exclui a intenção do viajante e de quem conduz a viagem, pois a direção da experiência é constituída através da relação entre os interlocutores, nesse caso, a pessoa que fez a chamada, a chamada e o discípulo em sua *burracheira*. O saber se entregar, em minha perspectiva, é vivenciar a experiência nas dimensões em que ela escapa às intenções pré-estabelecidas, desenvolvendo a sensibilidade à Força e permitindo-a agir tal como ela se apresenta.

E um dos aspectos centrais do aprender a conhecer é o desenvolvimento da habilidade de viajar na *burracheira* e educar a atenção em relação ao estudo das palavras. Pois o que fazem as pessoas numa sessão? Seguem o ritual que se manifesta como “placas de sinalização numa paisagem, eles dão direções específicas aos praticantes, enquanto eles abrem caminho através de um campo de práticas” (INGOLD, 2010, p. 19)

Os ensinamentos são uma variável pré-definida cujo intuito é guiar cada viajante na misteriosa *burracheira* e na misteriosa vida. A entrada no “tempo de *burracheira*” e a expansão da consciência” acontecem num cenário ritual estruturado e repetitivo. Uma afirmação bastante razoável, mas que pode ser problematizada com as seguintes questões: repetitivo para quem? Ser repetitivo é ser idêntico?

Se por idêntico entendemos aquilo que não apresenta diferença, a resposta é não. Tambiah (1981) ao propor uma abordagem performativa do ritual busca, nas funções da comunicação classificadas por Jakobson (2010), uma inspiração para compreender a dimensão interacional da comunicação ritual.

Nesse sentido, confere atenção especial à forma ritual distinguindo significado e informação, na medida em que mera decodificação literal de uma mensagem é insuficiente para entender os significados. Em analogia com o paralelismo poético estudado por Jakobson (2010), Tambiah (1981, p. 135) questiona as análises que reduzem a redundância à excessiva repetição, sugerindo que a repetição possui papel criativo, pois introduz modulações explorando nuances de sentidos multivocais.

Acrescento, no caso da minha experiência etnográfica, a ideia de que os sujeitos são centros de percepção cujas impressões não são as mesmas, ainda mais no tipo de dinâmica

ritual que configura as sessões, na qual valoriza-se a expressão de estudos e reflexões pessoais, seja através de perguntas, respostas, falas ou chamadas. Tais gradações de mistérios e segredos são mutuamente orquestradas.

Venho destacando em itálico algumas palavras que são constantemente objeto de atenção caianinha, mas nem sempre notadas simultaneamente pelos discípulos. Por exemplo, a palavra consciência é ouvida, mas seu mistério pode passar despercebido. E assim, quando alguém pergunta: “Mestre qual o mistério da palavra consciência?”. Pessoas que ainda não sabiam sobre o mistério de algumas palavras passam a refletir sobre isso. E despertam sua atenção para outras palavras existentes no léxico caianinho experimentando encontrar mistérios. E assim, as compreensões vão se diferenciando criativamente e incluem palavras cujos mistérios não foram afirmados por Mestre Gabriel, mas podem ser reconhecidos pelos discípulos⁴⁶.

Quando focamos nossa atenção principalmente no conteúdo, corremos o risco de tratar os adeptos da religião como tábulas rasas para os quais se transmite “conhecimentos”. Ao que esta lógica atribui o nome de conhecimento, ouvi alguns Mestres denominarem “verbalização de conceitos” ou “informações” contrastando com o “Conhecimento” e a “Ciência”. Enquanto estas são palavras usadas pelo Mestre Gabriel, as primeiras pelo que sei não foram, mas são utilizadas para contrastar com a forma de aprender que caracteriza a jornada de um caianinho.

Essa diferenciação entre conhecimento e informação se expressa através da dinâmica epistemológica dos segredos e mistérios. As sessões de escala são organizadas em uma ordem que se repete. Dentro dessa sequência, os ensinamentos vão sendo mostrados aos participantes. Um exemplo simples é que nas chamadas de abertura da sessão os verbos são usados no presente, e isso pode permanecer oculto para alguns sócios, que sequer imaginam a razão desse mistério.

Muitos mistérios ainda estão ocultos para os aprendizes. O oculto supõe a existência de algo ainda não desvendado. É a busca de cada caminhante que torna o mistério algo singular, ela também constitui seu caráter incipiente.

Falar em mistérios oscilando entre ocultamento e revelação é um cuidadoso malabarismo. Minha jornada de aprendizado

⁴⁶ Voltarei à este ponto no capítulo 5.

como sócia e pesquisadora vem mostrando como uma pessoa pode chegar a conhecer um mistério sem necessariamente alguém lhe revelar um segredo.

Nesse movimento, o modo de conhecer na UDV pluraliza o conceito de iniciação, pois enquanto o segredo, para ser recebido, passa pela via institucional do reconhecimento do grau de memória do discípulo pelo Mestre Representante, que é responsável pela convocação aos demais graus hierárquicos, o mistério passa pela via atencional do discípulo em seguir tateando um conhecimento incipiente para ele, que vai se revelando.

Essa modalidade instrutiva da UDV é marcada pelo desejo de permanência e de fidelidade à Palavra do Mestre Gabriel e pelo princípio de “não entregar na bandeja”, constituindo desse modo uma relação entre conhecimento e aprendiz, na qual o discípulo não é um mero receptor, ele é um fazedor de trilha. E como isso pluraliza a ideia de iniciação?

A pessoa vem continuamente se iniciando nos ensinamentos através das trilhas que faz ao seguir os passos de seus predecessores, e é nesse seguir que ela constrói seu merecimento. Compreendo que a iniciação não se restringe a receber o direito de ocupar um grau hierárquico, mas em construir o seu caminho de estudo e compreensão de si e desses ensinamentos. Mesmo que o reconhecimento institucional hierárquico seja parte importante da vida de um caianinho, sendo conquistada ao longo da jornada, o acesso aos mistérios depende de sua *atenção*.

Enquanto o grau de memória é do discípulo, o grau hierárquico é da UDV. Essa diferenciação é importante pois ela revela o grau hierárquico como um lugar pertencente à UDV e ocupado pelas pessoas. A convocação de uma pessoa ao grau hierárquico implica em deveres a serem cumpridos e segredos a serem recebidos. Dentro de cada grau há um conjunto de histórias e chamadas contadas e estudadas.

Com relação ao grau hierárquico, o descumprimento de seus deveres pode ter como consequência punições específicas, como advertências ou afastamentos. O grau hierárquico e o segredo têm implicações mais pragmáticas do ponto de vista da participação institucional do discípulo, na medida em que a UDV é uma comunidade de prática (LAVE, 2015, p. 40) e demanda uma vivência cotidiana com esse aprendizado. E o principal aspecto que faz com que um ensino seja aprendido como

conhecimento e não informação é a caminhada realizada pelo discípulo para chegar até ele.

Mestre Gabriel com sua família e os primeiros discípulos iniciaram esse ambiente que é re-produzido pela irmandade ao longo desses 55 anos. A vivência comunitária da *burracheira* e das palavras constituem as práticas de vida dos caianinhos. Enquanto o efeito fisiológico do Vegetal pode ser facilmente reduzido à duração da sessão, os efeitos da *burracheira* “geram níveis variados e complexos de experiência na consciência. Essas experiências podem ser a fonte de um conhecimento profundo, tanto do mundo quanto de si mesmo e do *self*” (MERCANTE, 2012, p. 297).

Aqui, o sentido que Mercante (2012) aponta para a consciência mostra-se reveladora: “[...] *consciens* = *con+sciens*: *con*=junto, com, ao mesmo tempo; *sciens*=conhecer (Marchant & Charles, 1957). Assim, a palavra consciência literalmente significa ‘o estado de conhecer junto’” (2012, p. 290).

Ao conhecer junto, aprendendo a aprender, as pessoas “conhecem por meio da sua prática [...] – isto é, através de um envolvimento contínuo, na percepção e na ação, com os constituintes do seu ambiente” (INGOLD, 2015a, p. 234).

O envolvimento contínuo pode ser notado nesse diálogo, onde uma irmã mostra a razão de viver essa forma de falar e conhecer além dos momentos ritualizados pela ingestão do Vegetal, tornando a vida constantemente ritualizada pelo uso das palavras:

É porque assim, eu vejo assim, a maneira como o Mestre Gabriel ensina a se falar essas palavras não é só dentro do ritual da União do Vegetal, é na vida. Porque a gente está dentro de um ritual de vida, dentro de um ciclo de vida, porque o espírito encarna e desencarna, ele está dentro de um ciclo né? [...] Então, na minha percepção é assim: tanto dentro do ritual quanto dentro do ciclo de vida da pessoa, né? Porque se ele fala assim, que ‘tudo vem pela palavra’ não vejo que é só dentro do ritual. Tudo está dentro de tudo. O ritual está dentro desse tudo. A nossa vida está dentro desse tudo, né? Então,

acho que como ele falou, tem que saber pedir, saber usar as palavras e saber pedir, né? Até também nos preparos, a gente ouve que tem que ter cuidado com certas palavras que se usa, porque fica gravado no Vegetal. Como também tem certas palavras que a gente usa e fica gravado na gente (Irmã do Corpo Instrutivo – Florianópolis, julho 2015).

A potência das palavras não está contida pela linguagem ritual expressa nas chamadas, histórias e doutrina trazidas pelo Mestre Gabriel estudadas nas sessões de Vegetal. A atenção ao efeito das palavras é uma constante que participa do cotidiano de um caianinho, afinal, como sugere a irmã no trecho acima, a vida também é um ritual.

4 O PREPARO DE VEGETAL

Antes da emergência das denominadas religiões ayahuasqueiras, a ayahuasca já era uma bebida utilizada milenarmente por diversas etnias indígenas. Seu uso contemporâneo é reconhecido entre, aproximadamente, 70 etnias da Amazônia Ocidental, situadas entre países como Colômbia, Brasil, Peru, Bolívia, Venezuela e Equador (LABATE, 2000, p. 29).

É possível notar como tais usos são multifacetados e articulam em cada grupo profundos conhecimentos botânicos, medicinais, xamânicos e cosmológicos nos quais as práticas com a ayahuasca veem-se implicadas. Mas o que é a ayahuasca? Uma das formas de caracterizá-la é como bebida psicoativa preparada a partir do cozimento de um cipó, cujo nome científico é *Banisteriopsis caapi*, e das folhas de um arbusto, cujo nome científico é *Psychotria Viridis* e água⁴⁷. Nesta mistura, os “princípios ativos mais importantes são os alcalóides betacarbolínicos encontrados no cipó e a dimetiltriptamina, todas substâncias fortemente psicoativas” (MERCANTE, 2012, p. 25).

O diálogo entre estudiosos acadêmicos e os estudiosos indígenas e religiosos vêm pluralizando as formas de definição desta bebida, na medida em que os conhecimentos desses sujeitos assumem centralidade para elucidar os efeitos vivenciados nos rituais com sua ingestão. A pluralidade de nomes dados à bebida, pode ser considerada como reflexo das diferentes narrativas mitológicas e de suas respectivas premissas cosmológicas.

Se os primeiros registros históricos ocidentais da ayahuasca remontam ao século XVI e os primeiros estudos botânicos datam de 1851 com Richard Spruce (HIGHPINE, 2012, p. 3), entre os povos indígenas sua história remonta a um tempo muito antigo em que “a condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 119). Pode-se dizer que uma concepção compartilhada por diversas mitologias indígenas é a existência de seres não humanos que se relacionam com e têm poder de interferência sobre os humanos.

⁴⁷ Outros ingredientes podem ser incluídos no preparo do chá ayahuasca, mas em geral, esta é a receita básica e coincide com o preparo de Vegetal na UDV.

O nome dado à bebida pode então revelar aspectos fundamentais de uma cosmologia. No caso dos Siona a ayahuasca é denominada *ẽco*, que pode ser traduzido por nossos termos “medicina” ou “remédio” (LANGDON, 2014, p. 148). O yajé (outra denominação regional) é considerado um tipo especial de *ẽco* usado por xamãs para identificar as causas ocultas de infortúnios e doenças, assim como é a principal substância da iniciação xamânica.

Entre os Kaxinawá, Camila Silva Ribeiro (2014) conta ter ouvido relatos de aproximadamente 11 espécies diferentes de cipós, cada qual com sua história de origem e nomes:

Muitos são os nomes dessa bebida de origem misteriosa: Huni Pae (cipó que veio do home-*huni*), Dunu wanã issun (cipó de miração/urina, “mijo” da jibóia), Shuri Pae (cipó do encanto) ou Nixi Pae (o fio dos encantos) são alguns dos nomes tradicionais Huni Kuin para esta bebida sagrada (SILVA RIBEIRO, 2014, p. 96)

Highpine (2013) que viveu entre os Napo Runa, povo indígena da amazônia equatoriana, afirma que a palavra *ayahuasca* de origem quéchua têm sido estritamente traduzida como cipó dos mortos, pois no Quéchua⁴⁸ do sul, *aya* significa “corpo morto”:

“Mas *aya* não está relacionada à palavra quéchua habitual para “morto” (*wañusqa* em Cuzco, *wañushka* no Quéchua do norte) e os falantes quéchua da Amazônia negam que *aya* significa “cadáver” ou “morto”. Ao invés disso, no Quéchua amazônico *aya* refere-se às almas humanas ou humanóides – o que inclui as almas dos seres humanos mortos, mas o *ayaguna* (plural de *aya*) não são os próprios mortos. (Onde eu morei, *aya* era também usada para espíritos da natureza, por exemplo, um espírito de uma árvore seria *yura aya* –

⁴⁸ O quéchua é uma família linguística composta de dialetos falados por diversos grupos étnicos na América do Sul, sendo uma das línguas oficiais da Bolívia, Equador e Peru.

mas em outros dialetos espíritos da natureza são *supey*). *Ayaguna* pode transitar e passar a habitar objetos de poder. Uma pedra com uma alma, por exemplo, é *aya rumi*. Embora, ayahuasca seja frequentemente traduzida como “cipó da alma”, a tradução que pode melhor transmitir o sentido que a ayahuasca tem no quéchua amazônico é “cipó com alma⁴⁹” (HIGHPINE, 2012, p. 3)

Ao refletir sobre a tradução mais comum do termo ayahuasca, o autor sugere uma tradução alternativa que considera mais próxima do sentido quéchua: a ayahuasca passa de cipó da(s) alma(s) para cipó com alma. A ideia de que a planta (cipó) e a bebida preparada com ela seja um espírito ou alma é presente em diversas perspectivas indígenas e religiosas da ayahuasca (GROISMAN, 1999, p. 34). Sendo tais vegetais comumente identificados como “plantas-mestre”, e o cipó considerado como “O professor, O curador, O guia” (HIGHPINE, 2013, p. 9).

No Santo Daime, o *banisteriopsis caapi* e a *psychotria viridis* “correspondem a duas entidades” (GROISMAN, 1999, p. 97) que constituem o Daime, também considerado um ser da floresta. Dentre tais perspectivas, a bebida assume centralidade como sujeito de saber e fonte de conhecimento, que conduz aquele que o bebe, ao “outro lado da realidade” (LANGDON, 2014, p. 247), ao “lado espiritual e invisível do mundo” (GUESSE, 2014, p. 183). Mas tal como apontado por Mercante (2012, p. 27) “essa bebida é apenas parcialmente responsável por abrir as portas da consciência e da percepção”. Os rituais e

⁴⁹ Tradução minha do seguinte trecho: But aya is unrelated to the usual Quechua word for “dead” (wañusqa in Cuzco, wañushka in northern Quechua) and Amazonian Quechua speakers deny that aya means “corpse” or “dead.” Rather, in Amazonian Quechua aya refers to human or human-like souls – which includes the souls of dead humans, but the ayaguna (plural of aya) are not dead themselves. (Where I lived, aya was also used for nature spirits – for example, a tree spirit would be yura aya – but in other dialects nature spirits are supay.) Ayaguna can wander, and can take up residence in power objects. A stone with a soul, for example, is aya rumi. Although ayahuasca is often translated as “vine of the soul,” the translation that may best convey the sense that ayahuasca has in Amazonian Quechua is “vine with a soul”.

sistemas cosmológicos que constituem as experiências com a ayahuasca atuam igualmente como guias das transformações vivenciadas.

Embora meu propósito não seja fazer uma análise comparativa ou revisão bibliográfica das concepções sobre a ayahuasca, considero importante registrar como o nome dado à bebida implica em certas premissas cosmológicas, tais como: o da existência de outros planos da realidade além do imediatamente visível, a concepção de seres não-humanos como sujeitos de saber, e a de que a comunhão com esta bebida possibilita o acesso a dimensões ocultas.

Na UDV, a bebida é denominada *Hoasca* e *Vegetal*. O motivo desta denominação é contado em seu mito de origem: *Hoasca* era a conselheira do Rei Inca, reinado que teria existido na terra há milhares e milhares de anos, antes do Dilúvio Universal. A história da *Hoasca* expressa algumas premissas da realidade caianinha em relação às quais suas práticas cotidianas se orientam.

De acordo com Overing (1995), os mitos não se reduzem a uma realidade fantasmagórica, eles constituem atos específicos do cotidiano. A partir de sua pesquisa com os Piaroa, povo indígena situado na Venezuela, ela aponta que “o antropólogo muitas vezes tenta separar as práticas rituais das práticas cotidianas, o tempo ritual do tempo cotidiano mas na prática piaroa uma coisa é constitutiva da outra” (OVERING, 1995, p. 128). Posso dizer o mesmo da prática caianinha, práticas rituais e cotidianas são mutuamente constitutivas, pois como sintetizou uma interlocutora “a vida também é um ritual”.

4.1 POR QUE OS PREPAROS DE VEGETAL?

Nas experiências anteriores à pesquisa, como sócia da UDV, já vivenciava os preparos de Vegetal com toda importância que têm para a irmandade. Além de prepararmos o nosso próprio Vegetal, a vivência em um preparo “aponta para o sentido atribuído à própria existência humana, o sentido da encarnação: preparar-se tem o sentido de se transformar (FERNANDES, 2011, p. 205). Portanto, há uma dupla transformação: a das plantas em Vegetal e as transformações pessoais de cada sócio através da *burracheira* e da intensa convivência com a irmandade.

Os círculos de conversas costumam ser mais intensos, se comparados aos de sessões de escala, e acontecem nesta atmosfera de trabalho, *burracheira* e estudo. O compartilhar de *compreensões* a respeito dos ensinamentos, de vivências do Mestre Gabriel e dos mestres por ele formados, de experiências na *burracheira*, de experiências de vida e brincadeiras entre os irmãos, gera um clima de descontração em meio a tão sérios ensinamentos.

Assim, ao ler diversas dissertações e teses a respeito da UDV, me surpreendi ao perceber a reduzida atenção dedicada aos preparos de Vegetal. Notei que as sessões de escala foram a principal fonte das pesquisas de campo, cujas abordagens abrangem a caracterização desta religiosidade como cabocla (ANDRADE, 1995); a expansão da UDV aos centros urbanos (BRISSAC, 1999); a reflexão sobre noções de sagrado e religiosidade (CARVALHO, 2005); os processos de alívio e cura (RICCIARDI, 2008); a oralidade e sua relação com as noções de memória e conhecimento (RIBEIRO, 2009); a experiência de êxtase e disciplina (MELO, 2010); os significados atribuídos à experiência com a ayahuasca (SOUZA, 2010); a abordagem psicológica das transformações pessoais dos sócios (FERNANDES, 2011, p.130); e por fim a análise da noção de tempo e saúde (BYS, 2014)⁵⁰.

Provavelmente, a dificuldade em acompanhar os preparos, cuja frequência é menor, pode ter sido uma das razões da preferência dada às sessões de escala. A regularidade dos preparos varia conforme a necessidade de se fazer Vegetal, por isso eles acontecem em média a cada quatro meses. Ao dedicar um capítulo ao preparo, meu objetivo é abordar outras características que enriqueçam as descrições etnográficas da socialidade caianinha.

Na UDV, os preparos de Vegetal estão envolvidos em prescrições e interdições rituais, influenciando na qualidade do chá. O seu estudo suscita questões relativas não somente às transformações vivenciadas pelas pessoas na *burracheira*, mas principalmente à transformação ritual das plantas em *Hoasca*, o chá misterioso.

⁵⁰ Além de outros dois estudos comparativos entre religiões ayahuasqueiras, de Goulart (2004) e Greganich (2010).

Se supormos que por conter substâncias psicoativas, a mistura das plantas com a água é suficiente para preparar a ayahuasca, fica difícil entender porque sua preparação é um processo permeado por modos ritualizados que influenciam a qualidade da bebida.

Os procedimentos rituais de sua preparação têm recebido ainda pouca atenção em comparação aos rituais de ingestão da ayahuasca e à frequente ênfase nas experiências visionárias e de cura. A análise dos rituais de preparo da bebida podem explicitar noções sobre a natureza da bebida e de como os sujeitos aprendem com a ayahuasca.

De acordo com Langdon, entre os Siona a relação dos xamãs (curacas) com o yajé envolve “experiencias sensoriales, diseños y canciones” (2014, p. 152). O preparo do *ëco* (2014, p. 149) demanda alguns cuidados, como as “precauciones para evitar transportar los cortes de las plantas por senderos transitados por mujeres, evitando la polución asociada a la menstruación o al embarazo que puede dañar el yajé”.

Alberto Groisman por sua vez, esclarece que no Santo Daime “o feitiço é o rito de elaboração física e simbólica do Daime” (1999, p. 104), sendo um período de profunda interação comunitária no qual “memória e identidade são construídas e reconstruídas” (1999, p. 107). Os daimistas recomendam como critério ao feitiço ritual uma dieta de “abstinência sexual por três dias anteriores e posteriores ao uso ritual do Daime” assim como o não consumo de “comidas gordurosas e bebidas alcoólicas” (1999, p. 97).

Na UDV, a relevância dada ao preparo, assim como as ações rituais necessárias, vinculam-se ao destaque que a História da Hoasca atribui-lhe enquanto momento fundador da União do Vegetal, no qual Salomão uniu os mistérios e deu a Caiano “todo o poder da Hoasca”. A história da Hoasca explicita também outra premissa que constitui o meu objeto de análise: o potencial criador das palavras. Por esta razão, durante os preparos *a ligação* entre a Palavra e o Vegetal ficam mais evidentes.

Embora a História da Hoasca já tenha sido descrita em outras teses e dissertações (ANDRADE, 1995; LUNA, 1995; GOULART, 2004; MELO, 2010), eu não farei sua transcrição direta. Considero mais proveitoso para meu propósito seguir as práticas caianinhas, especialmente com relação à palavra e ao preparo de Vegetal para enfim retrazar certas relações com o mito

fundador. Minha abordagem diferencia-se da concepção de Lévi-Strauss para quem:

A mitologia não tem função prática evidente; (...) ela não está diretamente vinculada a uma realidade diferente, dotada de uma objetividade maior do que a sua, cujas ordens transmitiria a um espírito que parece ter total liberdade para se entregar à própria criatividade espontânea (Lévi-Strauss, 2004, p. 29).

Não só a mitologia têm uma função prática, como o mito e o rito são faces das práticas de sujeitos viventes que “não apenas esclarecem a experiência, mas também constituem uma forma de conhecimento do mundo” (OVERING, 1995, p. 115). Compreendo que o mito como narrativa possui uma característica utilitária latente, que “pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Desta maneira, quero mostrar como as práticas durante o preparo estão re-contando a História da Hoasca. Ao fazê-lo, alguns temas são refletidos com maior ênfase, como é o caso das palavras e como elas afetam a qualidade do Vegetal e a experiência da *burracheira*. A concepção caianinha de que algumas palavras são dotadas de força de realização, evidencia a perspectiva da linguagem como prática social constitutiva da experiência, assim:

A força da palavra não se limita ao proposicional; ela faz mais do que simplesmente dizer algo que é verdadeiro (ou falso) a respeito da realidade. A palavra tem efeito sobre a prática no mundo, esteja ou não em harmonia com as nossas proposições a respeito do mesmo. O realmente construído também é real, e portanto tem efeito real sobre as ações no mundo (OVERING, 1995, p. 129).

Neste percurso, uma determinada noção do que é o Vegetal emerge e será problematizada. Além disso, a frase

frequentemente dita pelos sócios de que estão “dando continuidade à História da Hoasca” sugere, ao invés da ruptura entre o tempo mítico e o tempo presente, uma continuidade cujo cenário é este grande ritual que é a vida.

4.2 A PESQUISA DE CAMPO EM PREPAROS DE VEGETAL

Desde o início da minha pesquisa de campo, participei de cinco preparos de Vegetal. Isto foi possível porque além dos preparos do núcleo Luz Abençoada onde sou sócia e desenvolvi a maior parte da pesquisa de campo, participei dos preparos do núcleo Estrela Dalva e de um preparo na Sede Geral em Brasília (DF). Os núcleos Estrela Dalva e Luz Abençoada localizam-se na Grande Florianópolis e compartilham a mesma casa de preparo⁵¹, que fica no terreno do núcleo Luz Abençoada. Há uma proximidade entre as pessoas destes núcleos, o que facilitou minha integração nas duas irmandades, acrescentando-se o fato de que fui sócia no núcleo Estrela Dalva no ano de 2014, motivo pelo qual já conhecia diversas pessoas.

Participei dos preparos do núcleo Estrela Dalva em março e julho, do núcleo Luz Abençoada em maio e outubro e da Sede Geral em março⁵² de 2015. Ser sócia da UDV há sete anos é um curto período se comparado à imensidão que ainda há por se conhecer, mas não desprezível quando comparada à brevidade do curso de mestrado. Considero esta participação anterior um facilitador do caminho, pois em virtude destas experiências anteriores minha atenção já estava educada a perceber características da linguagem caianinha relacionadas à produção do Vegetal.

Durante os preparos é permitido comungar o Vegetal durante o dia, portanto, alguns dos diálogos registrados aconteceram durante a *burracheira*. Uma das situações desafiadoras foi estar sentindo *burracheira*, imersa em meus pensamentos a respeito do mistério da natureza, encantada com a luz do sol nas plantas da mata, luz que parecia mesmo ter origem

⁵¹ Casa de preparo é o nome do espaço onde se prepara o Vegetal. Ela é ampla e possui a estrutura necessária ao cozimento do chá.

⁵² O preparo na Sede Geral foi de 20 a 22, e o do núcleo Estrela Dalva de 27 a 29 de março.

no verde esmeralda de cada folha, e precisar me concentrar na dinâmica do diálogo identificando aspectos a serem explorados na comunicação.

Esta tensão remete àquela apresentada no capítulo anterior, entre o viajar na *burracheira* e o prestar atenção, e aponta para certa dificuldade em articular a experiência interior ao que está acontecendo na interação com os interlocutores do ambiente. As interrupções da conversa eram frequentes, tanto em função dos silêncios provocados pela *burracheira* quanto pelo trabalho exigido durante o preparo. Nem sempre era possível anotar os diálogos em meu caderno, pois na dinâmica da vivência a presença é mais valiosa do que a escrita. Frequentemente eu gravava em áudio palavras chave e pequenos trechos das interações para me auxiliar na escrita do diário de campo.

4.3 A ORDEM DO PREPARO

O preparo de Vegetal é anunciado como um momento de crescimento espiritual, proporcionado pela convivência com os irmãos no decorrer dos trabalhos. Os mestres costumam recomendar aos sócios que estejam em “harmonia, para chegar no preparo em paz com sentimentos bons e palavras positivas e preparar um Vegetal bom de *burracheira*”.

Esta harmonização é entendida como resultado da prática da calma, alegria e gentileza expressas na forma como as pessoas falam e tratam umas às outras. Isto é lembrado em toda doutrinação realizada em sessões de escala, mas é enfatizado ainda mais às vésperas do preparo, pois entende-se que os pensamentos e as palavras têm uma influência no Vegetal e, conseqüentemente, na *burracheira*.

Este período mobiliza o estudo dos ciclos de plantio e colheita de mariri e chacrona, dos ciclos lunares, dos reinos da natureza e dos mistérios da União do Vegetal. Os preparos de Vegetal são marcados considerando a fase da lua e devem ser realizados entre a lua crescente e a cheia. De acordo com os sócios, entre a lua crescente e a lua cheia, a seiva das plantas está em maior quantidade no caule, ramos e folhas, o que favorece a decocção dos princípios do mariri e da chacrona, e portanto, o *grau do Vegetal*.

Desta maneira, Mestre Gabriel ensinou como preparar um Vegetal *ponto grau* que seja obediente à palavra. E é por esta

relação que os sócios lembram-se constantemente do cuidado com as palavras. Assim, é preciso conhecer o quê, como e quando falar, tanto quanto o que se deve evitar. É preciso saber também a quem está reservada a realização de determinadas chamadas e quais chamadas não devem ser feitas. Tudo isso constitui, em termos caianinhos, a ordem necessária para “entrar nos encantos da natureza divina”.

A ordem pode ser observada desde a designação do Mestre Dirigente responsável, das escalas de trabalho organizadas pela Orgã⁵³, que geralmente iniciam na sexta-feira e encerram no domingo, até a dinâmica da distribuição⁵⁴ de Vegetal. Embora esse movimento seja de intenso trabalho, o preparo é considerado uma festa, um momento de alegria pela oportunidade de convivência, estudo e *burracheira*.

A colheita de mariri e chacrona é denominada *mensagem* e o trabalho não é dividido por gênero ou sexo. Mas conforme minhas experiências, é mais comum as mulheres colherem a chacrona e os homens o mariri. Após a colheita da chacrona é preciso lavar as plantas. Em seguida, o mariri é batido se transformando em fibras que serão distribuídas em camadas nas painéis junto com as folhas para o cozimento. O mariri deve ser segurado com a mão esquerda, rodando-o para dentro em direção à própria pessoa, enquanto é batido com a mão direita. Este movimento é feito com o intuito de trazer a Força pra si.

O gesto visa fluir no sentido da Força, aprender com o seu movimento que é a mesma direção de crescimento do cipó mariri “o cipó possui uma certa rotação em espiral ascendente, de esquerda à direita, nas ramas e tronco, e assim vai subindo nas árvores” (BYS, 2014, p. 128). Este sentido anti-horário “é o sentido em que a terra gira” o que explicita “a importância da observação da natureza nas concepções da UDV: a circulação no

⁵³ Orgã é o nome dado à função ocupada por mulheres (sejam pertencentes ao corpo do conselho ou ao corpo instrutivo) responsáveis pela organização do trabalho de alimentação e limpeza do núcleo.

⁵⁴ As sessões durante o preparo são denominadas distribuição. Elas podem ser realizadas dentro de uma dinâmica semelhante às sessões onde há o estudo dos ensinamentos do Mestre Gabriel, ou no decorrer dos trabalhos. É comum as pessoas beberem o Vegetal diversas vezes nesse período, à critério do Mestre Dirigente do preparo.

salão durante a sessão é feita obedecendo a esta observação” (FERNANDES, 2011, p. 189).

As mulheres participam na bateção de mariri, mas seu contato com as plantas segue o critério de não estarem menstruadas. As mulheres menstruadas são comparadas à lua minguante, neste período estão minguando uma energia através do sangue. Assim como os preparos não acontecem em lua minguante, a mulher quando está minguando não deve preparar (pelo contato com as plantas) o Vegetal. Pode beber o Vegetal e auxiliar em outros trabalhos, tais como o preparo dos alimentos, a limpeza dos ambientes, etc. O sentido de minguar é decrescente, o contrário daquilo que se busca com o Vegetal que apresente *burracheira* alta.

Alguns sócios compreendem que a colheita de chacrona e mariri é denominada *mensagem*⁵⁵ pois quando é feita a união desses vegetais uma mensagem se apresenta, tanto individual quanto coletivamente, através do grau do Vegetal. Esta mensagem precisa ser examinada e seu entendimento não é considerado óbvio⁵⁶.

É válido registrar que o Vegetal na maioria dos núcleos da UDV é preparado em painéis⁵⁷. Quando iniciou a preparação do chá, Mestre Gabriel usava latões de 30 litros, onde fazia três camadas (mariri, chacrona e mariri). Posteriormente, quando um de seus discípulos conseguiu recursos para comprar uma panela de 60 litros, Mestre Gabriel ensinou a preparar com cinco camadas seguindo a mesma sequência. As fibras do mariri são colocadas primeiro para dar sustentação à chacrona, que por ser uma folha é mais sensível e poderia se queimar, caso ficasse ao fundo da panela.

As camadas de mariri são mais espessas que as de chacrona, e devem ser suficientes apenas para cobrir bem a camada de mariri. Ficam assim intercaladas três camadas de mariri e duas de chacrona, às quais acrescenta-se água.

⁵⁵ A denominação de mensagem é atribuída mais frequentemente à colheita de mariri que de chacrona.

⁵⁶ Esta é uma compreensão de alguns discípulos e não é uma explicação de Mestre Gabriel.

⁵⁷ Em alguns núcleos, ele é preparado em espécies de caldeiras industriais onde o cozimento é à vapor.

Tudo se apresenta dentro de um mistério. Há uma dimensão intangível da *burracheira*, pois o grau do Vegetal não é o resultado direto da soma de procedimentos, mas uma articulação complexa entre ações técnicas e ações espirituais relacionadas à concepção de *Força*, atribuída aos pensamentos e às palavras como fatores capazes de afetarem qualitativamente o Vegetal.

Quando se diz grau do Vegetal está se aludindo à sua qualidade. Tal qualidade é resultado de diversos elementos: a experiência do Mestre Dirigente, que orienta o trabalho com as plantas, o tempo de cozimento, os tipos de mariri usados – se caupuri ou tucunacá – e suas de condições cultivo e colheita. Além das relações entre os sócios, que incluem pensamentos, sentimentos e o desenvolvimento das distribuições de Vegetal observando-se principalmente as chamadas feitas e as palavras dirigidas.

A relação entre a qualidade do Vegetal preparado e tais elementos não é estritamente causal, há um mistério. Como me disse um mestre “no preparo estamos repetindo um ritual iniciado com Salomão, quando uniu os mistérios do Vegetal e entregou a Caiano, é uma continuidade desta Cência de Salomão”.

4.4 *COMPREENSÕES DE COMO AS PALAVRAS AFETAM O VEGETAL*

Dentre todos os fatores apresentados como necessários ao preparo do Vegetal, o cuidado com as palavras é considerado decisivo. A realização das chamadas, assim como o uso da palavra durante as distribuições de Vegetal, é criteriosamente examinado pelos sócios, que buscam “trazer palavras que *venham* fazer crescer a *burracheira*”. E é a respeito desta relação que venho deter-me mais profundamente. Seguirei narrando alguns diálogos a partir dos quais determinadas concepções caianinhas são elucidadas, como por exemplo, a de que as palavras afetam o grau do Vegetal. Desta afirmação, suscito duas questões: como os discípulos da UDV compreendem que as palavras afetam o grau do Vegetal? Quais são as características de um Vegetal ponto grau?

Estas questões guiaram minha atenção e motivaram as perguntas feitas a meus irmãos, tanto em entrevistas quanto em conversas informais. Durante um preparo, em uma das pausas do

trabalho, eu e um irmão começamos a conversar a respeito de como as palavras afetavam o Vegetal, e eu lhe disse que uma das respostas recebidas por mim foi de que as palavras ficavam “registradas no Vegetal”. Compartilhei com ele que esta resposta ainda não esclarecia minha interrogação e perguntei-lhe sua compreensão. Ele assim me respondeu:

A gente está ali numa comunhão né? Tá preparando o Vegetal, quando a gente fala do cuidado, é exatamente a gente estar ligado pelo nosso pensamento e as nossas ações pra gente poder trazer as coisas dentro dos mistérios das palavras. Exatamente porque a gente vai se encontrar com esses mistérios, dentro do Vegetal que a gente vai beber na sequência. Então, por exemplo, vou falar uma coisa que *é sujeito* eu me encontrar com ela lá na frente? Eu, sabendo que não vai ser legal, eu não vou falar. Então, por exemplo, eu vejo, *no meu entendimento* [tom enfático], a gente está preparando mariri e chacrona, mas o que tem ali na panela? Água. E a água ela tem essa capacidade de registrar as coisas, entendeu? Então, eu vejo que fica ligado, por isso que fala bem assim, o pessoal no preparo tem que estar em harmonia, a irmandade tem que estar ligada, prestando atenção no que os outros estão falando, pra não trazer uma palavra que não vai ser legal, por quê? Porque a gente está querendo subir, levar pro alto, subir pra ter uma burracheira boa, um aproveitamento legal. O que eu vejo que grava, porque também grava em nós, que bebemos o Vegetal ali e estamos acompanhando. Grava em nós, na nossa memória. Eu entendo que é a água que tem essa capacidade (Irmão do corpo instrutivo – Florianópolis, maio de 2015).

Não é sem razão que ao dizer “no meu entendimento” o irmão mudou o tom de voz para ser mais enfático. Pois a

compreensão tem um estatuto diferente daquela atribuído à palavra do Mestre Gabriel⁵⁸. A *compreensão* de que as palavras ficam registradas no Vegetal em virtude da água ali presente é compartilhada por diversos sócios com os quais conversei. Este irmão aponta para uma capacidade da água em registrar a palavra, refletindo nos efeitos que o Vegetal apresentará. Para ele, a pessoa se encontrará com suas palavras e, consciente disso, busca falar palavras elevadas e positivas. Destaca também que pela *comunhão* com o Vegetal, os discípulos mantêm sua atenção direcionada de modo que as palavras se gravam em suas memórias. A noção de *comunhão* é uma chave importante à compreensão de como “as palavras circulam dentro de um preparo” ou em uma sessão.

Em outro preparo, perguntei ao mestre dirigente da distribuição como a água é capaz de registrar nossas palavras e ele respondeu-me:

A água tem uma memória. Alguns se perguntam se ela é matéria ou espírito, eu cheguei a conclusão de que ela é um ser misterioso. A água é uma condição da vida na terra, a água e a luz do sol. A água está presente no ar, o Reino Mineral é superior pois serve a todos os outros. Serve ao Vegetal e ao Animal, mas eu não estou querendo entrar muito nesse assunto (Irmão do quadro de mestres - Brasília, março de 2015).

Ainda a respeito desse tema outro mestre me disse:

Com relação ao Vegetal, Mestre Gabriel disse assim: que todas as coisas que são faladas ali ao redor dos tachos, próximo as panelas, ali próximo das panelas ficam

⁵⁸ A *compreensão* é apresentada diversas vezes como uma forma de entender e ligar diversos ensinamentos do Mestre, ou responder a perguntas que não foram feitas ao Mestre Gabriel. Assim, ela indica uma diferenciação entre a palavra do Mestre Gabriel, as respostas que o Conselho da Recordação consolidou em relação aos ensinamentos e o estudo que um sócio pode fazer, apresentando um entendimento pessoal. Esclarecerei melhor esta questão no quarto capítulo.

gravadas no Vegetal. Ele não falou assim 'ah, fica gravado na água', falou fica gravado no Vegetal. Porque se você estivesse com um copo de água lá, depois bebe na sessão a água, não é assim... é pelo Vegetal porque é a Hoasca que traz isso aí, entendeu? (Irmão do quadro de mestres - Florianópolis, abril de 2015).

Ele me explicou também que algumas pessoas relacionam a palavra do Mestre Gabriel a respeito do copo com água⁵⁹, disposto na mesa do mestre dirigente, com a afirmação dele de que as palavras ficam gravadas no Vegetal. Toda sessão de Vegetal tem um copo com água, pois Mestre Gabriel disse que com o tempo aquela água vai gravando os fluidos das sessões. Em virtude desta palavra do Mestre Gabriel, algumas pessoas compreendem como, se ela tem capacidade de gravar é porque tem memória:

Mestre: Então, por aí você até pode imaginar, pensar, que a água grava né? Porque se ele falou que ali vai gravar com o tempo, fica gravando os fluidos da sessão...isso aí que ele falou, né? Aí você pode falar, a água tem memória. Porque se grava tem memória, né? É por isso aí. Mas ele não falou assim, não usou essa expressão, entende?

Eu: Isso já é um estudo que as pessoas fazem a respeito da fala do Mestre...

Mestre: Da fala do Mestre e também de outros estudos que existem e as pessoas falam também, né? Não dentro da União do Vegetal. Tem a homeopatia, tem outros estudos que dizem que a água grava né? E aí, com essa palavra do Mestre Gabriel reforça e as pessoas falam, né? Assim... que a água tem memória. Mas vamos dizer assim, não é uma coisa matemática, vai lá grava e aí você bebe, entende? (Irmão do

⁵⁹ Conforme eu havia dito no terceiro capítulo, página 57.

quadro de mestres – Florianópolis, abril de 2015).

Esta é forma pela qual os estudos vão se constituindo: as pessoas compartilham suas reflexões interligando seus conhecimentos às referências existentes a respeito da palavra do Mestre Gabriel e dos ensinamentos da UDV. Enquanto o primeiro interlocutor apresenta a concepção de que a água registra as palavras como sua compreensão, o segundo afirma que ela tem uma memória, e o terceiro busca naquilo que conhece a respeito da palavra do Mestre Gabriel, uma diferenciação entre esta e o *estudo* feito por seus discípulos.

Pode-se notar, o terceiro irmão chama atenção ao contexto de enunciação da palavra do Mestre Gabriel, apontando dois enquadres distintos relacionados por alguns sócios para constituir uma explicação capaz de esclarecer como as palavras ficam registradas no Vegetal: o primeiro oriundo da palavra do Mestre Gabriel de que a água registra os fluidos da sessão e a dedução, articulando outros conhecimentos (a homeopatia, por exemplo), considerados evidências, de que a água tem memória.

Para este mestre, no entanto, as palavras ficam registradas não apenas *no* Vegetal mas por meio dele: “é pelo Vegetal porque é Hoasca que traz isso aí, entendeu”? Disso compreendo que o Vegetal não é somente depositário das palavras. A Hoasca realiza o registro delas. E como ela o faz? Esse é o mistério.

O estudo de cada discípulo é semelhante à elaboração de um mosaico, em que diversos fragmentos são organizadas com o intuito de desvendar o mistério. Seguindo esta metáfora, o mistério é uma imagem a ser re-produzida através do estudo: por meio das associações entre as palavras do Mestre Gabriel, as chamadas, as histórias da UDV e suas referências pessoais (por exemplo, a homeopatia), nós sócios vamos tecendo entendimentos a respeito destas mesmas palavras, chamadas e histórias.

As conversas relatadas aconteceram com pessoas e circunstâncias diferentes - os dois primeiros diálogos aconteceram durante um preparo, e o terceiro numa entrevista uma semana após o preparo - e em todas o estudo da água aparece como ligada ao preparo de Vegetal. Isto porque o preparo de Vegetal movimentava o estudo de aspectos da cosmologia caianinha “ligados aos Reinos da natureza e aos seus elementos, a terra, o fogo, a água e o ar”.

4.5 OS REINOS DA NATUREZA NA COSMOLOGIA CAIANINHA

A água alimenta a terra onde os Vegetais crescem, florescem e são colhidos no tempo onde sua seiva está mais concentrada. A água, aquecida pelo fogo, vital ao cozimento, necessário à decocção dos princípios ativos e o ar, de onde tudo vem e por onde circulam as palavras, constituem um contínuo ciclo de ligação. A vivência caianinha, se constitui neste elo de conhecimento com o que identifica como “movimentos da natureza”.

Aqui a Natureza não é algo inerte sobre a qual a humanidade exerce domínio. Ela se apresenta em Reinos porque tem um domínio próprio, são formas pelas quais o Divino se manifesta à humanidade. A água é considerada um humilde ser que a todos serve, assim como a luz do sol que vem “sem olhar a quem, sem escolher a ninguém”:

A gente tem uma explicação na União que a água é o ser mais humilde que existe na natureza. Por quê? Porque ela vem do alto pra servir, vem e vai onde precisa ir, nos lugares mais remotos, sujos, vai lá limpa e não se mistura, se mantém limpa. Porque ela evapora e volta para o seu estado. Então, quer dizer, *ela vem, é um ser* pra servir. Então, é o ser mais humilde. A natureza de uma forma geral está dando exemplo pra nós o tempo todo, o tempo todo. Então, a minha concepção que eu tenho disso aí, é que o Mestre ele está exatamente ligando a gente às coisas da Natureza, que é a nossa origem, né? (Irmão do corpo instrutivo - Florianópolis, maio de 2015).

A noção de Natureza, neste caso, é utilizada para denominar a ordem cosmológica da terra, a saber os Reinos Mineral, Vegetal e Animal. O Reino Mineral é considerado superior ao Vegetal, este por sua vez é superior ao Animal. Isto porque, nesta cosmologia, o Reino Mineral não depende de

nenhum outro para existir. O Vegetal precisa do Mineral e o Animal precisa de ambos. Além disso, a superioridade do Mineral e do Vegetal está ligada ao servir, são reinos que servem de fonte de vida aos demais.

Um mestre disse que “o significado da natureza é o que é do ser. Então a Natureza que a gente vê é o que é de Deus”, e, conversando com uma irmã ela também me disse que “essa Natureza que vemos aqui na terra é um reflexo da Natureza superior”. Neste sentido, a Natureza em seus Reinos Mineral e Vegetal são compreendidas como manifestações Divinas pois “na pureza e transparência da água que mantém a vida, nos mistérios das árvores e plantas que, pela fotossíntese, ensinam-nos a receber a luz do Sol e transmutá-la; nas múltiplas espécies de nosso reino animal, a Natureza nos dá de Si para que possamos viver”⁶⁰.

A reverência aos Reinos Mineral e Vegetal pode ser percebida nas diversas histórias de seres misteriosos tais como a Rainha das Águas, também conhecida como Janaína ou Iansã, e a Samaúma, rainha da floresta, contadas por Mestre Gabriel, além de outras cujo estudo é reservado ao corpo instrutivo. Suas palavras são feitas de estrelas, canários, andorinhas, cipó, peixes, rosa, samaúma, canto dos passarinhos, romper da aurora, todos reunidos sob os encantos da Natureza.

A forma de falar do Mestre Gabriel é também chamada na UDV de “linguagem cabocla”. Nascida nos contextos de encontro entre tradições de conhecimento indígenas e afro-brasileiras, no seio dos trabalhadores das regiões Norte e Nordeste do Brasil, daqueles que viveram e ainda vivem de acordo com a audição do canto dos pássaros, da observação do sol e do movimento da lua, das estações do ano, dos ritmos de plantio e colheita. Entende-se que a Natureza possui uma linguagem própria percebida por aqueles povos que vivem mais diretamente ligados às suas dinâmicas.

Daí também vem o entendimento de que a natureza ensina, “dá exemplo”, algo parecido com os versos de Manoel de Barros, que em seus poemas nos diz: “as folhas das árvores servem para

⁶⁰ Trecho da Carta de Princípios da Associação Novo Encanto de desenvolvimento ecológico que é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público fundada por sócios da UDV em 1990. < www.novoencanto.org.br>. Acesso em: 20 fevereiro de 2016.

nos ensinar a cair sem alardes”, experiências que se aprendem melhor “no ver, no ouvir, no pegar, no provar, no cheirar” donde se chega “por vezes de alcançar o sotaque das origens”⁶¹, aprendendo com “a natureza o perfume de Deus”⁶².

O conhecimento espiritual é trabalhado nesta linguagem ligada ao conjunto de seres que participaram do ambiente de origem da UDV, nos seringais da floresta amazônica, entre samaúmas, iguarapés e reinados de mariri. Esta é a forma como o Mestre Gabriel ensinou a sentir Deus. E a palavra é o princípio dessa natureza porque é “quem traz tudo pra nós” e o que ela traz dentro de um preparo?

4.6 A PALAVRA CIRCULA

Após o almoço, num dia de preparo, sentada à luz do sol aproveitando seu calor que não se fazia presente há dias, uma jovem aproximou-se para conversar comigo. Começamos a conversar a respeito do quão bom era sentir aquele calor e disso seguimos falando a respeito da Natureza e de como era bom estar ali descalças sentindo a terra sob nossos pés. Logo outra jovem se aproximou para participar da contação de experiência em sessões.

Esta moça contou que numa sessão dirigida por um dos mestres do conselho da recordação, durante a *burracheira*, olhou para ele e viu o Mestre Gabriel. Então me perguntou o que eu pensava daquilo, se já tinha presenciado algo do gênero. Eu lhe disse que não, mas lembrei-me da afirmação que consta nos documentos lidos em todas as sessões de escala “a sessão é dirigida pelo Mestre e por quem for designado a representá-lo”. Lembrei da conversa com uma conselheira quando ela disse que o dirigente da sessão ao se colocar no lugar conectando-se ao Mestre na *burracheira*, a sessão é dirigida pelo Mestre, sob a sua presença e inspiração.

A prosa continuou entre tantos assuntos e chegamos a falar da força das chamadas, neste momento, outra irmã se aproximou para participar. Uma delas disse ficar impressionada com o quanto a chamada “mexe com a burracheira”, e outra lembrou da

⁶¹ Os trechos entre aspas foram retirados do poema “Aprendimentos” (BARROS, 2003).

⁶² Trecho do poema “Árvore”, de Manoel de Barros (2013).

chamada do Ancarilho, um dos personagens da floresta trazidos pelo Mestre Gabriel para a UDV. E eu lhes contei sobre quando em determinada sessão de escala, enquanto esta chamada estava sendo feita, experimentei uma intensificação da minha burracheira.

Logo fomos para o redário⁶³ e um irmão se aproximou para conversar conosco. Dentre os assuntos, falamos a respeito do *tempo*, do *querer* e do *merecimento*. Nosso diálogo se concluiu mediante o convite feito por um mestre a participar da distribuição que seria dirigida por um mestre visitante, vindo de Porto Velho (RO).

Com o salão já organizado, o Vegetal ainda morno com seu sabor acentuado foi comungado por todos. Sentei-me ao lado da jovem com quem passei a tarde conversando. Belas canções foram tocadas, de instrumentais com violino ao forró nordestino. O silêncio preencheu o salão e um vento fresco veio da mata ao redor, momento em que o mestre dirigente iniciou a chamada da Samaúma. Na conclusão da chamada, o silêncio reinou.

Posteriormente, com a autorização do mestre dirigente, iniciaram-se as perguntas, que seguiram o estudo desta chamada. O estudo foi interrompido por uma pessoa perguntando ao mestre dirigente se ele faria a chamada do Ancarilho, neste instante, o mestre o alertou “calma meu irmão, paciência! Tem uma força circulando aqui no Salão”. Continuou-se o estudo da chamada da Samaúma e depois o mestre dirigente fez a chamada do Ancarilho. Ainda que estas chamadas possam ser feitas em sessões de escala ou de preparo, quando a força se apresenta, Samaúma e Ancarilho são seres do Reino Vegetal cujas histórias só podem ser contadas em sessões de grau instrutivo.

Pedi ao mestre para fazer uma pergunta, ele autorizou e perguntei:

Eu: Mestre, qual a ligação entre Ancarilho e Caupuri?

Mestre: É uma ligação bem forte. A senhora já é do corpo instrutivo?

Eu: Ainda não

⁶³ Local onde se colocam redes.

Mestre: então, a senhora continue estudando. Mas pra entender mesmo, é preciso ouvir uma história que só pode ser contada na sessão instrutiva. Paciência, quando chegar lá vai conhecer melhor (Diário de campo - Florianópolis, julho de 2015).

A pergunta feita por mim e que não foi respondida em virtude do grau da sessão, provavelmente suscitou em quem ainda não havia notado a ligação entre Ancarilho e Apuí, perguntas e reflexões a respeito do que a chamada fala, despertando-lhe ao seu estudo. Este é um exemplo da forma iniciática de se trabalhar o conhecimento, pois quando a chamada é feita, suas palavras sinalizam um conhecimento reservado e ainda que a explicação seja um segredo a ser revelado na sessão adequada, o discípulo prestando atenção pode seguir estudando os seus mistérios.

Na sequência, o dirigente pediu que a música chamada “Florestal”, de Martônio Holanda fosse tocada. Ela fala dos “seres elementais”, do “belo e simples tão essenciais”, que refletiu na pergunta de um irmão:

Discípulo: Mestre Gabriel falou dos seres elementais?

Mestre: Não com essas palavras, pois o Mestre trouxe os ensinamentos numa linguagem cabocla e simples para ser entendido. Mas ele falou dos seres vegetais da floresta e seus encantos, mostrando que a força da natureza vem exercendo seu reinado (Diário de campo - Florianópolis, julho de 2015).

Outro momento que considero importante foi quando uma pessoa pediu para fazer uma chamada. Não consegui ouvir bem pois ele a fez em baixo volume, lembro-me somente da chamada falar de uma nuvem. Após a sua realização, o mestre dirigente continuou sua oratória dizendo que a força se compreende pelo sentir, não por racionalizações, “por isso é que precisamos ter critério para fazer uma chamada, pois fazer uma chamada é diferente de cantar”.

Contou ainda que no período em que foi Mestre Representante em Porto Velho havia um discípulo que frequentemente “cantava a chamada do Ancarilho, dava um jeito de cantar a chamada. Até que um dia ele se encontrou com a força do Ancarilho e saiu vomitando o salão inteiro”. Aqui sua narrativa exemplifica como a enunciação de uma chamada sem critério, “fora da Força” tem consequências para quem a faz.

Continuou reafirmando enfaticamente:

Meus irmãos vamos prestar bem atenção porque a chamada é para ser trazida dentro da Força, respeitando seu mistério, para atender às necessidades que se apresentam no salão. Porque às vezes o representante, ou um mestre precisa fazer uma chamada porque se apresenta a Força, mas não pode fazer porque um discípulo já cantou a chamada. Eu não estou dizendo que os discípulos não devem fazer chamada, estou pedindo atenção para as chamadas serem feitas dentro da Força, porque as palavras tem uma força, principalmente num preparo de Vegetal (Diário de campo - Florianópolis, julho de 2015).

Neste momento imaginei que a doutrina a respeito das chamadas, isto é, os ensinamentos de como e quando se deve fazê-las, além de esclarecer a todos os discípulos presentes, fosse uma correção à pessoa que fez aquela chamada em baixo volume. Aparentemente ela percebeu de maneira semelhante, pois logo pediu para perguntar: “mestre, como faço para identificar a Força de uma chamada? Porque cada pessoa sente de uma forma, é muito subjetivo...”. Assim o mestre respondeu:

Não tem uma fórmula, é uma sensibilidade espiritual. Por exemplo, quando eu recebo uma chamada é como se eu visse ela inteirinha na minha frente. Ela flui pela voz e as pessoas podem sentir a Força. Não estou dizendo que nunca me enganei, porque estamos todos aprendendo, mas é preciso ter maior critério em relação às chamadas. Observar se está no lugar de

fazer a chamada, o momento da sessão, isso também faz parte dessa sensibilidade. Porque eu já vi pessoas falarem coisas na sessão que era nítido que estava sendo um instrumento da Força, enquanto outras estavam falando aquilo da cabeça delas. E podemos lembrar também que ‘a sessão é dirigida pelo Mestre e por quem foi designado a representá-lo’, e quando a pessoa se coloca no lugar recebe da Força do Mestre a inspiração e traz a doutrina, as chamadas. Eu mesmo já estive nesse lugar onde eu estava falando, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Porque repetir qualquer um repete, até papagaio. E aprender uma chamada não é só decorar suas palavras. Tem outra, tem pessoas que aprendem um ensino, uma chamada, com uma vontade inacreditável de mostrar o que aprendeu, é preciso a gente saber guardar para trazer no momento certo (Diário de campo - Florianópolis, julho de 2015)

A relação com a Força é vivenciada a partir de uma “sensibilidade espiritual”. Todavia, ao invés de ser tratada em termos exclusivamente metafísicos, ela é articulada a outras dimensões constitutivas da UDV, tais como a hierarquia, o lugar, o tempo ritual e o momento da sessão, a serem considerados pelo discípulo que pretende fazer uma chamada. Por outro lado, o lugar não se reduz ao grau hierárquico ocupado por uma pessoa, pois ela precisa “se colocar no lugar” de receber da Força do Mestre a inspiração que se manifesta nas chamadas e palavras trazidas durante as sessões.

A sensibilidade espiritual conjuga tanto a dimensão do aprendizado social das chamadas quanto a dimensão mais imprevisível de cada experiência de *burracheira*. Esse aprendizado da sensibilidade espiritual não se constrói somente pelo memorizar das chamadas, palavras e compreensões dos ensinamentos, afinal “repetir qualquer um repete, até papagaio”. A memória é parte importante do trabalho espiritual enquanto resultado dessa vivência caianinha, que inclui o conhecimento

transmitido oralmente e as experiências em Alto Tempo de *burracheira*.

Durante o Alto Tempo de *burracheira*, uma pessoa pode se perceber “ensinando e aprendendo ao mesmo tempo”, pois neste momento ela não transmite apenas o que memorizou enquanto indivíduo, mas age como um meio através do qual a Força traz as palavras, chamadas e ensinamentos que vêm atender às necessidades dos participantes da sessão.

Ainda nesta distribuição de Vegetal, um irmão pediu para “dirigir umas palavras” e o mestre respondeu em tom descontraído “Pode vir. Lá em Porto Velho a gente pergunta quando a pessoa é do corpo instrutivo: já tem habilitação? Então pode dirigir as palavras”. Todos riram do trocadilho entre a habilitação para dirigir um automóvel e aquela para dirigir palavras. Então, este irmão iniciou sua fala:

Mestre, o senhor estava falando a respeito das chamadas e eu estava levando uma peia, mas uma peia mesmo, porque ontem eu fiz a chamada da Hoasca e percebi que nem estava dentro da força e nem eu estava no lugar de fazê-la. Olha, quero pedir desculpa aos irmãos, peço que tenham paciência comigo, pois estou aprendendo (Irmão do corpo instrutivo – Florianópolis, julho de 2015).

Antes de retornar ao seu lugar, outro mestre pediu para falar com o irmão que estava dirigindo as palavras:

eu não ia entrar nesse assunto, mas já que o senhor veio falar, você levou uma peia porque o senhor não teve licença para fazer a chamada. O senhor pediu licença e eu fiquei em silêncio, eu ia perguntar qual chamada era, mas o senhor logo começou a fazer a chamada. Então, veja bem, o senhor não teve paciência (Diário de campo – Florianópolis, julho de 2015).

No dia anterior, havia acontecido uma distribuição dirigida pelo mestre acima mencionado, na qual este irmão fez a chamada

da Hoasca sem receber a licença e sem estar no lugar. Isto é, esta chamada é reservada ao Mestre dirigente do preparo ou a quem por ele for designado a fazê-la. De modo que esta doutrina serviu não somente ao esclarecimento daqueles que ainda não sabiam os critérios existentes a respeito das chamadas durante um preparo, mas também para corrigir práticas consideradas fora destas recomendações.

Esta forma de interação onde há a correção de atitudes consideradas erradas por estarem fora do modo de organização hierárquica e ritual, ou mesmo equivocadas em relação à forma correta de usar as palavras, é constitutiva da vivência caianinha. Ela será retomada no quinto capítulo quando tratar do processo de aprendizagem destas formas de fala.

A distribuição durante um preparo não é concluída, apenas libera-se os participantes para a continuação dos trabalhos. Isto porque o objetivo é fazer um Vegetal com *burracheira* crescente, neste sentido, palavras de conclusão ou fechamento não são ditas. Ao final da distribuição, o mestre dirigente não diz como se fala nas sessões de escala: “por hoje a sessão está fechada”, mas sim “estamos liberados”. Desta maneira, quando fomos liberados, a irmã com quem conversei antes da distribuição, me disse: “tu viu? Algumas coisas que conversamos ele falou! A chamada do Ancarilho, a sessão ser dirigida pelo Mestre, altas ligações né”? E eu, disse: “realmente”? E fui ao encontro do dirigente da distribuição:

Eu: Mestre, passei a tarde conversando com uma irmã a respeito de Ancarilho, da sessão ser dirigida pelo Mestre e por quem for designado a representá-lo, da força das chamadas e o senhor não estava conosco, mas falou algumas coisas na sessão. Interessante né? Como o senhor compreende isso?

Mestre: A senhora já prestou atenção porque falamos que fazemos uma comunhão com o Vegetal? Essa comunhão cria uma sintonia e uma ligação onde as palavras circulam e as pessoas podem perceber e recebê-las no momento da sessão. As palavras estão sendo registradas no Vegetal, por isso, quando bebemos o

chá determinadas coisas se apresentam e às vezes não sabemos bem o que é. Mas estão ligadas com o que está circulando no preparo, o que as pessoas estão pensando e falando. Por essa comunhão (Diário de campo – Florianópolis, julho de 2015).

O chá é preparado e comungado por todos, assim, entende-se que ainda que as palavras registradas no Vegetal possam ser acessadas por aqueles que o bebem, isso não significa o acesso de todos às mesmas conexões e palavras, mas é como se elas estivessem ali no ar e quem estiver “ligado” as percebe. Além das palavras, fala-se que os pensamentos circulam numa sessão, por isso é comum após as sessões alguém chegar a outro e dizer: “eu ia fazer a mesma pergunta que você” ou “quando eu ia pedir para fazer aquela chamada tu pediu”. Tais situações são entendidas como sinais desse circular dos pensamentos e palavras, do sentir a força.

Uma *ligação* é feita pelo Vegetal, por isso, a experiência de *burracheira* não restringe-se à dimensão individual, a esta combina-se algo chamado “merecimento coletivo” ou “burracheira do salão”. Ouvi estas expressões de alguns sócios como referências tanto ao grau da *burracheira*, conforme sentido pela maioria das pessoas, quanto aos pensamentos, palavras e chamadas que são ditas e coincidem com o que alguém estava pensando em falar, perguntar ou chamar. Essas coincidências são tratadas como expressões significativas da ligação feita pelo Vegetal e também da sensibilidade de cada um àquilo que “esta no ar”, à percepção de algo antes dele ser dito.

Neste *estudo* feito pelos sócios a respeito dos ensinamentos, buscando compreensões, há um elemento interessante que perpassa os diferentes entendimentos acerca do Vegetal: a de que a *burracheira* por ele proporcionada não é resultante da simples combinação química dos seus princípios ativos. Seu caráter psicoativo não é ignorado, mas o Vegetal na UDV é algo além disso. E o preparo mostra a *burracheira* tão relacionada aos procedimentos de cozimento do chá quanto aos efeitos das palavras enunciadas. Tanto é que há todo um cuidado e interdição à enunciação de determinadas palavras e chamadas.

Certa ocasião, uma irmã que ainda não era sócia, perguntou a um mestre durante o preparo de Vegetal “vai rolar

um Vegetal hoje?” e ele respondeu: “Não. Rolar Vegetal? Aqui não rola Vegetal. A senhora quer saber se terá distribuição de Vegetal”? Fazendo uma marcação tênue e significativa para evitar o sentido negativo de algo que cai. Ainda que o tenha feito de modo descontraído, como é muito comum entre os sócios da UDV, o mestre além de corrigir mostrou a forma de se perguntar.

Exemplos como esse podem parecer insignificantes à primeira vista, mas mostram a importância dada às palavras enunciadas e aos modos de fala, principalmente, mas não exclusivamente, dentro de um preparo, quando além de corrigi-la o mestre “cobre sua palavra” com uma palavra positiva. Na medida em que se compreende a importância da palavra, por meio das histórias, chamadas e doutrina ensinadas por Mestre Gabriel, é possível chegar ao entendimento do que é o Vegetal na UDV.

4.7 AS PRÁTICAS RE-CONTAM HISTÓRIA DA HOASCA

O termo Vegetal é usado para denominar as plantas, o chá preparado da união do Mariri com a chacrona, e também a força espiritual igualmente denominada Hoasca. Tanto é assim que nos documentos lidos em todas as sessões de escala há uma parte que diz “a eliminação do sócio é competência do Vegetal”, onde o Vegetal aparece como Ser dotado de ação.

Ainda que a UDV tenha em suas leis formas de afastar o discípulo da comunhão com o Vegetal ou do âmbito da UDV, a eliminação do sócio neste caso é a exclusão que o Vegetal faz da pessoa impossibilitando-a de sentir a *burracheira*. Como isto acontece? Segundo o relato de alguns sócios, pode ser que a pessoa não consiga ingerir o Vegetal, pode ser que beba o chá, mas não sinta mais *burracheira*, pode ser que até consiga beber o Vegetal, mas vomite logo em seguida, ou ainda que só tenha peias, em síntese, a pessoa passa a sentir uma repulsa em relação ao Vegetal.

O Vegetal é também compreendido como “uma chave que abre qualquer porta”, outro mestre disse ainda: “o Vegetal é um veículo pr’aquilo que a gente quer”. Com isso, fui percebendo, na UDV a conexão com o Divino não é automática, em outras palavras, “não é só beber o chá”. É por isso que na UDV não se fala do Vegetal como “planta professora” como em outros

contextos ayahuasqueiros, isso não retira seu caráter sagrado como chave que abre as “portas da percepção” ao plano espiritual.

Neste contexto, não é a ayahuasca que transmite aos humanos os saberes (ALBUQUERQUE, 2009, p. 30), pois o conhecimento não é constituído simplesmente pela ação das plantas, mas pela relação entre a planta e os ensinamentos de Mestre Gabriel, o que parece configurar a *burracheira* enquanto uma experiência específica da UDV.

De acordo com Mestre Gabriel, a chacrona e o mariri surgiram antes do dilúvio universal no reinado de Inca. O Rei Inca teve uma conselheira misteriosa de nome Hoasca, ela sabia de tudo que viria a acontecer. Quando Hoasca morreu, nasceu em sua sepultura uma árvore, conhecida como chacrona na UDV. Tempos depois, o Rei Inca veio em visita à sepultura, pegou umas folhas de Hoasca, fez um chá e deu pra seu Marechal de confiança, Tiuaco, com esperança de falar com o espírito da Hoasca e descobrir seus segredos e mistérios. Tiuaco bebeu, não resistiu e morreu dentro da força. O Rei Inca também fez uma sepultura para Tiuaco, onde nasceu um cipó, também conhecido na UDV por Mariri.

Hoasca, na UDV, é também chamada de Rainha da Luz e Tiuaco de o Rei da Força. O Vegetal é chamado de Hoasca materializada. Então, o Vegetal tem em si a Luz materializada de onde vem o caráter sagrado deste chá com o qual se faz uma comunhão. Todavia, de acordo com a UDV, na terra a dualidade é manifesta e o chá pode ser usado para finalidades consideradas negativas, podendo prejudicar a terceiros. Se por um lado o Vegetal amplia a percepção espiritual, por outro o plano espiritual na terra constitui-se do mal e do bem onde “todos são libertos”. Por isso, é que o Vegetal também é compreendido como veículo, seu destino depende de quem o conduz.

Na UDV, Mestre Gabriel é o guia que o conduz. Conforme a História da Hoasca, o Rei Inca reencarna como Caiano no reinado de Salomão, como Iagora, no Peru, e como José Gabriel. No tempo de Salomão, a história da conselheira misteriosa chega aos seus ouvidos que vai, acompanhado de seu vassalo Caiano, em busca da sepultura de Hoasca. Ao encontrarem-na, Salomão reconhece a chacrona e o mariri e faz a União dos mistérios do Vegetal com a chamada da União. Em seguida, Salomão une as folhas da chacrona com o cipó, faz um chá e entrega para Caiano,

dando-lhe a missão de seguir firme pra receber “todos os segredos e mistérios de Hoasca, todo o poder do Vegetal”. É assim que Caiano é apresentado como o primeiro hoasqueiro.

Esse é o motivo pelo qual se denomina a data em que Mestre Gabriel trouxe a UDV, em 22 de julho de 1961, como recriação, pois a história contada nesta religião afirma que ela foi criada por Salomão. Mestre Gabriel usa o chá Hoasca como um veículo capaz de ampliar a percepção e a concentração necessária ao melhor entendimento do conhecimento espiritual. O Vegetal é ligado à ciência que Mestre Gabriel conta ter recebido de Salomão.

É por isso que venho afirmando, desde a introdução, que na UDV a palavra é tão importante quanto o Vegetal, neste caso, enfatizando a relação entre as palavras e o preparo do chá. Dentro da narrativa acima descrita, observa-se a centralidade das palavras, quando antes de entregar a Caiano todo poder do Vegetal e torná-lo Mestre, Salomão faz a União dos mistérios do Vegetal com a chamada da União e depois prepara o Vegetal. Pela ordem dos acontecimentos, nota-se, como me disse um mestre, que “a União é dirigida pela palavra”.

Ao conversar a respeito dessa compreensão com uma irmã, ela acrescentou: “é a palavra de Salomão, né?” A partir deste diálogo passei a observar mais a relação que se faz entre o poder das palavras e seu enunciador. Por enquanto, continuarei a tratar da relação palavra, Vegetal e *burracheira*.

O objetivo do trabalho cuidadoso de preparo é fazer um vegetal ponto grau. Dentro dos diálogos com meus irmãos, notei que o Vegetal ponto grau é caracterizado principalmente por sua obediência à palavra:

Então, assim, aqui o Vegetal ponto grau é justamente o Vegetal, que é preparado com critério, não é um Vegetal muito grosso, também não é um Vegetal de burracheira pesada de muita chacrona. É um Vegetal que tem burracheira boa, suficiente, Vegetal mais fino e que obedece. Você chama, aí apresenta, fala as palavras de equilíbrio tudo e equilibra as pessoas, então, esse que é o Vegetal ponto grau. E isso que é a obediência do Vegetal à

palavra (Irmão do quadro de mestres, abril de 2015).

Há um processo de aprendizado neste trabalho com o Vegetal, que começa com cada sócio aprender a se equilibrar na *burracheira* e fazer desta experiência uma oportunidade de reflexão e transformação espiritual segundo a doutrina do Mestre Gabriel. Esta transformação espiritual implica em aprender a falar. E é neste aspecto que venho me detendo mais profundamente. Um Vegetal obediente à palavra, comungado pela irmandade, proporciona uma *burracheira* “mais clara”. Se o Vegetal é um veículo, as chamadas e palavras são como faróis ou a luz de uma estrela guia. Podem ainda serem comparadas à mecânica de um veículo:

Mestre: As chamadas aí é que nem o veículo lá, você não acende o farol? Não pisa no freio, pisa no acelerador pra andar mais rápido? É parecido...

Eu: Mas assim, a chamada ela vem pra guiar a *burracheira*, vamos dizer assim, conduzir a *burracheira*...

Mestre: Nos conduzir na *burracheira*

Eu: Nos conduzir na *burracheira*?

Mestre: É, a *burracheira* não precisa de condução. A *burracheira* é *burracheira*, na *burracheira* se a pessoa não tiver uma orientação fica perdida (Irmão do quadro de Mestres – Florianópolis, abril de 2015).

Algo paradoxal parece constituir esta perspectiva: ao mesmo tempo em que o Vegetal possui um domínio próprio, uma inteligência inerente e independente da interferência humana, sendo capaz de “se apresentar”, “trazer a força de uma chamada” ou mesmo “eliminar um sócio”, ele também é sensível à ação humana, obedecendo às suas palavras. Ao ser comungado pelos sócios em contexto ritual, proporciona a *burracheira*. Neste processo de sentir a *burracheira*, as palavras conduzem a pessoa na *burracheira*, e não a *burracheira* em si.

A abordagem performativa do ritual como sugerida por Tambiah (1981) é útil para compreender como a forma ritual de preparo do Vegetal está imbricada ao conteúdo simbólico

cosmológico: os gestos e as palavras são meios de interação não somente entre os membros, mas entre os membros e o Vegetal. A eficácia da *Força* é negociada através das palavras, de maneira que os efeitos não são imediatos nem garantidos.

A qualidade performativa das palavras no ritual de preparo do chá é de tipo perlocucionário (TAMBIAH, 1981: 128), pois a relação entre a força das palavras, o Vegetal e a *burracheira* é indireta, não sendo garantida mecanicamente. Há uma dimensão intangível que escapa às classificações, sendo englobada pela concepção de *mistério*.

Talvez a aparência paradoxal seja oriunda da incompatibilidade com uma concepção que suponha o reino do inato e o da ação humana como pólos alternativos e excludentes, como se algo inato não pudesse ser também constituído por meio da experiência e ação humanas. Ideia que, supostamente, nos colocaria diante da encruzilhada entre considerar o Vegetal um ser Divino que nos ensina ou um instrumento utilizado por nós. Opções nas quais não se encaixam as perspectivas que encontrei neste contexto:

Já ouvi um Mestre falando que nós temos a capacidade de... não vou falar domesticar porque aí já é diferente, porque o Vegetal ele tem um mistério, o Vegetal tem um mistério! Mas se a pessoa coloca-se no lugar, durante um tempo, ela já consegue condicionar o Vegetal. Não condicionar totalmente, mas parte do Vegetal, da burracheira... ela já consegue se comportar de uma forma pra, pra... alcançar as vezes uma finalidade. Então, de certa forma, a gente vai aprendendo, com o tempo, a lidar com a burracheira. A burracheira é uma força estranha? É uma força estranha. Mas tem gente que já bebe o Vegetal há tantos anos, há tanto tempo, que a gente não pode considerar que a burracheira é algo totalmente estranho pr'aquela pessoa. Por que o que estamos fazendo na União se a gente não tiver aprendendo alguma coisa? [...] Só que assim, esses mestres antigos, você acha que eles não tem uma capacidade de lidar com o Vegetal? De

fazer uma chamada pra aliviar um pouco aquela burracheira ou aumentar, tem os recursos, entendeu? Então, dizer que a burracheira é algo fora do nosso alcance, estranho totalmente, eu já não concordo, porque a gente está bebendo o Vegetal pra conhecer. Pra mim, quando a gente tem conhecimento espiritual, a burracheira é um instrumento que a gente utiliza pra poder ver, pra poder sentir, pra poder ter certeza, convicção de algumas coisas que não são tangíveis, entendeu? Na verdade, é a gente se domesticar pra domesticar o Vegetal, a finalidade pra mim do Vegetal é essa. O Vegetal está pra servir a gente de uma forma positiva. Até que a gente não se conheça, não se melhore, a gente vai ser um mero bebedor de chá que a burracheira vem faz o que quer da gente e a gente não entende. Daí, quando a gente se coloca no lugar de receber o Vegetal e ter consciência do que está recebendo, as coisas não são mais escuras pra gente, elas vêm claro, é pra vim cada vez mais claro, entendeu? Está tudo na gente” (Irmã do corpo instrutivo – Florianópolis, outubro de 2015).

O Vegetal vem por um mistério, por isso não é totalmente domesticável. Mas através da ciência que Mestre Gabriel mostrou e ensinou aos seus discípulos, na UDV desenvolve-se uma forma intermédia entre reconhecer o domínio do Vegetal e desenvolver um trabalho dentro do Vegetal. Segundo a compreensão da irmã, se estimula o domínio de si na *burracheira* para um dia guiar aos demais na *burracheira*, seja dirigindo uma sessão, trazendo uma chamada ou dirigindo palavras.

Se as palavras são fundamentais para produzir um Vegetal “ponto grau”, o Vegetal ponto grau é um Vegetal obediente às palavras. O ciclo vai das palavras ao Vegetal e do Vegetal às palavras novamente. Tornando ainda mais complexa a questão de entender esta relação em termos dialógicos.

A concepção de Roy Wagner (2010), para quem as culturas definem um dos modos de simbolização como apropriado à ação humana e outro como manifestando o mundo inato, pode ser repensada pela contínua relação entre palavras, Vegetal e participantes do ritual de preparo: talvez a distinção entre dado *ou* feito-inato *ou* ação humana não seja assim tão imperativa (WAGNER, 2010: 87). Pois no que concerne ao Vegetal, assim como no que concerne às religiões de matrizes africanas (GOLDMAN, 2012: 284), o dado não está fora do alcance da ação humana. O Vegetal simultaneamente divino, misterioso e instrumento moldável pela ação humana, catalisa uma espécie de “dialética sem síntese” situando-se no reino do inato *e* da ação humana.

Dentre os ensinamentos do Mestre Gabriel relacionados ao Vegetal e ao conhecimento espiritual, este da força e dos mistérios das palavras é primordial. O interessante é ele combinar-se à ideia de que “está tudo na gente” como disse a irmã acima, porque a relação entre o Vegetal e a pessoa não é unidirecional e passiva, o Vegetal age na pessoa tanto quanto a pessoa aprende a agir dentro do Vegetal.

5 A NATUREZA DA PALAVRA

Inspirada na perspectiva de Lave (2015) e Eckert (2006) considero a UDV uma comunidade de prática por identificá-la em função de experiências compartilhadas entre as quais o estilo de fala é central na constituição de contextos de interação, relativamente convencionalizados. O conceito de comunidades de prática desloca a análise de padrões abstratos aos significados construídos em situações concretas, mostrando que “o uso da linguagem é um processo contínuo de aprendizagem” (ECKERT, 2006, p. 685).

A rede de convivências caianinhas se estende além dos limites espaciais do núcleo. Todavia, mediante as dificuldades em participar do cotidiano doméstico da irmandade, optei por acompanhar as interações não ritualizadas pela ingestão do Vegetal dentro do núcleo e, quando possível, em confraternizações fora do núcleo. Essa opção foi metodologicamente mais viável e atende à finalidade de perceber em que medida o léxico ritual de palavras misteriosas e formas de fala são criativamente performadas assumindo novos sentidos através da experiência.

Embora a linguagem caianinha não tenha sido objeto de análise própria, diversos pesquisadores registraram o fato de na UDV a palavra ser considerada sagrada, “e como tal é investida de força e poder criadores” (SOUZA, 2010, p. 113). De acordo com Labate (2000, p. 38), na UDV “a palavra possui um significado especial: uma força própria, uma substância que lhe é inerente e que tem um efeito sobre a realidade”. Rosa de Melo acrescenta que o aspecto fundamental do mistério para o grupo é o “poder criativo da palavra, o poder de fazer, falando” (2010, p. 89).

Ao estudar a oralidade Udevista, Ribeiro (2009, p. 105) percebeu “os discípulos, aprendem a exercitar uma espécie de ‘análise etimológica’ das palavras baseada num sistema próprio de entendimento – e não necessariamente na origem linguística dos termos”. A “etimologia Udevista” da qual Ribeiro (2009) fala, constitui a principal maneira de estudar os mistérios das palavras. Dilma Ribeiro (2009) afirma ainda que os caianinhos não distinguem termos ordinários e termos especiais, ou seja, mesmo palavras comuns são examinadas sob a ótica do mistério.

Em diálogo com a comissão científica da UDV, foi-me sugerido distinguir as palavras de uso ritualístico, cujo mistério é também usado cotidianamente, daquelas palavras ordinárias, cujos mistérios surgiram fora de contexto ritualístico. Neste último, a comissão aponta a existência de formas pitorescas e exageradas usadas por alguns discípulos que acreditam estarem usando-as de forma positiva.

Ao contrário da percepção de Ribeiro (2009), notei certa diferenciação entre palavras especiais e ordinárias, mas, diferentemente do sugerido pela comissão científica, identificar quais palavras pertencem a cada categoria não é assim tão evidente. Notei também que um dos eixos desta diferenciação é a ênfase dada aos mistérios de palavras revelados por Mestre Gabriel em relação aos mistérios de palavras oriundos dos estudos feitos pelos discípulos.

Optei por incluir em minha concepção de linguagem caianinha, tanto as palavras cujo mistério foi revelado por Mestre Gabriel quanto o léxico não-ritual, que participa das reflexões caianinhas sobre as palavras. Não apresentarei todas as palavras do léxico ritual caianinho, por três razões: ignorância, impossibilidade e estilo.

O acesso ao léxico ritual caianinho é gradual e hierárquico, portanto, desconheço inúmeras palavras e mistérios, daí minha ignorância. Ainda que conhecesse, não poderia torná-los público, visto que os mistérios são reservados ao estudo em sessões de Vegetal, daí a impossibilidade. E, finalmente, por uma questão de estilo narrativo, já que meu objetivo não é fazer uma análise linguística do vocabulário, mas seguir esta linguagem em processo contínuo de estudo e aprendizagem dos discípulos.

Ao invés de fazer uma lista ou quadro demonstrativo, selecionei algumas palavras e expressões conforme mostraram-se significativas em minhas experiências de campo. Analiso como os discípulos extraem alguns princípios dos mistérios de palavras ensinados por Mestre Gabriel, que ao serem experimentados em outras palavras dão origem a novas compreensões.

Para introduzir a análise, vale lembrar que se por um lado, o Conselho da Recordação dos ensinamentos do Mestre Gabriel (CREMG) fixa um conjunto de ensinamentos, doutrina e chamadas como sendo a Palavra do Mestre a ser seguida e compartilhada com fidelidade, por outro a Direção da UDV ao conduzir o estudo

desses ensinamentos com os discípulos, encontra perguntas cujas respostas não foram especificamente faladas por Mestre Gabriel.

Nessas circunstâncias, compartilham seu entendimento baseando-se tanto na Palavra do Mestre Gabriel quanto nas compreensões dos Mestres da Recordação. Estas são as referências principais, funcionando como matriz aos demais discípulos. Dentro do Conselho da Recordação⁶⁴, há consenso sobre diversos eventos, histórias e ensinamentos. O consenso coexiste com as diferentes compreensões dos Mestres que compõem o CREMG.

A lógica subjacente à diferenciação entre a *Palavra do Mestre* e às *compreensões* norteia, ainda que implicitamente, os enquadres dos diálogos entre os discípulos. O contato com a *Palavra do Mestre* através do áudio gravado é um parâmetro que baliza as *compreensões*. As compreensões, por sua vez, são formas de estudo que podem ser consideradas mais legítimas ou menos, ou ainda serem excluídas como possibilidade interpretativa. A Direção mais experiente dentro da UDV tem um papel de guiar a aprendizagem dos discípulos, colocando fronteiras entre compreensões possíveis e aquelas caracterizadas como pitorescas.

Essa mediação também é feita com relação aos mistérios das palavras. Todas as palavras têm mistério? Alguns caianinhos dizem que sim, mas nós *ainda* não temos conhecimento pleno de todos os mistérios e sabemos apenas aqueles revelados por Mestre Gabriel e relativos à língua portuguesa. Por esta razão, afirmam, podemos estudar os mistérios de diversas palavras. Outros dizem que o Mestre Gabriel não afirmou que todas as palavras têm mistério. E por esta razão, só consideram como mistérios, aqueles ensinados por Mestre Gabriel.

Observei essas duas compreensões serem expressas implicitamente em duas sessões as quais presenciei. Na primeira, uma pessoa perguntou qual o mistério da palavra indivíduo e o Mestre dirigente respondeu: “*indiví-duo*, podemos compreender que o mistério é o *duo*, a dualidade, pois nós espíritos encarnados temos uma natureza dual”. Na segunda sessão que participei em

⁶⁴ Como exposto na introdução, o CREMG é formado essencialmente por pessoas que receberam o grau hierárquico de Mestre do Mestre Gabriel. São considerados os guardiões da Palavra do Mestre e zelam pela fidelidade aos ensinamentos.

outro núcleo, um irmão perguntou ao Mestre dirigente se a palavra indivíduo tem mistério, e ele respondeu: “não que eu saiba. Não tenho conhecimento que o Mestre Gabriel revelou o mistério desta palavra”.

Tais perguntas são significativas visto que um dos objetivos dos caianinhos é saber usar os mistérios das palavras. Entretanto, é preciso ter cuidado, como reiterou um mestre, para “não se tornar beato, ficar corrigindo as pessoas ou vendo mistério em qualquer palavra”. Deste modo, a feição disciplinada e hierárquica da UDV expressa na Palavra do Mestre coexiste com a dimensão individualizante das *compreensões*. As *compreensões* existem entre os discípulos de todos os graus hierárquicos, inclusive no Conselho da Recordação.

A pluralidade de *compreensões* é considerada expressão da imperfeição humana. De um ponto de vista ontológico e epistemológico, há uma realidade cuja existência, em última instância, independe das múltiplas *compreensões*. E mesmo os caianinhos reconhecendo nos ensinamentos de Mestre Gabriel verdades fundamentais, permanece a coexistência de diversos entendimentos que participam em sua jornada espiritual.

O delinear destas linhas que demarcam as fronteiras entre a *Palavra do Mestre* e as *compreensões* compõe o fundo no qual a meta-linguagem é a figura principal. Meu objetivo é trazer à tona o caminho de aprendizado desta linguagem. Argumento que a Direção da UDV, assim como a alta hierarquia institucional do Centro – o Conselho da Recordação e o Conselho da Administração Geral –, ainda que possuam um repertório mais profundo, estão inclusos no processo de aprendizagem.

Trazendo as diferentes respostas dadas por aqueles mestres à mesma pergunta, ilustra como a aprendizagem é dialógica, pois os discípulos com suas perguntas os fazem examinar aquilo que eles conhecem e retomar o dizer de seus antecessores e com quem aprenderam, nesse movimento refletindo-se e ampliando-se a profundidade do conhecimento.

Minha análise não visa definir hierarquias de coerência ou verdade e sim apresentar como os discípulos colocam em diálogo diferentes percepções reconhecendo novos mistérios, renovando suas formas de fala e re-inventando jeitos de ser caianinho. Aqui, valho-me da noção de invenção como processo que “requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido – isto é, para que possamos referir a outros e ao

mundo de significados que compartilhamos com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos” (WAGNER, 2010, p. 76).

Portanto, reconheço a linguagem caianinha como uma ideologia explícita da linguagem. Por ideologia da linguagem, compreendo “as próprias premissas e entendimentos do falante sobre a ‘natureza da linguagem no mundo’. [...] Essas premissas afetam como as pessoas percebem a linguagem e usam-na”⁶⁵ (KEANE, 1997, p. 97).

Mostro esta linguagem convencionalizada como prática reflexiva que assinala outra abordagem das relações entre discípulo e conhecimento, que não considera as “percepções cosmológicas e construções morais” como conteúdo “a serem introjetadas pelo membro do grupo” (MELO, 2010, p. 134). Reafirmo o conceito proposto por Jean Lave (1991, p. 65), para quem aprender não é “a internalização do conhecimento por indivíduos, mas [...] um processo de tornar-se membro de uma comunidade sustentada na prática”⁶⁶.

Também compartilho com a fenomenologia da linguagem o “retorno ao sujeito falante” onde reside a “fecundidade da expressão” (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 78). É por isso que trarei as palavras e formas de fala narrando as situações em que são utilizadas. Apresento-as nos processos de contextualização baseando minha análise “nos esforços interpretativos dos participantes” (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p. 203).

Em suas vivências, os caianinhos aprendem falando com atenção aos seguintes pontos:

1. as palavras ou algumas palavras têm *mistérios*. Esse mistério determina a força criativa imanente à palavra e sua potencialidade de gerar efeitos;

⁶⁵ Tradução minha do seguinte trecho: “By this I mean speakers own assumptions and understandings about ‘the nature of language in the world’ (Rumsey 1990:346; see Woolard 1992). Such assumptions affect both how people perceive language and how they use it” (Keane, 1997, p. 97).

⁶⁶ Tradução minha do seguinte trecho: “In this chapter, I propose to consider learning not as a process of socially shared cognition that results in the end in the internalization of knowledge by individuals, but as a process of becoming a member of a sustained community of practice” (LAVE, 1991, p. 65).

2. há palavras cuja enunciação pode gerar efeitos negativos ou positivos, por isso, é preciso conhecê-las para saber quais evitar e como utilizá-las;
3. as palavras relacionam-se aos pensamentos e sentimentos, portanto, o estudo de si apoiado em códigos cosmológicos e comportamentais caianinhos é constitutivo dessa relação com a linguagem;
4. observa-se alguns critérios na interação oral quanto à forma, ao conteúdo, ao contexto, ao lugar de fala dos sujeitos e ao motivo;
5. faz-se diferenciações entre o uso misterioso e o uso beato das palavras.

5.1 OS MISTÉRIOS DAS PALAVRAS

Cheguei ao núcleo pela manhã e após o lanche matinal, regado a pães, café e prosa fui até a cozinha cumprir minha escala de trabalho no preparo do almoço. Algumas pessoas já estavam ali reunidas trabalhando. Os demais irmãos em outras funções, certamente também estavam proseando, afinal, trabalhar, conversar e comer são coisas que nós caianinhos gostamos muito de fazer. Mãos lavadas, avental no corpo e touca na cabeça, comecei a descascar e ralar cenouras para a salada.

Meu diálogo interno permeado de vozes sobre como deveria fazer a pesquisa foi convidado à interlocução por uma irmã que eu ainda não conhecia tão bem: “E você Dani, como chegou na União?”. E contei, conheci a UDV através do convite de um amigo, em 2009, e me associei no núcleo onde foi minha sessão de adventícios, permanecendo lá até 2013.

Irmã: Você já tinha bebido o Vegetal antes de conhecer a União?

Eu: Não. E você?

Irmã: Antes de chegar na União participei de alguns trabalhos no Daime, da derradeira vez que fui lá... *derradeira não, da última*, não me senti bem, sabe? Saí de lá cansada porque eram trabalhos muito longos. E logo depois eu e meu companheiro conhecemos a União, onde gostamos mais. Daí escolhemos continuar

aqui (Diário de campo – Florianópolis, junho de 2015).

A substituição da palavra *derradeira* por *última* não é fortuita. A palavra *derradeira* é utilizada comumente para falar da sessão passada. Ao invés de dizer “a *última* sessão foi o mestre João quem dirigiu”, diz-se “na *derradeira* sessão...”. Isso porque a palavra *última* é considerada como dotada de uma força de desfecho definitivo, enquanto a *derradeira* deixa em aberto a possibilidade da continuidade, tendo uma força de provisoriedade.

Sabendo a força de determinadas palavras, busca-se usar aquelas condizentes com o que a pessoa quer. Em sua fala, aquela irmã corrigiu-se substituindo a palavra *derradeiro* por *último*, justamente porque não pretende retornar ao Santo Daime. Neste contexto, o uso adequado das palavras supõe o exercício consciente do alinhamento entre a intenção do sujeito e de sua palavra, pois “quando a pessoa não sabe o que quer, *é sujeito* falar palavras que trazem o indesejado”.

Disso, pode-se notar três pressupostos:

1. a não correspondência natural entre intenção e palavra;
2. a força da palavra transcende as intenções do falante;
3. a adequação entre intenção e palavra é desejável.

Os efeitos de uma palavra ocorrem mesmo quando a intenção do falante era outra, pois a palavra tem uma “força própria”. Por isso, aprender a falar inclui o conhecimento dos mistérios das palavras e a busca de uma adequação entre intenção e palavra. Não porque a palavra obedeça à intenção, mas porque a clareza na intenção possibilita a escolha mais adequada das palavras.

O diálogo continuou com a escuta atenta de duas pessoas ainda não-sócias da UDV. A moça prosseguiu perguntando sobre minha profissão e eu respondi-lhe que estava cursando mestrado em antropologia.

Irmã: Qual é o seu objeto de pesquisa?

Eu: estudo a concepção que se tem na UDV a respeito das palavras, como as usamos no ritual e na vida cotidiana...

Irmã: ah, a primeira coisa que prestei atenção foi esse jeito de falar, antes

mesmo de beber o chá. Eu tinha uma amiga que era da UDV e só falava grata, daí um dia perguntei porque não falava obrigada. Ela me contou o mistério e falou da União. Achei interessante. Daí quando bebi o Vegetal na União percebi a importância desse conhecimento e agora só falo grata, nem consigo mais falar obrigada, mudou mesmo (Diário de campo – Florianópolis, junho de 2015).

A palavra *obrigada(o)* é entendida como obrigação, associada ao sentido de imposição como oposto ao da gentileza, que se faz por vontade própria. Por isso, se diz *grato(a)* para expressar o sentimento de reconhecimento pelo benefício recebido. A relação de sentido da palavra gratidão se constitui na diferença entre gentileza e obrigatoriedade. Ao ser grata, o laço de reciprocidade supõe intenção e espontaneidade. Quando eu cheguei na UDV, recém associada, costumava falar obrigada até ser surpreendida por um irmão que disse-me em tom de brincadeira: “obrigada não, foi de livre e espontânea vontade mesmo”.

O uso dessas palavras não é uma regra e nem tem força de lei dentro da UDV. Algumas pessoas usam *obrigada* para expressar o sentimento de gratidão. Uma pessoa me relatou que fora do âmbito da UDV percebeu que ao usar a palavra *grata*, algumas pessoas a recebiam com estranhamento. Então, para essas, continuou a usar a palavra obrigado, com o intuito de “atender a sua compreensão”.

Atender a compreensão é uma expressão nativa usada para designar uma flexão semântica que um falante faz no intuito de dialogar com categorias e sentidos distintos dos seus. É uma espécie de tradução feita para controlar o equívoco da expressão e garantir o efeito desejado. No caso acima, *atender a compreensão* implica em abdicar do uso da palavra *gratidão* para usar obrigada, com a finalidade de que aquele a recebê-la sintasse reconhecido.

A propósito, certa vez em sessão ouvi um mestre sugerir ao irmão usar a expressão “quero ser grato, ou, quero expressar minha gratidão” ao invés de “quero agradecer ou fazer um agradecimento”. Segundo ele, estas duas últimas trazem um

sentido implícito de rebaixar, descer, movimento contrário ao da gratidão, que traz a força da estima e do reconhecimento.

Enquanto *gratidão* (e seus derivados) faz parte do léxico convencionalizado, a sugestão do não uso de agradecimento ou agradecer não faz. O movimento interpretativo do mestre estabelece um contraste entre agradecer e ser grato, ou entre agradecimento e o desejo de expressar gratidão. Sua reflexão apoia-se na combinação de dois princípios que constituem a forma de fala caianinha e orientam o estudo dos mistérios das palavras: o “sentido literal” e a decomposição. Elas aparecem correlacionadas: enquanto o “sentido literal” é traduzido em termos nativos como a expressão “a própria palavra diz”, a decomposição atua evidenciando o que diz uma palavra através de um estudo que reconhece as suas partes como morfemas⁶⁷.

Denomino “sentido literal” como uma forma simplificada daquilo que Roy Wagner (2010, p. 80) afirma ser o efeito de um contexto que confere “características a si mesmo” e reforça o caráter convencionalizado “amplamente compartilhado, comunicável” de um elemento simbólico. Nesta acepção, as palavras se auto-atribuem sentidos considerados implícitos e que são explicitados através da meta-linguagem caianinha.

Obrigado é considerado, em seu sentido prescritivo, impositivo, associado à obrigatoriedade. A partir das palavras *agradecer* ou *agradecimento*, o mestre atribui à parte destas palavras a qualidade de morfema, cujo sentido alude ao movimento de cima para baixo. Movimento considerado diferente daquele gerado pela estima da gratidão, sentimento que valoriza a atitude do outro para consigo.

Os exemplos apresentados delineiam como os caianinhos usam os mistérios das palavras e, nesse percurso, como abstraem formas que lhe são subjacentes. Nos casos descritos, as oposições *último/derradeiro*, *obrigado/grato* fazem parte do conjunto convencionalizado da linguagem caianinha.

A “ótica do mistério”, tal como caracterizada por Ribeiro (2009), é feita de palavras e formas convencionalizadas que são a base sobre a qual os caianinhos realizam o estudo de outras palavras. No relato anterior, quando o mestre decompõe a palavra, destacando como morfemas *dec*er e *dec*imento, ele

⁶⁷ Utilizo morfema em seu sentido básico, como parte mínima de uma palavra capaz de expressar significado.

estabelece uma equivalência com *descer* e *descimento*, cuja escrita é ligeiramente diferente, mas o som é igual. Seu exercício ilustra uma terceira característica da fala que é objeto de atenção: a homofonia.

Outro exemplo que me foi narrado sobre um discípulo do Mestre Gabriel, ele chegou com uma revista mostrando ao Mestre a notícia da chegada do homem à Lua contestando-a, pois ele teria afirmado tal empreendimento não ser possível:

Olha só Mestre, o homem foi à Lua.
Ao que Mestre Gabriel respondeu-lhe: Não foi e nunca será (Diário de campo, São Joaquim- SC, agosto de 2015).

Sua resposta joga com a ambiguidade da expressão do verbo *ir*, que tem o mesmo som do verbo *ser* quando conjugados em terceira pessoa do pretérito perfeito. Por isso, o homem não foi à Lua e nunca será. Esta forma de perceber a homofonia reaparece em outras conversas e é motivo de brincadeiras e trocadilhos entre os caianinhos.

O interessante do entendimento de Ribeiro (2009) sobre o que chama de *etimologia Udevista* é a sua caracterização como “ótica” e não estritamente como léxico. Todavia, é a partir do uso lexical que se pode notar esta perspectiva em exercício. Durante o trabalho de mutirão, conversava com uma irmã do corpo instrutivo, insistindo na questão do porquê o mistério da palavra estar na própria palavra, ela então contou-me a seguinte história:

Certa vez perguntei em sessão ao mestre dirigente: qual o mistério da palavra examina? Ele simplesmente respondeu: examina. Eu não compreendi a resposta no momento, mas segui a resposta de modo que dias após a sessão cheguei à compreensão e lembrei que ele repetiu a palavra numa entonação diferente: *és-a-mina* Entendeu?
Eu: *és a mina, de fonte?*
Irmã: Exatamente! sim, o mistério da palavra é a mina, a fonte, então o Mestre Gabriel diz examina para nós irmos à

mina, à fonte, à origem das coisas” (Diário de campo - Florianópolis, março de 2015)

Ao decompor a palavra examina e re-pronunciá-la, deslocou a sílaba tônica da penúltima para a antepenúltima sílaba, transformando a palavra – *examina* – em outras três: *és a mina*. E destas, mostrou que a força da palavra *examina* reside na busca da compreensão de algo a partir de sua origem.

Poucos dias antes, estive em Brasília conversando com um mestre que me disse: “o mistério das coisas é a sua origem”. Mas, como pode o mistério de uma palavra revelar sua origem? O Mestre Gabriel conta em algumas histórias a origem de determinadas palavras⁶⁸. O mistério é revelado quando se apresenta sua origem cosmológica na UDV, aspectos que não posso contar, pois estas histórias são reservadas ao estudo em sessão do Vegetal.

Posso, entretanto, continuar mostrando como os caianinhos estudam os mistérios das palavras. No diálogo abaixo, entre mim e outro irmão, a respeito de uma chamada, é possível perceber como o estudo de uma palavra emerge:

Eu: Ao conhecer os mistérios a pessoa já tem a sabedoria?

Irmão [em tom retórico]: mas o que é conhecer os mistérios? Conhecer não é só ter uma informação. O que é ter sabedoria?

Eu: a sabedoria vem ao longo da experiência de vida de uma pessoa, quando ela vai mudando...

Irmão: É... temos de ir aos poucos, nos transformando, porque mudar não é suficiente, mudar, por exemplo, muda uma coisa de lugar, mas a *transformação* é espiritual, ela *modifica* a pessoa.

Eu: Então *mudar* é diferente de *transformar*?

Sua resposta deu-me a impressão de obviedade:

⁶⁸ Nem todos os mistérios de palavras ensinados por Mestre Gabriel provêm de histórias.

Irmão: Podemos examinar a palavra né?
Trans-forma-ção e mudar (Diário de
campo – Florianópolis, julho de 2015).

O tom de obviedade incomodava-me frequentemente, pois a sugestão de resposta muitas vezes emergia de uma tênue diferenciação no tom, mais ou menos enfático, colocado em cada sílaba da palavra. Este também é um traço da forma de falar característica da UDV. O tom atua no reenquadre do tema do diálogo, da sabedoria às palavras mudar e transformar.

Neste cenário evidencio também meu esforço interpretativo enquanto caianinha e antropóloga e aproveito para chamar atenção ao conceito de *footing* de Goffman (2002, p. 113), que é “um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos”. Goffman (2002) afirma que as noções de ouvinte e falante são insuficientes para o entendimento da interação comunicativa, do encontro face-a-face, e sugere uma ênfase no caráter dinâmico dos enquadres que os sujeitos em diálogo estão continuamente negociando.

Para Goffman (2002, p. 146), com a alternância de alinhamento do diálogo, seja através da mudança no tom, no assunto ou na gestualização envolvida na interação, estamos negociando o *footing* e realizando reenquadres tanto no evento narrativo em si quanto nos eventos narrados. Na interação acima, o meu uso da palavra *mudando* ensejou, por parte de meu interlocutor, uma mudança de *footing*. A mudança de *footing* acontece quando ele re-situa o enfoque do diálogo, da relação entre conhecer os mistérios e ter sabedoria, à reflexão sobre a palavra *mudar* utilizada por mim.

E com isso, alude implicitamente à noção de força da palavra, ao sugerir que tais palavras *são diferentes* embora sejam sinônimas. Ele associa à palavra *mudar* a ação de transferir algo de lugar. A transferência da posição de um objeto não implica em sua transformação. Assim sugere, indiretamente, que a transformação alude ao movimento interno, agindo no objeto. Sua pronúncia pausada: *trans-forma-ção* sugere-me ainda a *compreensão* de que a modificação gesta uma nova forma e uma nova ação.

Interessante notar, enquanto a palavra transformação foi pronunciada de forma decomposta, a palavra mudar não. A motivação para essas escolhas não está muito clara para mim,

mas me parece que, constantemente, o estudo do mistério de uma palavra baseia-se na decomposição da palavra e na posterior identificação de palavras implícitas, reconhecidas através de uma lógica fundamentalmente fonética.

Palavras como *consciência* e *paciência* são formadas com a palavra ciência, cujo mistério é revelado pelo Mestre Gabriel, mas *ainda* desconhecido por mim. Um de meus interlocutores, informou-me que a *ciência* da qual se fala na UDV é distinta de conhecimento: a *ciência* é o conhecimento de tudo quanto há e o conhecimento é parcial. A *ciência* é a fonte de *Tudo*.

A *consciência* é considerada um atributo do espírito, por isso, diz-se que “com o Vegetal a pessoa *vem* clareando sua consciência”. Diz-se “*vem* clareando” e não “*vai* clareando” pois ao *vem* é atribuído a força da presença/proximidade e ao *vai* da despedida/distância. A força destas palavras é fundamental nas chamadas de abertura e fechamento da sessão conforme demonstrei no segundo capítulo, os verbos no presente e gerúndio sendo usados com o efeito de intensificar e chamar a Força e verbos no passado com o efeito de diminuir ou despedir a *burracheira*.

Retornando à palavra *consciência*, seu mistério revela a presença de uma centelha de ciência a ser desperta, iluminada e conhecida através do estudo de si, e nesse processo, aos mistérios das palavras entrelaçam-se concepções cosmológicas. Conforme consta nos documentos da UDV, “o homem também é sagrado”, o que em minha perspectiva aponta para a existência do Divino em si. O despertar desta *ligação* com o Divino é por meio do desenvolvimento da *Paz-ciência*, uma virtude espiritual Superior, a Ciência da Paz.

A transformação no uso das palavras é uma reorientação da prática oral motivada pela noção de evolução espiritual. A centralidade que lhe é dada expressa um pressuposto cosmológico fundamental na União do Vegetal: a lei do plantio e da colheita. O estudo do mistério da palavra *palavra* é realizado pela sua decomposição em outros dois termos - pá e lavra – aludindo à dupla qualidade das palavras como instrumento e ação de cultivar.

Em seu mistério reside uma metáfora na qual a vida é comparada ao cultivo da terra: aquilo que se planta, se colhe. As palavras são como sementes de onde germinam os frutos para

aqueles que as plantaram. Conforme a concepção caianinha, a força das palavras vem de seu mistério. Falar é em última instância, produzir frutos. A linguagem caianinha reconhece a palavra enquanto instrumento e ação, como mediadora e causa de efeitos.

A relação com as palavras mostra que os enquadres metalinguísticos, nos quais o assunto é a própria linguagem, não se restringem ao aprendizado em sessões do Vegetal. Deste modo, ao contrário da conclusão de Tambiah (1968, p. 180) sobre a disjunção entre a linguagem religiosa e cotidiana ser uma característica fundamental entre diversas religiões, as vivências caianinhas evidenciam, há certa continuidade de relação entre a linguagem religiosa e a linguagem cotidiana.

O uso cotidiano dessa linguagem religiosa é um dos principais elementos da prática espiritual caianinha. Com esta prática aprende-se a *dirigir* a palavra a fim de produzir os efeitos desejados. A continuidade entre a linguagem religiosa e cotidiana não implica na inexistência de diferenças, mas sugere que a diferenciação não se faz com a ausência da linguagem religiosa do cotidiano, mas pela seleção de quais elementos serão incluídos e em quais condições.

5.1.1 Palavras negativas e positivas

A linguagem tal como compreendo é uma prática social através da qual contruímos uma realidade compartilhada que está em constante transformação. Como bem aponta Roy Wagner (2010, p. 169), “são contextos convencionalizados para a expressão de significado: as pessoas precisam se ajustar a eles, dentro de certos limites de tolerância, se quiserem ser compreendidas”.

Considero que a linguagem caianinha é não só o contexto convencionalizado para expressão de sentido, mas é também uma teoria a respeito do funcionamento da força performativa da linguagem (AUSTIN, 1990). Contudo, “dizer que o uso da linguagem é uma ação social é, no entanto, muito mais fácil do que desenvolver perspectivas que possam identificar e explicar a natureza deste dinamismo” (BAUMAN & BRIGGS, 2006, p. 191).

Assim, para compreender esse dinamismo na UDV, é preciso considerar que a qualidade performativa da linguagem

está centrada principalmente, mas não exclusivamente, no poder criativo das palavras. A ideia de que a força de uma palavra é uma “energia que movimenta a vida das pessoas”, sugere que a relação entre a palavra e seus efeitos não é necessariamente imediata.

Como venho mostrando, a maioria do léxico, objeto de atenção caianinha, é formado por palavras da língua portuguesa e fazem parte do vocabulário comum brasileiro. O que o particulariza é o modo de construção da significação.

Existem palavras, como por exemplo a *minguarana*, pertencentes ao léxico caianinho e consideradas, por alguns discípulos, como oriundas da “língua de Salomão ou da língua divina”⁶⁹. Elas são especialmente reservadas às sessões de Vegetal e fazem parte do vocabulário de chamadas e histórias contadas por Mestre Gabriel e não serão objeto de minha análise.

Uma das características identificadas é a atribuição de uma força negativa ou positiva, tanto a determinadas palavras quanto à forma como são enunciadas numa interação. No segundo capítulo, destaco a palavra *beber* quando no início da sessão o mestre dirigente diz “vamos *beber* o Vegetal”. Esta palavra é deliberadamente usada, devendo-se evitar a palavra *tomar*, “que tem uma força negativa”.

Ouvi duas *compreensões*: a primeira é que *tomar* remete a subtrair para si algo sem o consentimento do outro, o que não corresponde à relação de comunhão com o Vegetal que supõe o mútuo consentimento, e a segunda, que remete à noção de propriedade, sendo incoerente “a posse do indivíduo sobre algo que lhe é superior” (MELO, 2010, p. 143).

Outra diferenciação é feita entre as palavras *proteção* e *guarnição* tal como mostra o diálogo abaixo que tive com uma sócia, registrado em meu diário de campo. Estávamos conversando a respeito do cuidado com as palavras como uma forma de ter *guarnição*, então, lembrando da palavra do Mestre Gabriel, disse-lhe:

⁶⁹ A ideia de que esta língua é a mesma de Salomão foi-me dita por um Mestre, mas não é considerada consensual na UDV, sabendo-se ainda pouco a respeito da origem linguística destas palavras que não são originárias da língua portuguesa, como por exemplo, *lupunamanta*, *purpuramanta*, entre outras.

Eu: Tá aí ó, duas palavras *proteção* e *guarnição*, que o Mestre fala né?

Irmã: É... essa diferença é porque a *proteção* vem com a falsidade

Eu: Sim, mas tem muitas pessoas que usam esta palavra para pedir proteção divina e o Mestre ensina de uma forma diferente...

Irmã: Se a gente for ver, a *guarnição*, por exemplo: *-são*. A *guarnição* é pedir algo ao Superior, a quem é *são*. Né?

Eu: porque o Mestre diz: “eu não quero proteção nem de Deus, eu não peço proteção nem pra Deus”, algo assim... “porque onde tem proteção tem falsidade”, você lembra disso?

E ela convidando-me aos seus estudos continuou:

Irmã: eu já ouvi falar também que a lealdade e a fieldade... que dentro da palavra... a pessoa tem que ser fiel. Que dentro da lealdade tá sujeito ter a falsidade.

Eu: mas tem uma diferença entre estas palavras, a lealdade é uma palavra negativa?

Irmã: Bom, eu já ouvi falar que dentro da lealdade está sujeito se apresentar o sentimento de falsidade. Por isso usa a palavra fiel, de fieldade, uma virtude superior (Irmã do corpo instrutivo - Florianópolis, julho de 2015).

Este diálogo é particularmente interessante, pois revela uma insistência de minha parte em acessar a denotação convencional da diferenciação entre *proteção* e *guarnição*, enquanto minha interlocutora insiste em convidar-me ao seu *estudo*. Na medida em que o conhecimento não é transmitido mecanicamente, o estudo não é uma atividade de recepção do saber, mas um movimento ativo de articular os diferentes elementos, como peças de um mosaico a partir das quais o caianinho desvenda imagens e com elas constitui sentidos, construindo suas compreensões.

Este estudo das palavras me remete à teorização elaborada por Roy Wagner (2010), na qual estabelece um contraste entre dois modos de simbolização constitutivos das culturas humanas que jogam com as relações entre o que é definido como inato e como sujeito à ação humana.

O exemplo clássico é: a simbolização ocidental define a natureza como reino inato e não convencionalizado e atribui à socialidade (linguagem, parentesco, etc) o caráter convencionalizado e construído pela ação humana. Já para os coletivos melanésios, por exemplo, o processo é reverso: o que definimos como natureza e associamos ao inato, eles identificam como o domínio das convenções e da ação humana; o que definimos como socialidade e associamos à ação humana, eles identificam como inato e não-convencionalizado.

Nesta perspectiva, esses dois modos de simbolização fornecem o “eixo de articulação entre expressões socializantes (coletivas) e expressões que conferem poder (individuantes)” (WAGNER, 2010, p. 17). É neste ponto que seu argumento mostra-se relevante para refletir sobre minha experiência do aprendizado das palavras na UDV. Ao seguir o caminho de aprendizagem, argumento que a concepção de linguagem na UDV forma-se no encontro desta dupla dimensão inata e construída.

O diálogo acerca das palavras *proteção* e *guarnição* revela um processo implícito através do qual “a convenção é reinventada continuamente no curso da ação humana” (WAGNER, 2010, p. 167). A denotação convencional origina-se do ensino de Mestre Gabriel em que a *proteção* é a atitude de acobertar alguém que cometeu um erro. Deste modo, se no sentido religioso cristão *proteção* é frequentemente associada à benevolência divina de proporcionar o abrigo do mal, na UDV a *proteção* tem o sentido negativo de defender uma pessoa como se ela fosse inocente de algo pelo qual é responsável. A *guarnição*, por sua vez, é considerada uma palavra positiva por ser um direito que a pessoa adquire com a prática do bem e a constância nos deveres. A *guarnição* é uma guarida divina dos acontecimentos ruins aos quais *estamos sujeitos* e depende das ações positivas da pessoa.

Ainda de acordo com Wagner (2010, p. 170), a linguagem, quando concebida como arbitrária e passível de correção e mudança, serve como *controle* e neste caso é o objetificador. Enquanto que ao ser entendida como realidade inata, a linguagem

serve de *teor que é controlado*, neste caso é a coisa objetificada. Desta forma, o estudo de como as relações de sentido são praticadas no curso da aprendizagem caianinha vão ao encontro da concepção de Roy Wagner (2010), mas ao invés de colocar a concepção de linguagem caianinha na encruzilhada do inato e construído, demonstro de que maneira, através das relações de aprendizado, ela é tanto inata (mistério e força) quanto construída (atenção e aprendizado).

Considerando que o significado emerge quando as convenções de determinada linguagem objetificam “algum contexto observado ou imaginado” (WAGNER, 2010, p. 169), entendo que os contextos objetificados pelas palavras *proteção* e *guarnição* são os comportamentos a serem evitados e praticados: a falsidade e a prática do bem com a constância nos deveres, respectivamente. Assim a *proteção* é algo a não se pedir ou dar, e a *guarnição* algo recebido na medida em que se “faz por merecer”.

Seguindo este raciocínio, as palavras *proteção* e *guarnição* atuam como um “contexto para outros controles”, a saber, os comportamentos que denotam. E é nesta relação entre as palavras e os comportamentos denotados que elas assumem um sentido inato, ligando-se com a força da prática do bem ou da falsidade, pois é neste campo de ações correlacionadas que o seu sentido e eficácia se fortalecem.

Se a UDV tivesse um dicionário, poderíamos dizer que os sentidos por mim apresentados constituiriam a significação lexical de *proteção* e *guarnição*. Elas constituem o que Roy Wagner identifica como as associações convencionais que dão a impressão de “denotação absoluta”, na medida em que são reconhecidos como “básicos ou “primários”, ou representam o “inato”, ou de que suas propriedades são de algum modo essencialmente objetivas ou reais (WAGNER, 2010, p. 83).

Mas o exercício interpretativo de minha interlocutora articula referências distintas desta significação, reformulando a distinção entre as palavras *guarnição* e *proteção* a partir de outro referente convencional, a saber, a identificação do mistério da palavra através da sua decomposição. Ao decompor a palavra *guarnição* (*guarni-ção*), ela identifica por meio da homofonia entre *-ção* e *-são* outro sentido.

O termo *-são* funciona como morfema lexical central à interpretação de outras palavras na UDV⁷⁰ – sendo mistério que apresenta a força do que é puro e divino - de onde emana sua compreensão da *guarnição* como pedir guarida ao Superior. O intrigante é que embora a palavra *proteção* também tenha o morfema *-ção*, ela não é selecionada como relevante para seu exercício reflexivo.

A nossa comunicação foi possível porque tais associações compartilhadas me permitem identificar a “base relacional coletiva” a partir da qual a interlocutora estabelece nova significação evidenciando como a convenção [...] pode ser atualizada explícita ou implicitamente por meio de uma infinita variedade de expressões possíveis” (WAGNER, 2010, p. 81).

Outro cuidado do léxico caianinho é no uso da expressão *é sujeito* ao invés de *pode* para fazer referência a situações que não aconteceram, mas as quais qualquer pessoa está suscetível, como por exemplo, quando no diálogo a respeito da *burracheira* e do uso do Vegetal, um interlocutor disse-me:

Então, além de ter o mariri e a chacrona, tem de ter a administração, a responsabilidade, que isso faz toda a diferença, porque [o Vegetal] é um veículo. É que nem você pegar um carro, *você* pode pegar ele e chegar a São Paulo, mas também *é sujeito* estrumbicar lá fora se não tiver cuidado (Irmão do quadro de mestre – Florianópolis, abril de 2015).

Utiliza-se a expressão *é sujeito*, a qual atribui-se uma força positiva por aludir à possibilidade sem afirmar a sua ocorrência. Se ele assim dissesse: “você pode pegar o carro e chegar a São Paulo, mas também *pode* estrumbicar...” seria considerado negativo por “chamar” o acontecimento. Nesta perspectiva, a palavra *pode* é objetificada expressando uma associação inata com o evento a que faz referência, ao enunciá-la evoca-se a força do incidente.

Esta forma de lidar com as palavras é não somente praticada como é tema explícito de estudo caianinho e revela uma

⁷⁰ Como por exemplo, intuição e cientificação.

concepção meta-pragmática (KEANE, 1997) das palavras, na medida em que sua força negativa ou positiva é associada reflexivamente a ações que elas chamam, isto é, evocam a presença.

5.2 O *SELF* E AS PALAVRAS

A palavra, como toda semente, depende de algumas condições para germinar e frutificar. Assim como os performativos em Austin (1990, p. 30) dependem de condições adequadas para que sejam considerados eficazes, a linguagem caianinha também possui critérios que determinam as condições de felicidade da força de uma palavra.

Para Austin (1990) os critérios gramaticais são insuficientes ao entendimento da eficácia de um pronunciamento. É preciso observar tanto a relação entre os falantes quanto o contexto social no qual estão inseridos. É através do estudo da experiência concreta, dos atos de fala que pode-se notar a qualidade performativa da linguagem.

Em sua caracterização da linguagem como modo de ação, Austin define o ato de fala (AUSTIN, 1990, p. 85) enquanto ato locucionário de emissão de sons constitutivos de determinado léxico, cuja articulação tem sentido e referência. Sua força pode ser de dois tipos: *ilocucionário*, em que o enunciado realiza a ação ou *perlocucionário*, em que o enunciado produz determinados *efeitos*.

Na UDV, a força performativa de uma palavra é decorrente de seu mistério e/ou de uma força *negativa ou positiva* que lhe é atribuída, mas estas não são as únicas fontes de sua eficácia. A reflexão meta-linguística centrada na palavra é constantemente articulada ao estudo de si.

Os pensamentos e sentimentos são variáveis participantes da configuração do *self* caianinho e das relações interpessoais compartilhadas por meio desta linguagem. Os sentimentos de uma pessoa são relacionados aos pensamentos alimentados por si e às suas práticas cotidianas. Por isso, o uso misterioso da palavra só faz sentido como parte de um conjunto de transformações que a pessoa vivencia quando segue o caminho de tornar-se caianinho.

Em seu estudo sobre o Ojibwa, Hallowel (1955, 104) afirma que eles consideram os seres humanos fracos e por isso

entendem que o auxílio de seres não-humanos são essenciais para uma vida longa. Os *pawdganak* são entidades dispostas a partilhar seus poderes com os seres humanos, e são um elemento fundamental na orientação motivacional do self-Ojibwa. Eles são formas de auto-valorização de um Ojibwa em seu ambiente comportamental, uma espécie de suporte ao sentimento de segurança psicológica. Compreender isso possibilita o entendimento da dinâmica do ajustamento pessoal dos Ojibwa em convivência social.

A análise de Hallowell (1955) faz-me pensar em como o foco dos sócios da UDV nos mistérios das palavras e em sua força é um elemento importante na orientação motivacional desses sujeitos. Nesse processo, o cuidado com as palavras é uma forma prática de auto-valorização do caianinho em seu ambiente comportamental.

Tornar-se caianinho envolve uma reorientação do *self*, através do auto-reconhecimento como espírito em evolução, cujas ações na terra têm consequências que distanciam ou aproximam-no deste objetivo, deste modo, “a orientação cósmica e metafísica do self fornece um quadro conceitual para a ação em um universo preferencialmente ordenado, ao invés de caótico” (HALLOWELL, 1955, p. 91).

A força misteriosa da palavra é articulada à noção de prática, sendo esta uma das condições que determina sua força. Tal preceito evidencia a moral como fator co-determinante da eficácia e força das palavras. A linguagem caianinha é entrelaçada numa espécie de moralidade não como “substrato sistêmico” mas nos termos de Wagner (2010, p. 82) como “significado com direção, propósito e motivação”: Conversando com um mestre perguntei-lhe:

Eu: Então, a força da palavra de uma pessoa, depende do quê?

Mestre: Depende da prática da pessoa. Da força interior da pessoa que é relacionada à prática, fieldade, moral que a pessoa tem. A vivência, a sua caminhada né? [...] Tudo isso daí relacionado, vamos dizer assim, relaciona a pessoa ao conhecimento. A chave de tudo é o conhecimento. Porque... agora, o conhecimento sem uma prática? sem uma moral? sem uma fieldade? aí não

é conhecimento, é informação [...] uma pessoa que não tem uma prática condizente com aquilo que ela fala, a palavra dela é uma palavra fraca né? (Irmão do quadro de mestres – Florianópolis, abril de 2015).

Conforme observa Fernandes (2011, p. 265), “as palavras são importantes, mas a pessoa não pode ficar só nas palavras, pois nesse caso não aprendeu (não se transformou). Portanto, nessa concepção, **o aprendizado é a transformação**” (grifos do autor). Em uma de suas reflexões o Mestre Gabriel diz:

[...] quem escuta procura vê a realidade em cima de quem prega! E por que é que eu sei explicar e não sei praticar? Porque quem sabe explicar tem que saber praticar! Enquanto a gente não sabe praticar também não sabe explicar! (Áudio de Mestre Gabriel, denominado “A palavra é quem traz tudo”. Acervo da UDV).

O conhecimento se configura na experiência prática e o discípulo é convidado a “praticar os ensinamentos para ver os resultados”. E aqui vale retomar a concepção de Tim Ingold (2015b), já exposta no terceiro capítulo, sobre a diferença entre conhecimento classificatório e conhecimento narrativo. Para ele, o conhecimento é mais que um processo automático de classificação, é um processo-complexo desenvolvido com a prática “através de sua presença no mundo” e é irreduzível ao acúmulo de informações.

Portanto, a pedagogia caianinha se aproxima daquilo que Ingold define como a tendência de “priorizar a prática do conhecimento sobre a propriedade do conhecimento. Ao invés de supor que as pessoas apliquem os seus conhecimentos, estaríamos mais inclinados a dizer que elas conhecem *por meio da* sua prática” (INGOLD, 2015b, p. 234).

É experimentando esta linguagem através das práticas que um sócio se constrói como um caianinho, um discípulo do Mestre Gabriel. A UDV, enquanto ordem moral com normas de conduta e sanções sociais, demanda dos indivíduos deveres com relação às suas palavras e demais atitudes. Esta responsabilidade

implica na auto-percepção em relação aos outros e à ordem moral constituída (HALLOWELL, 1955, p. 83).

Nesta cosmologia, as palavras, pensamentos e sentimentos são combinadas a outras noções básicas, são elas a *consciência* e o *querer*:

Mas...então é por isso que ele diz, a palavra é quem traz tudo pro homem. E, então, vamos dizer, quando a pessoa conhece as palavras, vamos dizer que ela esteja dentro de uma dificuldade, ela pode dentro daquela dificuldade se afundar mais ou sair da dificuldade. Pra ela sair, se ela souber usar as palavras e usando as palavras conscientemente, ela sai com facilidade. Pelo uso da palavra. É uma coisa assim que... que é como um alinhamento da pessoa com a força, vamos dizer, você pode encontrar a força da dificuldade ou da facilidade. [...] Aí depende de como você está alinhado, se você começa a focar os teus objetivos, as tuas palavras, pra você sair, pra você vencer, pra você conseguir o que está querendo, então, você sai, você encontra. É como se abrisse portas, né? Isso está ligado com a força do querer e usar a palavra adequada pra você, e na hora certa (Irmão do quadro de mestres - Florianópolis, abril de 2015).

Como dito anteriormente, o *querer* é a clareza da intenção, do objetivo que possui, pois assim a pessoa saberá como usar os mistérios das palavras. Assume-se que não há *ainda* uma sincronicidade entre pensamento, sentimento e palavra, pois “às vezes a pessoa pode usar uma palavra e trazer algo que não quer”. Mas a sincronicidade é desejada entre os caianinhos: que as palavras sejam a expressão positiva de sentimentos e pensamentos.

É necessário lembrar, a UDV utiliza o Vegetal para efeito de concentração mental, com o intuito de “expandir a consciência” a fim de que cada um possa estudar e descobrir aspectos de si até então desconhecidos, constituindo-se como

exercício reflexivo. Se a auto-consciência, como argumenta Hallowel (1955, p. 81) é uma característica humana que desenvolve-se no curso da experiência social, ela está portanto, em constante metamorfose.

E neste contexto, a experiência da *burracheira* articulada à doutrina fornece instrumentos ao sujeito, que coloca a si como objeto empírico a ser examinado através da reflexão sobre seus pensamentos, sentimentos e palavras:

Porque muitas vezes vem com um pensamento, né? Depois quando alimentamos aquele pensamento *é sujeito* se transformar num sentimento, daí já é outro nível, porque a pessoa deixou entrar no coração. Então, pra se transformar em palavras fica mais fácil, de exteriorizar, né? Quer ver uma coisa? Uma vez bebi o Vegetal e quando a *burracheira* começou a apresentar eu comecei a sentir um mal estar muito forte, não conseguia me concentrar nos documentos, nas chamadas. Daí me veio o pensamento de uma coisa que tinha acontecido: eu discuti com uma pessoa e falei umas palavras de forma agressiva, e na *burracheira* me encontrei com aquelas palavras. Até aquele momento eu não tinha sentido a minha atitude, mas na luz da *burracheira* veio claramente o que eu tinha provocado com aquela palavra. E também vi qual era o sentimento que estava por trás, porque eu tinha ficado ofendida com uma coisa que a pessoa fez e guardei aquilo. Quando compreendi, vomitei no salão mesmo e logo ouvi o mestre dirigente falando: “tem palavra que queima mais que o fogo, por isso temos de ter atenção, porque quando jogamos uma brasa em alguém é a nossa mão que queima primeiro”. Na hora percebi que estava tudo ligado, o mal estar na *burracheira* devido às palavras que falei, e a doutrina na sessão, o mestre não sabia o que eu estava sentindo, mas suas

palavras foram certas (Irmã do quadro de sócios, Florianópolis, agosto de 2015).

De acordo com Mercante (2012, p. 297), “os efeitos do uso ritual da ayahuasca geram níveis variados e complexos de experiência na consciência. Essas experiências podem ser a fonte de um conhecimento profundo, tanto do mundo quanto de si mesmo”. A expansão da consciência proporcionada com a ingestão da Hoasca tem características particulares a cada contexto de uso. Na UDV, ela vincula-se ao direcionamento dado pela doutrina com seu caráter re-ordenador da *self* na *burracheira*, sendo o re-aprender a falar um dos aspectos do estudo e da transformação de si.

Assim, no exercício da auto-consciência, o sujeito aprende o copiar o que fazem as gerações antecedentes através de um processo imitativo semelhante ao que Ingold (2010) exemplifica ao falar do aprendizado de artes culinárias. O aprender é imitativo pois a formação de sentido e portanto de conhecimento só se realiza quando ancoradas na experiência pessoal do sujeito que cozinha, não bastando portanto, a leitura de receitas.

Na UDV, os sócios chegam em sua maioria oriundo de famílias não pertencentes a esta religião, daí o enfoque na transformação, pois a *burracheira*, os mistérios das palavras e a doutrina oferecem ao sujeito novos enquadres de sua experiência social com a linguagem. O aprendizado da linguagem caianinha é “imitativo na medida em que ocorre sob orientação” (INGOLD, 2010, p. 21), sendo necessário frisar que a imitação nunca é a mesma porque as condições do ambiente nunca são idênticas, por isso ela é sempre um improvisar.

O ajustamento do sujeito a estes novos enquadres gera, em alguns casos, uma espécie de excedente caracterizado como beatice ou fanatismo daquele que assume a padronização do gênero de fala caianinha sob um estilo rígido. Assim, retomando a referência de Ingold (2010) às artes culinárias, a habilidade de falar a linguagem caianinha não é conquistada com a “leitura de receitas”. Por isso, reconheço uma diferenciação entre a padronização do gênero que constitui a base coletiva de mútuo reconhecimento e o estilo rígido que reduz grosseiramente a forma ao molde vazio. Essa dupla face da convencionalização é questionada por alguns sócios:

Irmão: Mestre, a pessoa tem que falar num formato, a gente precisa sair numa fôrma tudo igual? Quero saber o que importa: a forma ou o conteúdo?

Mestre: O que o senhor acha?

Irmão: O conteúdo

Mestre: Eu concordo com o senhor. Não precisamos sair de uma fôrma, não é esse o objetivo. Cada um tem uma forma de ser, mas o jeito como falamos mostra nosso conteúdo. O jeito é o conteúdo (Diário de campo – Florianópolis, novembro de 2015).

A linguagem caianinha é constituída por uma reflexão a respeito de si mesma, tematizando tanto o conteúdo quanto a forma. No diálogo acima, tem-se ainda a sugestão feita pelo mestre dirigente de uma diferença entre forma/jeito e fôrma, e a sugestão de que o jeito é o conteúdo, não havendo uma separação entre eles. Nota-se também uma tensão entre o individual e o coletivo: como seguir determinadas formas sem reduzir-se a uma fôrma? Ou como não confundir forma e fôrma?

De acordo com a compreensão de um irmão, o Mestre Gabriel:

Traz um contexto onde ele não diz que a pessoa tem que dizer só desse jeito ou daquele. O jeito de dizer, a forma de dizer, ele é tão importante, e o Mestre trouxe a importância das pessoas trazerem esse conteúdo, essa essência, essa espiritualidade, através da forma [...]. Eu vejo que isso tem toda uma relação desde um preparo de Vegetal que grava no chá, numa sessão que também grava no coração e na mente das pessoas, né? (Irmão do corpo instrutivo, agosto de 2015).

O princípio é que a forma não é uma fórmula fixa, isto é, o caianinho deve, para seguir os termos de Ingold (2010), imitar o conteúdo relativo ao mistério de uma palavra improvisando com relação às circunstâncias de sua expressão, combinando suas

características pessoais de fala à essência do ensinamento e ao contexto de fala.

A palavra tem que ser no momento que eu estou necessitando. Agora, se fica chamando, chamando, usando mistérios de palavra às vezes onde não tem mistério, entende? Usa mistério onde não tem mistério, inventa mistério e fica, corrige daqui, corrige de lá... Fica aquela coisa chata, um corrigindo o outro. Pelo amor de Deus, isso é uma coisa absurda que as pessoas fazem às vezes com os ensinamentos do Mestre Gabriel, entende? Que a gente não pode deixar isso acontecer dentro da União, sabe? Mas se a pessoa souber usar, conhecer e souber usar no momento certo. E onde que às vezes você pode evitar um atropelo né? Tirar a pessoa dum atropelo, pela palavra (Irmão do quadro de Mestres – Florianópolis, abril de 2015)

Nesta perspectiva, o uso sem necessidade gera não só a banalização do conhecimento como também enfraquece o poder criativo daquela palavra, para a pessoa que assim a utiliza. Ademais, presenciei diversos comentários a respeito da tendência em algumas pessoas de falarem conforme um suposto padrão, considerado caricaturado, pois a pessoa reproduz a forma “sem examinar o conteúdo”, isto é, escolhe determinadas palavras e jeitos de falar, mas não “examinou com critério” as razões disso. O que leva a um uso "exagerado" porque é inadequado ao contexto, donde se identificam os beatos, motivo de narrativas e brincadeiras entre os irmãos, que são também fonte de conhecimento.

5.3 A BRINCADEIRA NA UNIÃO DO VEGETAL: O USO BEATO DAS PALAVRAS

Nesta aprendizagem linguística, o léxico fornece referências à comunicação possibilitando aos interagentes a delimitação de elementos significativos nas mensagens. Na medida em que o sujeito segue conhecendo esse léxico,

desenvolve um estudo guiando-se por formas que lhe são subjacentes. Tais formas orientam o estudo das palavras através de três operações correlacionadas: a sua decomposição, a identificação de uma espécie de “sentido literal” e a homofonia. Associado a estas três, mantêm-se a concepção da existência de palavras negativas ou positivas, conforme já demonstrado.

De acordo com Roy Wagner, os processos de convencionalização de significados “estão completa e invariavelmente incorporados na motivação e invenção humanas, pois a linguagem, tanto quanto a cultura, não pode existir fora das situações emocionais e criativas da vida humana” (2010, p. 177). Assim, se por um lado o estudo da linguagem caianinha é estimulado e está implicado em situações emocionais e criativas, por outro é recomendado cautela com o exagero e com o uso deste conhecimento de forma arbitrária e descontextualizada.

Certo dia, uma amiga contou-me um caso, envolvido em risadas que antecederiam o próprio narrar. Para contextualizar o leitor, preciso falar que a palavra *mal* não deve ser dita em preparo de Vegetal pois traz uma força negativa:

Irmã: A gente estava lá na sessão, concentrado em altos ensinamentos da prática e o mestre durante sua fala, solta essa: “as vezes pensamos que é aquilo é *normal*, normal não, *norbem*”. Cara, você acredita nisso? Nor-bem? É demais, né?

Eu: Mas e qual foi a reação das pessoas?

Irmã: O que acha? Foi só risada né? Na verdade, na hora o pessoal se controlou, mas depois o mestre foi o centro da brincadeira. Porque ele mesmo não achou beato, achou que estava cobrindo a palavra negativa com a positiva (Diário de campo – Brasília, 2015).

Esta narrativa elucida quando os limites do inato e do convencionalizado na linguagem colidem através da justaposição descontextualizada de algumas características coletivizantes da fala caianinha, como por exemplo, a da palavra *mal* como negativa e a interdição de seu uso, e conseqüentemente a necessidade de cobrir palavras negativas com palavras positivas.

Pode-se ainda observar que o mestre realiza, implicitamente, a decomposição da palavra, supondo um mistério em sua constituição *nor-mal*, e realizando automaticamente a sua substituição por *nor-bem*. O riso emerge na imprecisão do uso dos mistérios, que considerados sob certa literalidade, levam à extensão extrema do inato na linguagem, a saber, a de que a enunciação desta parte traga uma força negativa indesejada a ser neutralizada com a parte *-bem*.

As brincadeiras e piadas constituem o cenário onde negociações de sentido ocorrem e, portanto, têm a função de sugerir certos limites à criatividade, em delinear quais extensões semânticas são interessantes e quais são exageradas. Como tenho dito, além do léxico ensinado por Mestre Gabriel, os discípulos têm liberdade e são incentivados a estudar outras palavras. Nesse percurso, ao compartilhar seu estudo a respeito de determinada palavra, um sócio pode ter sua compreensão incentivada, rejeitada ou ainda tornar-se objeto de brincadeira entre os irmãos.

Algumas compreensões tornam-se aceitas e são adotadas por diversos sócios, enquanto outras são percebidas como tentativas frustradas que compõe um acervo de causos contados entre os caianinhos. Tais tentativas frustradas ensejam o cômico, pois é como se a extensão da ótica do mistério desgastasse sua significância e assumisse feições caricaturadas, daí sua graça.

Por exemplo, um dos ensinamentos de Mestre Gabriel é usar os verbos no presente para trazer a sua força, e no passado para afastar a força de algo que não se deseja. Um dos verbos usados frequentemente é o *vir*. O *vem* é usado com o intuito de trazer uma força espiritual de realização:

Mas digamos assim, uma palavra que pode ser dita como misteriosa, digamos...a gente está querendo que alguma coisa aconteça 'ah eu to querendo que isso *vai* acontecer...ah isso *vai* acontecer', né? *Vai* acontecer está mandando pra ir...ir, *vai*. Quando a gente quer que algo aconteça a gente '*venha, vem* acontecer' traz pra gente. Então, a palavra ela manda ir ou traz (Irmão quadro de mestre – Florianópolis, julho de 2015)

Mas algumas pessoas utilizam este verbo em contextos considerados inadequados e configuram o que os caianinhos chamam de *beatice*, como no exemplo abaixo narrado por um de meus interlocutores:

Estávamos planejando fazer a trilha até uma cachoeira, daí um irmão falou para outra pessoa ‘ah esta é a trilha que a gente *vem* fazer’, daí já é demais né? Eu não quero trazer a trilha pra mim, a gente vai fazer a trilha, não *vem*... (Diário de campo – Florianópolis, setembro de 2015)

Assim, a rejeição deste uso como *misterioso* deve-se ao fato de ter sido enunciado fora do enquadre adequado. Mediante isso, alguns caianinhos tendem a evocar o caráter “da realidade e da importância desse contexto” (WAGNER, 2010, p. 70) convencionalizado como primário, a partir do qual legitima-se a eficácia do uso misterioso em determinado evento.

Pequenas narrativas como esta alimentam momentos de descontração e brincadeira entre os irmãos, onde cada um conta situações que ilustram diferenciações entre uso adequado dos mistérios e força das palavras e o uso beato, através de sucessivos processos de contextualização, de maneira que a seriedade de algumas conversas é interrompida com pequenas anedotas. Eu estava interessada em saber mais a respeito da *fé* e como ela é diferenciada da *convicção* e um de meus irmãos interpelou-me seriamente perguntando:

Irmão: Você já ouviu falar que existe o homem bule?

Eu: Não, o que é isso?

Enquanto isso, um riso comedido despontava em seus lábios:

Irmão: é um homem de *pô café*, tá vendo ó, o “mistério”?

Instantes depois, quando entendi a metáfora, comecei a rir da brincadeira. Esses causos humorados aludem à ótica dos

mistérios das palavras: Quem é o homem bule? É literalmente um homem de *pôr café* dito coloquialmente como *pô café*. Nesta troca, o humor vem da relação metafórica provocada pela homofonia com as expressões homem de *pouca fé*, ou coloquialmente dito *pôca fé*. Aqui, o interlocutor faz um jogo com a semelhança fonética entre as duas expressões e, uma vez que sua atenção está educada à percepção da homofonia como fonte de mistério, aproveita para provocar a brincadeira.

A seguir relato um diálogo surgido durante um almoço em dia de mutirão, a partir do qual tecerei reflexões em diálogo com Wagner (2010), Goffman (2002).

Eu ainda não havia compartilhado com os irmãos que minha pesquisa fora autorizada. Então, na hora do almoço, ao sentar-me à mesa, o mestre representante disse:

a senhora está autorizadíssima a fazer sua pesquisa.

Eu respondi com entusiasmo e comentei com o irmão que estava ao nosso lado:

Ah, minha pesquisa foi autorizada, lembra que tinha te contado?

Irmão: Lembro sim, que legal! Eu tenho várias histórias para contar, e pessoas para te indicar – disse-me animado.

Outra irmã perguntou-me: E, sobre o quê é exatamente sua pesquisa?

Então, é sobre como se compreende as palavras na UDV. Seu poder, formas de uso, quais palavras não falar... Meu foco será nos preparos de Vegetal onde este cuidado com as palavras é mais evidente, e também sobre as narrativas e experiências pessoais dos sócios com as palavras – disse-lhe.

O irmão continuou falando que já ouviu histórias de diversas pessoas e poderia indicar-me com quem conversar, acrescentando:

É, mas tem umas coisas que as pessoas exageram com os mistérios das palavras, tipo a palavra *companheira* que é costume

na União. A esposa de um dos mestres antigo não gosta dessa palavra, pois na época de sua adolescência, *companheira* era um termo usado pras outras mulheres que o homem casado tinha na rua, não a ‘oficial’.

[risadas].

E outra irmã falou: Ah! Uma vez eu estava numa sessão e uma mulher olhou pra esposa do mestre X e disse: “Ah! A senhora que é a companheira do mestre X!” E ela (a esposa) respondeu-lhe: companheira não! Eu sou *esposa* do mestre X, agora a senhora fica sabendo, es-po-sa!

Todos rimos novamente do jeito como irmã imitou a forma como a esposa daquele mestre interpelou a mulher. Depois um mestre comentou que tem certas pessoas que ficam presas em exageros. Eu então continuei dizendo:

Ouvi falar que uma vez numa sessão, uma irmã perguntou ao mestre dirigente “Ah, Mestre esse assunto que está rolando da...” E o Mestre ao iniciar a resposta disse: “Rolando não, aqui na União falamos circulando”.

O mestre disse: É, um mestre pode corrigir sem necessariamente chamar a atenção da pessoa, o M. Gabriel recomendava não chamar a atenção da pessoa que está chegando – disse-me um mestre.

E eu continuei o diálogo dizendo: Isso é uma fineza, ter essa percepção – comentei.

Outro irmão aproximando-se do círculo de conversa falou: Tem gente que fala *Bomriri*, ao invés de *Mariri*, pra não falar o ‘*má*’.

Todos rimos muito e o mestre representante disse:

tem pessoas que ficam presas em coisinhas assim que não tem nada a ver. Quer ver é as chamadas, uma vez uma pessoa veio me

dizendo que fiz a chamada do Caiano dizendo “Caianu, Mestre CaiaNU” e que trouxe o *nu* e era CaianO. Mas fazer o que né? Se a pessoa entendeu isso!

A irmã falou: Gente, onde estava a cabeça da pessoa, né? – disse-lhe ironicamente

Daí aquela irmã contou outra situação: me contaram que numa sessão o mestre dirigente foi fazer a chamada da Mínguarana, mas ele pronunciava “*ó linguarana tuuu*”, quando ela disse isso, todos caímos na risada! E um mestre mais antigo interrompeu o dirigente dizendo: mestre é Mínguarana, e o dirigente respondeu: Sim senhor! Mas continuou “*ó linguarana tuu*”, até que depois descobriram que o dirigente tinha um problema de dicção e não conseguia falar certo.

O mestre disse: é, mas tem palavras que tem mistério mesmo! Por exemplo, a palavra *questão* é uma palavra ligada à conflito, uma oposição! Então a gente usa a *pergunta* [...].

Outro irmão continuou: essa coisa de examinar as palavras é interessante mesmo, uma vez estava numa sessão dirigida pelo mestre Y, que foi presidente da Novo Encanto....

Então uma irmã interrompeu afirmando: O mestre Y é muito bom. Ele consegue expandir e crescer uma pergunta, que nossa, é *bem* legal!

O irmão, continuando sua narrativa, disse-nos: Então daí, uma pessoa perguntou assim pra ele: ‘Mestre porque tem tanto humor na União do Vegetal?’ Várias pessoas no salão riram discretamente.

Enquanto contava, o narrador fez um olhar oblíquo com o canto dos olhos ao mesmo tempo em que colocou as mãos sobre a boca para ‘esconder’ o sorriso meio torto, expressão feita para imitar a reação dos sócios presentes no evento narrado. E prosseguiu comentando:

Acho ridículo isso de ficar rindo da pergunta dos outros! Mas aí o mestre Y em pé, respirou fundo, sentou e fez um tempo de silêncio e levantou respondendo: ‘Tem humor pra gente perceber o quanto é sério’!

A afirmação da seriedade do humor evocou um silêncio reflexivo que foi interrompido por uma irmã ao contar que certa vez numa sessão uma pessoa foi fazer a explanação e iniciou dizendo:

‘nós estamos aqui para *atingir* a evolução espiritual’, daí o mestre dirigente interrompeu a mulher que estava fazendo a explanação “corrigindo”: ‘atingir não, porque *não é pra tingir*’, daí ela se corrigiu dizendo ‘alcançar a evolução...’ E o Mestre ‘cuidado pra não cansar’”.

Rimos e alguém comentou: Aí é demais, interromper a explanação da mulher com isso! Nesse momento uma irmã falou: licença gente vou ali ajudar...

E o mestre concluiu dizendo: Tá vendo isso que é o legal, a gente saber brincar! (Diário de campo, Florianópolis, março de 2015)

Este encontro pode ser compreendido situacionalmente, conforme proposto por Goffman (1974, p. 10), para quem é necessário identificar alguns enquadres básicos do contexto interativo em questão, com ênfase no aspecto relacional dos significados. E o que fica claro nesta conversa é a reflexão em relação ao mistérios de palavras, ou mais precisamente, sobre algumas palavras que participam desta identidade caianinha.

O enquadre inicial é dado por mim, na medida em que apresento o que seria meu objeto de pesquisa, todavia a resposta do irmão reorienta o enquadre dos mistérios aos exageros no seu uso, orientação que permeia toda conversa. A oposição entre as palavras *esposa* e *companheira*, *bomriri* e *mariri*, *pergunta* e *questão* é entremeada de *compreensões* sobre o limite entre o

mistério e a beatice, e é no movimento de co-construção desses limites que as relações humoradas emergem:

“Relações “jocosas” exigem a paródia de certos comportamentos “inapropriados [...] por parte de um dos participantes ou de ambos. Na medida em que os participantes “encaram isso como brincadeira”, reconhecendo implicitamente a inadequação do comportamento (e por conseguinte a adequação de sua relação), eles efetivamente criam a própria relação como contexto de sua interação (Wagner, 2010, p. 148).

Um dos pontos desse diálogo que me parece interessante à análise da aprendizagem da linguagem caianinha é quando o mestre de um dos eventos narrados afirma, o humor existe na UDV para perceber o quanto é sério. Nesse sentido, o humor possui uma dimensão pedagógica importante, pois por meio dele define-se as fronteiras entre o uso misterioso e o uso exagerado ou beato dos ensinamentos de Mestre Gabriel. A brincadeira constitui um método importante de aprendizado, ao jogar criativamente entre a abertura e os limites entre os mistérios e o exagero.

5.4 A NATUREZA DA PALAVRA

Iniciei o capítulo apresentando a União do Vegetal enquanto comunidade de prática (Lave, 2015) pois meu foco incidiu mais sobre o processo de aprendizagem e educação da atenção com relação às palavras do que sobre os aspectos linguísticos desta vivência religiosa.

Um dos motivos fundamentadores da escolha deste enfoque é que, desta maneira, consegui seguir as concepções caianinhas em sua fluência individualizante expressa através das *compreensões* e com isso, refletir sobre os processos de convencionalização de seu léxico. Tornou-se notório como a relação entre a “ótica do mistério” e a linguagem cotidiana é menos de disjunção e mais de continuidade. O uso misterioso permeia a fala comum e constitui a identidade caianinha. Isso não exclui a existência de um conjunto de palavras e mistérios cujo uso é adequado às sessões, mas implica que a atenção caianinha à

força das palavras é parte de sua experiência com a linguagem ordinária.

Sua concepção é uma práxis teórica a respeito do funcionamento da força performativa da linguagem. Nesta perspectiva destaquei três pressupostos:

1. a não correspondência natural entre intenção e a palavra;
2. a adequação entre palavra e intenção é desejável
3. a palavra possui uma força imanente.

E também três operações que orientam o estudo dos mistérios e constituem a experiência com a palavra:

1. o sentido literal;
2. a decomposição da palavra;
3. a homofonia.

Esses princípios são abstraídos pelos discípulos da UDV e experimentados em seu estudo tanto sobre palavras ensinadas por Mestre Gabriel quanto daquelas que não foram. Essas características me fizeram retomar à análise de Roy Wagner (2010) a respeito da linguagem, especialmente porque a palavra na UDV assume um caráter de substância: o mistério emerge como uma potência que lhe é imanente. Todavia, simultaneamente à imanência da força da palavra, têm-se a percepção de que seu uso é passível de correção, e assim, a UDV demanda um emprego consciente dos mistérios da linguagem.

Roy Wagner (2010, p. 170) sugere uma oposição teoricamente produtiva, entre uma concepção de linguagem considerada arbitrária e sujeita à correção e, consequentemente, percebe a dimensão da natureza como inata, e uma segunda concepção que vivencia a linguagem como inata e considera a natureza como arbitrária e passível da ação humana. Na primeira perspectiva, “exigimos que nossa linguagem seja um instrumento de precisão”, na segunda “a linguagem [...] se manifesta nas ações de uma pessoa, mas não é conscientemente ‘usado’ ou ‘corrigido’”.

Meu argumento é que ao mesmo tempo que a concepção de linguagem na UDV apresenta-se como inata, ao passo que reconhece uma força imanente expressa nos mistérios das palavras e na força negativa ou positiva trazidas consigo, seu processo de aprendizado apresenta a linguagem como passível de correção, incentivando seu uso consciente e preciso. A palavra constitui-se como instrumento (utilizado como meio para movimentar acontecimentos), tema (meta-linguagem) e sujeito de

ação (realiza efeitos específicos). A prática desse conhecimento faz com que aprendizagem desta linguagem seja menos um acúmulo de informações e mais uma experimentação reflexiva de educação da atenção.

Mas aqui faz-se relevante um pequeno desvio final, que pode parecer óbvio, mas cujo mistério é mais profundo. Se para o senso comum linguístico e antropológico a palavra é parte da linguagem, na UDV ela é sua origem. Porque a palavra não é somente uma unidade gramatical, que pode ser flexionada em substantivo, adjetivo, adverbio, etc. Algo semelhante à percepção de Victor Hugo (1856, p. 31), para quem “le mot, qu’on le sache, est un être vivant [...], face de l’invisible, aspect de l’inconnu [...] les mots sont les passants mystérieux de l’âme”⁷¹.

Assim, mais do que chegar a uma resposta para o que é a natureza da palavra na UDV, precisei reformular a pergunta de “o que é a palavra?” a “quem é a palavra?” e, com isso, chegar a outro grau de sentido a respeito da experiência com a palavra na União do Vegetal.

⁷¹ Minha tradução: “A palavra, como sabemos, é um ser vivente [...], face do invisível, aspecto do desconhecido, as palavras são os passageiros misteriosos da alma”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler minha dissertação encontro algumas lacunas, nenhuma novidade ou lamento, pois como diz meu poeta preferido⁷² “a maior riqueza do homem [e da mulher, acrescento] é sua incompletude”. As lacunas deixadas aqui refletem a incompletude de minha formação teórica e iniciática. A riqueza desta incompletude faz-me retornar ao princípio de administração do conhecimento espiritual na UDV, sintetizado pela frase “não entregar tudo na bandeja”, que caracteriza a aprendizagem em suas expressões: restrita porque hierarquicamente mediada e expansiva porque ativa as possibilidades de desvendar os mistérios.

Essa concepção aponta para três características da epistemologia caianinha: a primeira é de que o conhecimento é um tudo, a segunda é de que não deve ser compartilhado sem que haja um esforço daquele que o busca e o terceiro é que se o conhecimento é uma totalidade, o acesso dos discípulos a ele é fragmentário.

Pertencer à comunidade com a qual se realiza a pesquisa facilita a integração ao processo de educação da atenção, pois perceber que a palavra é tão importante quanto o Vegetal só foi possível porque já estava trilhando meu caminho, neste caminho. Não porque esta seja uma constatação inevitável por todos aqueles que chegam até a UDV, mas porque colocar-se na posição de educar a atenção amplia oportunidades de apreensão.

A escolha das experiências com a palavra como objeto reflete também meu esforço de descentralizar a análise da ayahuasca em direção a aspectos ainda pouco estudados. E articulando minhas experiências com a epistemologia caianinha à concepção de auto-antropologia de Strathern (2015) arrisquei-me a ensaiar uma escrita cujo estilo diferencia-se das teses e dissertações já publicadas a respeito da UDV.

Notei que se a ética do segredo e o caráter iniciático não são exclusivos da UDV, fazê-lo através dessa forma de fala que exercita a oscilação entre o ocultamento e a revelação com as palavras, concede-lhe uma característica particular. Isto faz com que um conhecimento aparentemente linear e acumulativo

⁷² Como puderam notar é o Manoel de Barros, nesse poema “Retrato do artista quando coisa”.

mostre-se espiralar e ascendente, ou nos termos sugeridos por Fredrik Barth (2000), ao comparar o Guru e o Iniciador, ao mesmo tempo explicativo e performático.

O desenvolvimento da pessoa neste contexto não é realizado pelo acúmulo de informações, mas por sua capacidade de educar a atenção e captar nas entrelinhas os mistérios não revelados, transformando-as em perguntas. Não é linear pois os temas se movimentam conforme a Força da *burracheira* se apresenta, o que caracteriza a dimensão mais dinâmica do conhecimento e imprevisível da experiência. A pessoa segue prestando atenção e capta determinadas informações, que através do estudo e da ligação emergem ao aprendiz como mistério.

Esse modo de conhecer se realiza através da redescoberta dirigida (INGOLD, 2010), pois é menos transmissão e mais sensibilização da percepção, uma vez que o discípulo segue no caminho juntando as peças de um mosaico cuja imagem só se revela após seu esforço criativo. Junto a esta face mais fluida se encontra a face mais hierárquica e institucional, esta envolve o reconhecimento do *grau de memória* do discípulo pela autoridade responsável pela convocação aos graus hierárquicos superiores, o Mestre Representante. E aqui o aprendizado mostra-se mais claramente ligado às responsabilidades do aprendiz perante as necessidades da UDV.

O destaque de certas palavras, para alguns aprendizes como demonstrado no segundo capítulo, torna-se ainda mais intenso durante o preparo de Vegetal. Na descrição deste ritual, faço uma reflexão importante em relação à elaboração da bebida, destacando tanto os procedimentos técnicos quanto os mistérios de palavras como definidores da qualidade do chá e *burracheira*.

Em diálogo com a concepção caianinha do Vegetal, situado na intersecção entre sua natureza divina/inteligente e instrumental/sensível à ação humana, questiono-me: não seria reducionista supor que os efeitos da experiência espiritual é redutível à ação da bebida? Ou ainda, não seria também discutível abreviar uma complexa relação de aprendizagem à transmissão de saberes direta entre planta e humanos?

Se há quem argumente que a singularidade da aprendizagem nos contextos ayahuasqueiros está numa ecologia de saberes não transmitidos por humanos “mas pelas plantas ou pelas substâncias de que são portadoras (ALBUQUERQUE, 2011, p. 168)” eu entendo que a especificidade desta relação está

em como a expansão perceptiva potencializada pela bebida é conduzida e integrada pela comunidade de prática, combinando tanto dimensões intangíveis da *burracheira* quanto dimensões práticas da ação humana.

Compreendo que o foco desproporcional no chá enquanto psicoativo ou mesmo planta-professora, em comparação ao chá enquanto um dos agentes dentro de um conjunto de práticas, pode levar-nos ao equívoco de atribuir-lhe a responsabilidade das transformações vivenciadas pelos sujeitos. Assim, poderíamos reduzir um processo complexo de ação mútua entre ayahuasca e participantes rituais a uma relação mecânica de transmissão de conhecimento.

Aqui a reflexão que faço com Wagner (2010) é para problematizar a questão de colocar a Hoasca como sujeito de conhecimento sem considerá-la simultaneamente moldável pela ação humana. Se por um lado, há um avanço interessante e necessário em reconhecer a inteligência das plantas, considero que ele deve seguir acompanhado do reconhecimento da intervenção humana nesse processo de aprendizagem e construção de instrumentos rituais e terapêuticos com esta preciosa bebida. Por isso, observo que uma das contribuições desta etnografia está no detalhamento de como a aprendizagem se realiza e atualiza na relação.

A abordagem sobre a linguagem caianinha considera os processos de convencionalização de sentido e como esta aprendizagem linguística constitui o modo de conhecer e ser caianinho. Tornar-se caianinho envolve um conjunto de transformações relacionadas não somente ao conteúdo mas à forma. Isto é, o discípulo que queira ser aprendiz hábil deve notar certas formas subjacentes aos mistérios de palavras ensinados, mais do que aprender a repeti-las.

Ou melhor dizendo “repetir repetir — até ficar diferente”⁷³, tal como reflito com Ingold (2015a), na UDV trata-se de imitar o conteúdo relativo ao mistério de uma palavra improvisando com relação às circunstâncias de sua expressão no presente. A diferença gerada pela repetição está no jeito, que é o conteúdo. A diferenciação estabelecida entre a forma convencionalizada e a fôrma rígida e descontextualizada constitui

⁷³ Outra poesia de Manoel de Barros de nome “Uma didática da invenção” (Barros, 2013).

a negociação dos limites à criatividade do estudo, com o intuito de controlar o que chamamos de beatice ou fanatismo.

Arrisquei-me a abordar, ainda que superficialmente, o humor surgido nas reflexões dos discípulos, que buscam experienciar o conhecimento dos mistérios das palavras e de sua Força. A brincadeira e o humor constituem-se instrumentos pedagógicos relevantes da iniciação e estudo linguístico.

O enfoque dado à prática desse conhecimento é o que visibiliza os processos de aquisição da linguagem, não enquanto acúmulo de informações e sim como experimentação reflexiva de educação da atenção. Com isso, contribuo ampliando a análise a respeito da experiência hoasqueira para além do Vegetal em si mesmo, enfatizando o conhecer nessa comunidade de prática que é a UDV. Comunidade que pode ser também identificada como Mundo de Hoasca, no qual tanto o Vegetal quanto os mistérios das palavras formam o jeito caianinho de conhecer e ser.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. 1995. O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla – Um estudo centrado na União do Vegetal. Dissertação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior.

BAUMAN, Richard. BRIGGS, Charles L. 2006. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. In: Revista Ilha. Santa Catarina, v. 8, n.1,2. pp. 185-229.

BARTH, Fredrik. 2000[1989]. "O Guru e o Iniciador: transações de conhecimento e moldagem da cultura no sudoeste da Ásia e na Melanésia". In: O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Organização e apresentação Tomke Lask. Rio de Janeiro: Contra Capa. pp. 141-165.

BATESON, Gregory. 1972. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca T; GARCEZ, Pedro M (Orgs.). Sociolinguística interacional. São Paulo: Edições Loyola, pp. 85-105, 2002.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BERNARDINO-COSTA, Joaze (org). 2011. Hoasca, ciência, sociedade e meio ambiente. Campinas, Mercado de Letras.

BRISSAC, Sérgio Góes Telles. 1999. A Estrela do Norte iluminando até o Sul: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano. Dissertação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BYS, Alberto S. 2014. Tempos de saúde na União do Vegetal (UDV). Dissertação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina.

- CALAVIA SAÉZ, Oscar. GIL, Laura Pérez & NAVEIRA, Miguel Carid. 2003. O saber é estranho e amargo. Sociologia e mitologia do conhecimento entre os Yaminawa. In: Revista Campo, v. 4, n. 9. pp. 9-28.
- CAMURÇA, Marcelo. 2001. Da “boa” e da “má vontade” para com a Religião nos cientistas sociais brasileiros. In: Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, n. 1, vol 21, pp. 77-86.
- CARVALHO, José Jorge. 1992. Antropologia: saber acadêmico e experiência iniciática. In: ANUÁRIO Antropológico 90. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 91-107.
- _____. 2006. Uma visão antropológica do esoterismo e uma visão esotérica da Antropologia. Série Antropologia, nº 406.
- CARVALHO, Tatiana. 2005. Em Busca do Encontro: a demanda numinosa no contexto religioso da União do Vegetal. Dissertação de mestrado em psicologia. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- CAVNAR, Clancy and LABATE, Beatriz C. (Eds). 2014. Prohibition, Religious Freedom, and Human Rights: Regulating Traditional Drug Use. Berlin/Heidelberg: Springer.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. ‘Cultura’ e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com Aspas. São Paulo: Cosac & Naify. p. 311-373.
- ECKERT, P. 2006. Communities of Practice. In: Brown, K., Ed., Encyclopedia of Language and Linguistics, Elsevier, Amsterdam. pp. 683-685.
- FABIANO, Ruy. 2012. Mestre Gabriel. O Mensageiro de Deus. Brasília: Pedra Nova.

FERNANDES, Cícero G. 2011. Transformações pessoais na União do Vegetal. Tese em Psicologia. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.

GOFFMAN, Erving. Footing. 1979. In: RIBEIRO, Branca T; GARCEZ, Pedro M (Orgs.). Sociolinguística interacional. São Paulo: Edições Loyola, pp. 85-105, 2002.

_____. 1974. Frame Analysis. Frame analysis: an essay on the organization of experience. New York: Harper and Row.

GOLDMAN, Marcio. 1999. Alguma antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

GONÇALVES, Marco Antonio. 2010. Traduzir o outro. Rio de Janeiro: 7Letras.

GOULART, Sandra Lucia. 2004. Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da ayahuasca. Tese em Ciências Sociais. São Paulo: Universidade Federal de Campinas.

GROISMAN, Alberto. 1999. Eu venho da floresta. Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Editora da UFSC.

GUESSE, Érika Bergamasco. 2014. Shenipabu Miyui: literatura e mito. Tese de doutorado em Estudos Literários. Araraquara: Universidade Estadual Paulista.

HALLOWELL, Irving A. 1955. Culture and experience. Filadélfia, PA: University of Pennsylvania Press.

GAUJAC, Alain. 2013. Estudos sobre o psicoativo N,N-dimetiltriptamina (DMT) em Mimosa tenuiflora (Willd.) Poiret e em bebidas consumidas em contexto religioso. Tese de doutorado em Química. Salvador: Universidade Federal da Bahia.

GUPTA, Akhil, FERGUSON, James eds. 1997. Discipline and practice: "The field" as site, method and location in anthropology.

In: *Anthropological Locations: Boundaries and Grounds of a Field Science*. Berkeley, Calif: University of California Press.

HIGHPINE, Gayle. 2012. Unraveling the Mystery of the Origin of Ayahuasca. In: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP).

<http://www.neip.info/index.php/content/view/2469.html>

INGOLD, Tim. 2010. Da transmissão de representações à educação da atenção. In: *Educação*. Porto Alegre: v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____. 2015a. *Estar vivo. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes.

_____. 2015b. O Dédalo e o Labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, pp. 21-36.

JAKOBSON, Roman. 2010 [1967]. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix.

KEANE, Webb. 1997. *Signs of recognition: powers and hazards of representation in an Indonesian Society*. Berkley: University of California Press.

LABATE, Beatriz C. 2000. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Dissertação em Antropologia Social. São Paulo: Universidade Federal de Campinas.

LABATE, Beatriz Caiuby; PACHECO, Gustavo. 2009. *Música brasileira de Ayahuasca*. Campinas: Editora Mercado das Letras.

LANGDON, Jean. 2013. “A viagem à casa das onças”: narrativas sobre experiências extraordinárias. In: RAPOSO, Paulo. et al. *A terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance*. Florianópolis: Ed. Da UFSC.

_____. 2014. *La negociación de lo oculto. Chamanismo, medicina y familia entre los Siona del bajo Putumayo*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca.

LAVE, Jean. 1991. Situated Learning in Communities of Practice. In: Resnick, L., Levine, J., Teasley, S. Perspectives on Socially Shared Cognition. American Psychological Association.

_____. 2015. Aprendizagem como/na prática. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. Mitológicas 1. São Paulo: CosacNaify, 2004.

LODI, Edson. 2010. Relicário: Imagens do sertão. Brasília: Pedra Nova.

LUNA, Luis E. Ayahuasca em Cultos Urbanos Brasileiros. Estudo Contrastivo de alguns Aspectos do Centro Espírita e Obra de Caridade Príncipe Espadarte Reino da Paz (a Barquinha) e o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal UDV. Trabalho apresentado para o concurso de professor adjunto em antropologia. Florianópolis: Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina. 1995.

MAAS, Mateus H. Zott. 2015. Quando o “nativo” é pesquisador. Notas sobre o trabalho de campo no Santo Daime. Revista Ponto Urbe, Vol. 17.

MELO, Rosa Virginia A. de A. 2010. Beber na fonte: adesão e transformação na União do Vegetal. Tese em Antropologia Social. Universidade Federal de Brasília.

MERCANTE, Marcelo S. 2012. Imagens de cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

MERLEAU-PONTY, Maurice. 1989. Textos escolhidos (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural.

OVERING, Joanna. 1995. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões' In: Revista Mana 1, Vol.1. pp. 107-139.

PIERUCCI, Antônio Flávio. 1999. Sociologia da religião: área impuramente acadêmica. In: S. Miceli (org). O que ler na Ciência Social brasileira (1970- 1995). Vol. 2. Sociologia. São Paulo/Brasília: Ed. Sumaré/ANPOCS/CAPES, pp. 237-286.

RIBEIRO, Dilma Lopes da Silva. 2009. A busca de si numa religião hoasqueira – oralidade, memória e conhecimento na União do Vegetal (UDV). Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Belém: Universidade Federal do Pará.

RICCIARDI, Gabriel Santos. 2008. O uso da ayahuasca e a experiência da transformação, alívio e cura na União do Vegetal (UDV). Dissertação em Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia.

SEGATO, Rita Laura. 1992. "Um paradoxo do relativismo: o discurso racional da antropologia frente ao sagrado". *Religião e Sociedade*, 16(1-2):31-46.

SILVA, Vagner Gonçalves da Silva. 2006. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp.

SILVA RIBEIRO, Camila. 2014. Mergulho no ser: corpo e memória em cerimônias indígenas com Huni. Dissertação de mestrado em psicologia. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.

SOUZA, Valdir Mariano de. 2010. Ayahuasca identificando sentidos: o uso ritual da bebida na União do Vegetal. São Luis: Universidade Federal do Maranhão. Dissertação em Ciências Sociais.

STRATHERN, Marilyn. 2014. O efeito etnográfico e outros ensaios. Editora Cosac Naify.

TAMBIAH, Stanley J. 1968. The Magical Power of Words (Malinowski Memorial Lecture 1968). *Man*, v. 3, n. 2, pp. 175-208.

VELHO, Otávio. 1998. O que a religião pode fazer pelas Ciências Sociais? *Religião e Sociedade* 19/1. pp. 9-17.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. *Mana*, 2(2):115-144.

WAGNER, Roy. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo: CosacNaif.